UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA

MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

ÁNGEL CAÑETE GÓMEZ

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS/AS MÉDICOS/AS CUBANOS/AS DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS EM NOTÍCIAS DO PORTAL G1 A PARTIR DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

FORTALEZA - CEARÁ

2021

ÁNGEL CAÑETE GÓMEZ

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS/AS MÉDICOS/AS CUBANOS/AS DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS EM NOTÍCIAS DO PORTAL G1 A PARTIR DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.ª Dra. Claudiana Nogueira de Alencar

FORTALEZA – CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gomez, Angel Canete.
A construção das identidades dos/as médicos/as cubanos/as do Programa Mais Médicos em notícias do portal G1 a partir dos Estudos Críticos do Discurso [recurso eletrônico] / Angel Canete Gomez. - 2021.
124 f. : il.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Programa de Pós-graduação Em Linguística Aplicada - Mestrado Acadêmico, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof.ª Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.
1. Análise de Discurso Crítica. 2. Ideologia. 3. Médicos/as cubanos/as. 4. Programa Mais Médicos. I. Título.

ÁNGEL CAÑETE GÓMEZ

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS/AS MÉDICOS/AS CUBANOS/AS DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS EM NOTÍCIAS DO PORTAL G1 A PARTIR DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 23 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Emanoel Pedro Martins Gomes
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Profa. Dra. Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira
Universidade Estadual do Ceará – UECE

A todos os que virão depois de mim.

AGRADECIMENTOS

A todos os egos e egoísmos que me trouxeram até aqui.

À minha mãe, Maria Gracia Gómez Machuca, e ao meu pai, Ricardo Cañete Garrido, que mesmo com a distância sempre estão por perto. Ao meu irmão, amigos e familiares que ficam ao outro lado do "*charco*".

À minha namorada, Telma de Castro, pela sua simplicidade.

Aos colegas do GPADC, especialmente ao Prof. Dr. Lucineudo Machado.

Aos colegas do PosLa-UECE, especificamente à Elis Larisse.

Aos colegas do PragmaCult, especificamente à Gílian Gardia.

À minha orientadora, Profa. Dra. Claudiana Nogueira, que me deu a oportunidade de realizar o mestrado; à professora do PosLa-UECE, Profa. Dra. Dina Maria, por sua intensidade dialética pedagógica; e ao Prof. Dr. Emanoel Pedro, por me servir de inspiração.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro à minha pesquisa de mestrado.

“Nós, na qualidade de intelectuais e professores, precisamos assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade”.

(Alastair Pennycook)

“Sem ‘caos’, não há conhecimento.
Sem freqüente renúncia à razão, não há progresso”.

(Paul Feyerabend)

“É tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos”.

(Aníbal Quijano)

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de analisar as identidades projetadas no discurso das notícias que circularam no portal digital *G1.com* em torno dos médicos/as cubanos/as do Programa Mais Médicos. Para tal feito, dentro da ciência Linguística Aplicada, com sua proposta indisciplinar desenvolvida por Moita Lopes (1996, 2006 e 2013) e outros autores como Szundy e Fabricio (2019), fizemos um breve intervalo para discutir alguns dos aspectos mais interessantes, como a pluralidade das teorias científicas e os paradigmas científicos do filosofo da ciência Feyerabend (1965, 1986, 2007). A teoria-metodologia empregada nesta pesquisa parte dos postulados da Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2016), como também utilizamos o conceito de Ideologia, cunhado por Thompson (2011). Enquanto constructo metodológico para análise sobre discursividade ideológica de enfoque qualitativo, tomamos a teoria-método tridimensional/transformacional de Fairclough (2016) e Chouliaraki e Fairclough (1999), junto com o alargamento decolonial de Resende (2020), e as formas de investigação hermenêutica de Thompson (1996). Para dar conta da análise, reunimos um *corpus* composto por 9 notícias selecionadas dentre um total de 588, recolhidas ao longo dos anos de 2016 e 2019 no portal *G1.com*, por meio das palavras-chave: *médicos cubanos.* Essas notícias foram divididas em 3 períodos que, a nosso juízo, são relevantes para a análise. O primeiro período percorre do 31 de julho de 2016 até 14 de novembro de 2018. O segundo período abrange desde a saída dos médicos cubanos até o dia 1 de fevereiro de 2018 (um mês depois da posse de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República). E o terceiro período inicia-se um mês depois da posse de Jair Bolsonaro até o dia 1 de setembro de 2019. Para alcançar, pois, o nosso objetivo, usamos as técnicas padronizadas de análise e interpretação de dados facilitadas e baseadas na perspectiva sócio-cognitiva da ADC de van Dijk (2003) e suas categorias: Aspectos morfológicos, construções sintáticas, elementos semânticos, estruturas retóricas e estratégias de controle; bem como utilizaremos os modos de operação da ideologia de Thompson (2016) e suas categorias: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e Reificação. As estruturas linguístico-discursivas empregadas nos textos das notícias selecionadas em nosso *corpus* apresentam relações de dominação marcadas pelos modos de operação ideológica, bem

como as identidades projetadas pelas notícias sobre os/as médicos/as cubanos/as são, em geral, de uma ordem negativa.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Ideologia. Médicos/as cubanos/as. Programa Mais Médicos.

ABSTRACT

This work has the purpose of analyzing the identities projected in the discourse of the news that circulated on the digital portal G1.com around the cuban doctors of the Mais Médicos Program. To this end, within the science of Applied Linguistics, with interdisciplinary proposal developed by Moita Lopes (1996, 2006, 2013) and other authors such as Szundy and Fabricio (2019), we took a short break to discuss some of the most interesting aspects, such as the plurality of scientific theories and the scientific paradigms of the philosopher of science Feyerabend (1965, 1986, 2007). The theory-methodology used in this research is based on the postulates of Fairclough's Critical Discourse Analysis (2016), as well as the concept of Ideology, coined by Thompson (2011). As a methodological construct for analyzing ideological discursivity with a qualitative approach, we take Fairclough's (2016) and Chouliaraki and Fairclough's (1999) three-dimensional/transformational theory-method (1999), along with Resende's decolonial broadening (2020), and forms of hermeneutical investigation from Thompson (1996). To carry out the analysis, we gathered a *corpus* composed of 9 news items selected from a total of 588, collected over the years 2016 and 2019 on the G1.com portal, using the keywords: cuban doctors. These news were divided into 3 periods that, in our opinion, are relevant for the analysis. The first period runs from July 31, 2016 to November 14, 2018. The second period covers from the departure of cuban doctors until February 1, 2018 (one month after the inauguration of Jair Messias Bolsonaro as President of the Republic of Brazil). Finally, the third period begins one month after the inauguration of Jair Bolsonaro until September 1, 2019. In order to achieve our objective, we use standardized techniques for data analysis and interpretation facilitated and based on the socio-cultural perspective of Van Dijk's (2003) ADC and its categories: Morphological aspects, syntactic constructions, semantic elements, rhetorical structures and control strategies; as well as using the modes of operation of Thompson's Ideology (2016) and its categories: legitimation, dissimulation, unification, fragmentation and reification. The linguistic-discursive structures used in the texts of the news selected in our *corpus* present relations of domination marked by the modes of ideological operation, as well as the identities projected by the news about cuban doctors are, in general, of a negative.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Ideology. Cuban doctors. Mais Médicos Program

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar las identidades proyectadas en el discurso de las noticias que circularon en el portal digital g1.com sobre los/as médicos/as cubanos/as del Programa Más Médicos. Para ello, dentro de la ciencia de la Lingüística Aplicada con su propuesta Indisciplinar desarrollada por Moita Lopes (1996, 2006 y 2013) y otros autores como Szundy y Fabricio (2019), colocamos una breve discusión sobre algunos de los aspectos más interesantes como pluralidad las teorías científicas y los paradigmas científicos del filósofo de la ciencia Feyerabend (1965, 1986, 2007). Nuestra teoría-método utilizado en la investigación parte de los postulados del Análisis de Discurso Crítico de Fairclough (2016), así como el concepto de Ideología acuñado por Thompson (2011). Como constructo metodológico para el análisis de la discursividad ideológica con enfoque cualitativo, se toma la teoría-método tridiminesional/transformacional de Fairclough (2016) y Chouliaraki y Fairclough (1999), junto con su extensión descolonial de Resende (2020), y la formas de investigación hermenéutica de Thompson (1996). Para dar cuenta del análisis, reunimos un corpus compuesto por 9 noticias seleccionadas de un total de 588, recopiladas durante los años 2016 y 2019 en el portal G1.com, utilizando las palabras clave: médicos cubanos. Estas noticias estará dividida en 3 periodos que a nuestro juicio son relevantes para el análisis, el primer periodo va desde el 31 de julio de 2016 hasta el 14 de noviembre de 2018. El segundo período sería desde la salida de los médicos cubanos hasta el 1 de febrero de 2018. Y el tercer período desde un mes después de la toma de posesión de Jair Bolsonaro hasta el 1 de septiembre de 2019. Por tanto, para alcanzar nuestro objetivo, utilizamos las técnicas estandarizadas de análisis e interpretación de datos facilitados y basados en la perspectiva socio-cognitiva de la ADC de van Dijk (2003) y sus categorías: Aspectos morfológicos, construcciones sintácticas, elementos semánticos, retóricas. estructuras y estrategias de control. Reconocer los modos de funcionamiento de la ideología de Thompson (2016) y sus categorías: legitimación, disimulación, unificación, fragmentación y cosificación. Las estructuras lingüístico-discursivas empleadas en los textos informativos seleccionados de nuestro corpus presentan relaciones de dominación marcadas por los modos de funcionamiento ideológico y que las identidades que éstos proyectan sobre los médicos cubanos son en general de orden negativo.

Palabras clave: Estudios del Discurso Crítico. Ideologia. Médicos/as Cubanos/as. Programa Más Médicos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação entre forma, médio e função nos textos..... 29

Figura 2 – Os estratos da linguagem..... 31

Figura 3 – Relação entre os tipos de significado e os sistemas lexicogramaticais..... 34

Figura 4 – Eixos das ordens de discurso e significados discursivos..... 47

Figura 5 – Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem em diálogo com o giro decolonial..... 48

Figura 6 – O enquadre para ADC de Clouliaraki e Fairclough..... 70

Figura 7 – Formas de investigação hermenêutica..... 71

Figura 8 – Texto 01 – "Ministério pretende reduzir número de médicos cubanos no mais médicos"..... 81

Figura 9 – Texto 02 – "Municípios que apoiaram judicialização envolvendo cubanos do mais médicos podem sair do programa, diz ministro"..... 84

Figura 10 – Texto 03 – "Bolsonaro diz que vai usar revalida para 'expulsar' médicos cubanos do Brasil"..... 86

Figura 11 – Texto 04 – "É 'desumano' dar aos mais pobres atendimento sem 'garantia', diz Bolsonaro sobre cubanos"..... 90

Figura 12 – Texto 05 – "'Acho que metade não volta' diz Mourão sobre cubanos no mais médicos"..... 94

Figura 13 – Texto 06 – "Novo ministro da saúde diz que atuação de médicos cubanos no Brasil parecia convênio entre Cuba e o PT"..... 97

Figura 14 – Texto 07 – "Governo estuda substituir mais médicos por outro programa, diz porta-voz da presidência" 100

Figura 15 – Texto 08 – "Fora do mais médicos, cubanos caem na informalidade para viver no AC: 'Dói encontrar pacientes na rua'..... 103

Figura 16 – Texto 09 – "Governo anuncia 18 mil vagas com salários de até R$31 mil no novo mais médicos"..... 106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisão de períodos do *corpus*..... 73
Quadro 2 – Notícias do portal *G1.com* autorais..... 74
Quadro 3 – *Corpus* selecionado para análise..... 75

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	16
1.1	**Uma tentativa de dadaísmo epistemológico para a Linguística Aplicada: Paul Feyerabend, o esquecido na indisciplinaridade.....**	22
1.2	**O ponto de partida.....**	26
2	**APORTE TEÓRICO.....**	27
2.2	**Do modelo tridimensional/transformacional de Fairclough ao modelo decolonial dos estudos críticos do discurso.....**	27
2.1.1	A importância da Linguística Sistêmico-Funcional de H. Halliday para a ADC.....	28
2.1.2	A dupla dialética do discurso.....	35
2.1.3	Um intervalo entre a ADC e os EDC: Teun A. van Dijk.....	42
2.1.4	Afinal o que é decolonizar os Estudos Críticos do Discurso?.....	44
2.2	**Discussão entre mídia, ideologia e modernidade tardia.....**	48
2.2.1	Aparelhos Ideológicos de Estado e Ideologia em Louis Althusser.....	51
2.2.2	Sobre Ideologia, mídia e modernidade tardia para John B. Thompson.....	55
3	**APORTE METODOLÓGICO.....**	65
3.1	**Caracterização da pesquisa: tipo, natureza e orientação epistemológica.....**	68
3.2	**Constituição do corpus.....**	72
3.3	**Procedimentos de análise.....**	75
3.4	**Categorias de análise.....**	77
4	**ANÁLISES.....**	80
4.1	**Texto 1 – "ministério pretende reduzir número de médicos cubanos no mais médicos".....**	81
4.2	**Texto 2 – "municípios que apoiaram judicialização envolvendo cubanos do mais médicos podem sair do programa, diz ministro".....**	84
4.3	**Texto 3 – "bolsonaro diz que vai usar revalida para 'expulsar' médicos cubanos do brasil".....**	86

4.4 Texto 4 – "É 'desumano' dar aos mais pobres atendimento sem 'garantia', diz Bolsonaro sobre cubanos"..... 90

4.5 Texto 5 – "'Acho que metade não volta' diz Mourão sobre cubanos no Mais Médicos"..... 94

4.6 Texto 6 – "Novo ministro da saúde diz que atuação de médicos cubanos no Brasil parecia convênio entre Cuba e o PT"..... 97

4.7 Texto 7 – "Governo estuda substituir mais médicos por outro Programa, diz porta-voz da presidência"..... 100

4.8 Texto 8 – "Fora do mais médicos, cubanos caem na informalidade para viver no ac: 'dói encontrar pacientes na rua'"..... 103

4.9 Texto 9 – "Governo anuncia 18 mil vagas com salários de até r$31 mil no novo mais médicos"..... 106

4.10 Discussão final: uma outra história..... 111

5 CONSIDERAÕES FINAIS..... 113

REFERÊNCIAS..... 116

ANEXO A - CARTA DE SAÍDA DOS/AS MÉDICOS/AS CUBANOS/AS DO GOVERNO CUBANO..... 121

1 INTRODUÇÃO

Ao final do controverso ano de 2018 ocorreu a saída dos/das médicos/as cubanos/as alocados no Brasil pelo Programa Mais Médicos (doravante PMM). Final que se deu avocado com o triunfo de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais do supracitado ano no Brasil. Essa saída dos/das médicos/as cubanos/as do PMM foi consequência das "referências diretas, depreciativas e ameaçadoras"[1] do então presidente eleito Jair Messias Bolsonaro.

Desde 2013, ano em que se cria o PMM até 2018, com a saída dos/das médicos/as cubanos/as do programa, e consequentemente com a reformulação do programa renomeado para Programa Médicos pelo Brasil (doravante PMB) em 2019, no país há uma ideologia hegemônica, que pode ser compreendida à luz de alguns pressupostos da Modernidade Tardia (Giddens 1991, 2002). E, também em 2013[2], com as eleições para a presidência entre Dilma Rousseff e Aécio Neves, pode-se perceber essa ideológica em alguns posicionamentos dos aparelhos de poder e no uso da mídia para a derrocada final da presidenta Dilma Rousseff, em 2016.

Antes, em 2014, no contexto de suposta alegria pelo fato de o Brasil sediar a Copa do Mundo da FIFA, começaram a surgir protestos contra o governo, que desembocaram na instauração da crise política no país[3]. O processo do *impeachment* começou em 2015 e foi finalizado em 2016, colocando Michel Temer na presidência e expulsando Dilma Rousseff do governo, fato em que a mídia criou uma onda de desprestigio contra o Partido dos Trabalhadores (PT), de tal modo que nas eleições de 2018 o partido teve sua imagem quebrada, o que fez com que não fosse competitivo ante o grande avanço da figura de Jair Messias Bolsonaro, episódio que logo resultaria em sua eleição, independente do discurso violento e de ódio que ele professa.

A presente dissertação de conclusão de mestrado trata sobre a construção discursiva das identidades sobre o Programa Mais Médicos (doravante PMM),

[1] Bolsonaro: 'Cubano que quiser pedir asilo aqui, vai ter' <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/14/bolsonaro-cubano-que-quiser-pedir-asilo-aqui-vai-ter.ghtml>. Acesso em 08 nov. 2021.

[2] Desde a eleição de Lula, a mídia hegemônica vem preparando e solidificando um sentimento antipetista, antilulista, antiesquerda na sociedade brasileira. Podemos nos inteirar deste asunto a partir de Teses e Dissertações produzidas no PosLa/UECE, como por exemplo, o trabalho: Mídia, política e luta social na história recente do Brasil: linguagem, violência e hegemonia, validariam nossa afirmação.

[3] Silva Alves (2020).

especificamente, sobre as identidades que refletem notícias divulgadas no portal *G1.com* entre o ano de 2016 (ano do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff) até o ano de 2019 (ano em que o PMM foi finalizado e renomeado para Médicos pelo Brasil, pelo presidente Jair Messias Bolsonaro) acerca dos/as médicos/as cubanos/as que atuavam no PMM sob os pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso (doravante ECD). Por conseguinte, planejamos entender em que medida as notícias do portal G1.com entre os anos 2016 e 2019 podem ser concebidas como parte de um projeto de poder que constroem as identidades sobre os/as médicos/as cubanos/as do PMM. Para tanto, propomos investigar as identidades acerca dos/as médicos/as cubanos/as que atuaram no PMM no Brasil nas notícias divulgadas no portal *G1.com* nos anos anteriormente ditos.

Deste modo, tínhamos a suposição de que encontraríamos nas notícias do portal *G1.com*, referentes ao período entre o ano de 2016 até o ano de 2019, tendências de uma identidade do/a médico/a cubano/a negativa, ancorada num sentimento xenofóbico e antiprogressista no desprestígio contra o PMM e aos/às médicos/as cubanos/as que reflete uma ideologia neoliberalista. Para tal feito, amparados pela visão de estudiosos da decolonização, como Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), Lander (2005) ou Quijano (2005) partimos do arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) de Fairclough (2001), contando ainda com o esforço decolonizador da perspectiva dialético-relacional de Resende (2019) para aderirmos aos EDC de van Dijk (2003, 2008, 2016), em conjunção com as concepções de Ideologia e os modos gerais de operação da ideologia de Thopmson (2011).

Para alcançar esta suposição geral, elaboramos os seguintes objetivos de pesquisa:

1. Analisar as estratégias linguístico-discursivas (van Dijk, 2003) mais frequentes no discurso midiático brasileiro sobre os/as médicos/as cubanos/as do PMM nas notícias do portal *G1.com*;

2. Categorizar os modos de operação ideológicos (Thompson, 1995) empregados nas notícias sobre os/as médicos/as cubanos/as do PMM no portal *G1.com*;

3. Identificar a ideologia recorrente no discurso midiático brasileiro sobre os/as médicos/as cubano/as imigrantes do PMM nas notícias do portal *G1.com*.

Com esta pesquisa, analisamos os discursos da mídia sobre os/as médicos/as cubanos/as imigrantes do Programa Mais Médicos (doravante PMM) no Brasil. O PMM foi implementado no Brasil, instituído pela Lei nº 12.871 de 22 de outubro de 2013, como

uma proposta para avançar na solução dos problemas da Atenção Primária à Saúde (APS) no Sistema Único de Saúde (SUS), e apresentou medidas que intervêm na formação, na estrutura e no provimento de médicos nos serviços de APS. Segundo Kemper, Mendonça e Sousa (2016), isso causou reação negativa das entidades médicas, com inúmeras disputas ideológicas e judiciais contra a vinda de médicos estrangeiros para atuar na Atenção Básica.

Assim, analisamos as identidades construídas sobre o/a médico/a cubano/a no discurso midiático, na conjuntura político-ideológica dos últimos anos no Brasil, apresentando reflexões de ordem crítica sobre a vinda dos/as médicos/as cubanos/as, passando pelo período em que aconteceu o golpe político de 2016[4], percorrendo o momento da renomeação do Programa para Médicos pelo Brasil, até a decisão do governo cubano da saída dos/as médicos/as cubanos/as do território brasileiro, como consequência das "referências diretas, depreciativas e ameaçadoras"[5] do então presidente eleito Jair Messias Bolsonaro. Com isso, buscamos relacionar o discurso midiático com a recente reestruturação do capitalismo e seu impacto nas relações sociais, na função da mídia, na política, na noção de poder e na construção de subjetividades (VAN DIJK, 2008).

Diante do exposto, não cabe mais nos perguntar se a mídia pode engajar a população nas suas formas de pensar e agir, pois muitíssimos estudos o confirmam[6] – a mídia, por princípio é hegemônica.

Partindo dos pressupostos do arcabouço teórico-metodológico da ADC, especialmente a partir dos pressupostos de Fairclough (2016), que consistem num modelo tridimensional do discurso, foram utilizadas três dimensões que correspondem à prática social, à prática discursiva e ao texto. O universo faircloughiano não é um universo fechado, mas aberto[7], em que cada uma das dimensões se comunica dialeticamente mediante a prática discursiva. Por essa razão, tal perspectiva, dentro da ADC, é conhecida como teoria dialético relacional.

---

[4] Mesmo que controverso, no Brasil, o posicionamento da escolha do termo 'golpe' é esclarecido no desenvolvimento do livro Análise de Discurso Crítica do golpe de 2016 na mídia hegemônica brasileira, de Antonio Edson Alves da Silva (2020).

[5] https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/14/bolsonaro-cubano-que-quiser-pedir-asilo-aqui-vai-ter.ghtml>. Acesso em 08 nov. 2021.

[6] Silva Alves (2020); Peixoto Gonçalves (2018).

[7] Assim, para a ADC o conceito da abordagem funcionalista de linguagem é o aplicável, pois, para o funcionalismo, perspectiva dentro da qual se inclui a ADC, "a linguagem tem funções externas ao sistema, e essas funções são responsáveis pela organização interna do sistema linguístico" (RESENDE; RAMALHO, 2009, p.12).

Com base na leitura do esforço decolonial de Acosta (2019) do modelo tridimensional de Fairclough, desenvolvido no livro "Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso", de organização de Resende (2019), buscamos compreender como as estratégias linguístico-discursivas detalhadas por van Dijk (2003) são empregadas na construção de sentidos sobre identidades sociais pela grande mídia, destacando seu caráter ideológico. Diante da leitura de autores como Althusser (1974), Foucault (1986, 2003), Žižek (1996) e, sobretudo, Thompson (2011), defendemos que o sistema midiático, como todo aparelho ideológico do estado (ALTHUSSER, 1974), funciona para atender aos interesses da classe dominante e atua em cooperação com os demais aparelhos ideológicos, sob controle da classe dominante, para interpelar e persuadir a opinião pública, chegando até mesmo a mobilizar os oprimidos contra os seus próprios interesses. Isso ocorre em proporções ainda mais evidentes dependendo do quão assimétricos e vulneráveis estão em comparação àqueles que detêm os mecanismos de poder na escala de dominação, na medida em que tendem a reforçar conhecimentos, crenças e valores que podem contribuir, de alguma forma, na construção de uma identidade desprestigiada para os/as médicos/as cubanos/as do PMM.

Sendo assim, nosso trabalho alicerça-se nos fundamentos de autores/as como van Dijk (2008) ao qual incluímos na corrente da decolonização dos Estudos Críticos do Discurso (doravante ECD), Resende (2019) ou Acosta (2019), buscando flagrar indícios de Ideologia (Thompson, 1995) em seus diversos modos gerais de operação ideológica (Thompson, 1995) em nosso *corpus* de análise.

Para nortear nossa questão principal: de que modo as notícias do portal *G1.com* entre os anos 2016 e 2019 constroem as identidades sobre os/as médico/as cubano/as do PMM. A referida questão foi desdobrada em:

1. Quais estruturas linguístico-discursivas (van Dijk, 2003, 2008, 2016) empregadas pelos jornalistas do por tal *G1.com* sustentam as estratégias típicas de construção simbólica (Thompson, 1995) sobre o/a médico/a cubano/a do PMM nas notícias do Portal *G1.com*?

2. Quais modos gerais de operação ideológica (Thompson, 1995) que emergem das estratégias típicas de construção simbólica (Thompson, 1995) são mais recorrentes nas notícias do portal *G1.com* sobre o/a médico/a cubano/a do PMM?

3. Qual Ideologia (Thompson, 1995) refletida pelos modos gerais de operação da ideologia (Thompson, 1995), é empregada no discurso midiático das notícias sobre os/as médicos/as cubanos/as do PMM no portal *G1.com*?

Nossas suposições para essas questões são que o discurso da mídia brasileira legitima a hegemonia e o domínio das elites, já que a mídia se constitui como uma importante ferramenta para um determinado propósito, bem como uma peça-chave na implementação de uma Política Pública, podendo contribuir para seu fracasso ou sucesso. Supondo que a implementação do PMM serviu para tensionar tanto a elite médica do país quanto para os partidos conversadores de direita no país, acreditando que a presença indesejada de médicos cubanos no programa, o que revelaria, portanto, que eles não fossem bem-vindos, logo um aspecto xenofóbico para com eles.

Partimos do pressuposto de que as notícias veiculadas pelo portal *G1* sobre o PMM possuem uma característica muito peculiar de produção. Como afirma van Dijk (2008 p.79), "o ataque racista declarado é raro" e torna-se mais fácil a disseminação de tal ideologia de discriminação por meio de estratégias discursivas sutis. Acreditamos que isso se dá principalmente nas notícias veiculadas pela *internet* do portal *G1*, grupo majoritário que continua mantendo seu poder, às vezes sutil e mascarado, como nas notícias sobre o PMM.

Os ECD em conjunção com as concepções de Ideologia e os Modos de operação da ideologia de Thompson (2005) nos fazem perceber que, na conjuntura histórico-político-social que se apresentou no Brasil entre os anos de 2016 e 2019 não seria diferente, tendo em vista que existiu um discurso ideológico hegemônico que até hoje possivelmente ainda exista, e que trabalha na mídia brasileira para seu próprio interesse.

Para ilustrar melhor, organizamos em forma esquemática as suposições específicas para cada uma das questões anteriores:

1. Encontraremos estratégias linguístico-discursivas (van Dijk, 2003, 2008 e 2016) que tendem a ancorar modos gerais de operação da ideologia (Thompson, 2015), tais como: os aspectos morfológicos, construções sintáticas, elementos semânticos, estruturas retóricas e estratégias de controle do discurso.

2. As estratégias linguístico-discursivas (van Dijk, 2003, 2008 e 2016) irão ancorar diferentes modos gerais de operação da ideologia (Thompson, 2015), tais como:

legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, operações ancoradas na ideologia, no racismo ou na solidariedade.

3. Os modos gerais de operação ideológica (Thompson, 2015), irão refletir Ideologia (Thompson, 2015) no discurso midiático das notícias do portal *G1.com*.

Como exemplo disto, podemos apontar o estudo realizado por Leonardo Souza[8], na qual seu corpus de análise é composto por 12 textos publicados entre os anos de 2013 e 2014 pelo *Portal Médico* – veículo que representa o *Conselho Federal de Medicina* - e outros textos publicados pelo *site Pragmatismo Político*, veículo independente, que exerce o jornalismo colaborativo. Souza (2014) aponta, em suas análises, que no discurso do *Conselho Federal de Medicina* sugere a superioridade dos/as nossos/as profissionais; e o discurso do *Pragmatismo Político* reconhece a qualidade dos/as médicos/as estrangeiros/as e ressalta a importância das contratações feitas pelo Programa Mais Médicos.

O estudo de Souza foi incluído na revisão bibliográfica sobre o PMM de Kemper, Mendonça e Sousa (2016), esta revisão bibliográfica teve como objetivo mapear e dimensionar a produção científica sobre o PMM, bem como sistematizar os achados e apresentar os resultados a partir de uma análise crítica, em que foram consideradas para a revisão do PMM um total de 54 publicações, sendo 37 em formato de artigo e 17 trabalhos acadêmicos, divididos em nove trabalhos de conclusão de curso ou monografias, e oito dissertações de mestrado.

Os textos revisados foram organizados em seis categorias, considerando o foco principal do estudo ou dos resultados apresentados. As categorias são: a) Análise da implantação do PMM (15 publicações); b) Efetividade (15); c) Mídia (8); d) Limitações e críticas (6); e) Formação (5); e f) Análise jurídica/ constitucional (5). Contudo, só 8 trabalhos foram relacionados à mídia e à ADC no período compreendido entre 2013 e 2016. Segundo Kemper, Mendonça e Sousa (2016) com relação aos estudos que apontam análises dos discursos dos médicos e das entidades representativas, percebe-se um posicionamento discriminatório, desqualificando os médicos estrangeiros e sugerindo a superioridade dos brasileiros. Discordamos do pensamento de Souza (2014), que afirma que houve uma mudança do discurso com relação aos médicos cubanos à medida que o PMM se consolidava.

[8] SOUZA, L. Representações do "Programa Mais Médicos" pelo *site* Pragmatismo Político e pelo Portal do Conselho Federal de Medicina. Dissertação de mestrado, PPL-UnB, 2014.

Considerando o ano de publicação do estudo de Souza, em 2014, e da revisão bibliográfica de Kemper, Mendonça e Sousa, em 2016, pensamos que existe um vazio a ser preenchido entre os anos de 2016 e 2019 em que o PMM seguiu funcionando. Portanto, este trabalho pretende, além de destacar todo um processo midiático e político em torno da construção discursiva e ideológica das identidades, também pretende contribuir a possíveis revisões bibliográficas futuras em torno a produção cientifica sobre o PMM.

Essas últimas não seriam nossas únicas intenções neste trabalho, pois, abordar este tema de pesquisa tem mais do que um caráter meramente teórico ou de contribuição à área de estudo dos ECD, mas, sobretudo, traz a proposta defendida por van Dijk (2008 p. 15) em sua obra *Discurso e poder* de que "estudiosos dos ECD não são 'neutros', mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados pela sociedade", o que nos revela a importância do trabalho do analista crítico do discurso e de nossa proposta de trabalho. Ademais, parafraseando as palavras de K. Rajagopalan (2003), o linguista deve reivindicar uma postura ética, ou seja, política, em relação à sua disciplina. O trabalho contribuirá para uma reflexão sobre a noção de identidade no contexto atual de imigração, deslocamento, transculturalismo, miscigenação e multilinguismo, situações em que a(s) identidade(s) dos indivíduos pode(m) mudar ou se misturar (Moita Lopes, 2006).

Seguindo, então, essas últimas propostas de eticidade com respeito ao posicionamento que o cientista deve tomar, e especificamente o linguista, nos inscrevemos nos fundamentos epistêmicos e ontológicos da Linguística Aplicada (doravante LA) e mais especificamente aquela LA que defendem os estudos de Pereira e Roca (2011), Moita Lopes (1996, 2004, 2006 e 2013) e Szundy, Tilio e Melo (2019), uma LA Indisciplinar (doravante LAI), a qual iremos discutir alguns aspetos no seguinte tópico afrontando-a com o dadaísmo epistemológico de Paul Feyerabend (1962 e 2007), já que identificamos nos textos de Moita Lopes (1996, 2004, 2006 e 2013) e de outros autores que aderem a essa forma de fazer ciência, como Szundy e Fabricio (2019) e Roca (2011) que existe uma lacuna referencial sobre a originalidade da indisciplinaridade.

1.1 Uma tentativa de dadaísmo epistemológico para a Linguística Aplicada: Paul Feyerabend, o esquecido na indisciplinaridade

A indisciplinaridade é, sem dúvida, o problema mais profundo e interessante ligado à Linguistica Aplicada (LA) de Moita Lopes (1996, 2004, 2006 e 2013), e provavelmente uma das suas contribuições mais importantes à discussão de como se fazer

Linguística Aplicada desde o início do século XXI. Portanto, podemos decifrar aqui que a Indisciplinaridade é assunto fundamental no que se refere à Linguística Aplicada na sua forma problematizadora de colocar em crise a essa forma de fazer ciência com fundamentos na suposta racionalidade científica geral.

Para abordar essa problematização, somos orientados a contribuir para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a noção *trans*epistêmica[9] de como se fazer LA Indisciplinar no contexto atual em que se "propõe a reinvenção da vida social em processos de (des/re)construção de conhecimentos que questionam a visão do mundo ocidental celebrada pelo Modernismo" (SZUNDY; FABRICIO, p. 65).

Para isso, nosso embate é realizado com base no levantamento bibliográfico, centrado nos principais autores que contribuem na discussão. Essa orientação traz como objetivo uma maior aproximação da conceitualização que caracteriza o problema da indisciplinaridade na LA.

Ao tentarmos dar uma ordem à LA indisciplinar em consonância com as teses de Feyerabend (2006), observamos que há uma mesma determinação: *tudo é valido.* Mas este *tudo é valido* não significa que qualquer coisa que fazemos pode ser ciência e que não existem regras de nenhum tipo na ciência. "A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teorético é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei" (FEYERABEND, 1977, p. 17).

Seguiremos a linha de pensamento de Feyerabend, que, como não poderia ser de outra forma, segundo me parece, e como a ocasião o exige, mostra-se dominantemente polêmica e especulativa. Além da variabilidade do termo, se faz fundamental pelo princípio da verdadeira liberdade de juízo acima das prescrições da velha ordem cultural, desintegrada pelo pensamento moderno, *o pluralismo metodológico.*

Além disso, esse tema poderia ser a ponte de união entre a reflexão filosófica epistêmico-ontológica do paradigma e o estudo da LA Indisciplinar nas proposições das ciências. Como nos indica Moita Lopes (1996):

> Defendo a visão de que esta questão interessa à LA, não simplesmente como uma demarcação de áreas de investigação, mas como uma maneira de refinar modos de se realizar pesquisa em LA. Esta questão, portanto, é inerente à LA como campo de investigação. Esta temática tem que ser discutida por nós

[9] SZUNDY e FABRICIO, p. 77.

> mesmos, isto é, lingüistas aplicados, e parece colaborar com o fortalecimento e o desenvolvimento da área (MOITA LOPES, 1996, p.18)

Esses tópicos parecem indicar um grande interesse pelas regras, pelos padrões e pela natureza da pesquisa em LA. Mas muito pelo contrário, essa discussão, acredito, tem dois objetivos: por um lado, ajudar a desenvolver a área de LA ao focalizar questões diretamente relacionas à pesquisa em nosso campo, e, por outro lado, colabora na divulgação da natureza da pesquisa em LA na comunidade que estuda questões referentes à linguagem.

Assim, Moita Lopes (2006, p. 96) na tentativa de pautar uma LA contemporânea, organizou a discussão que segue com base em quatro pontos:

1) A imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça, a que comecei a me referir em outros textos (MOITA LOPES, 2004);
2) A LA como uma área que explode a relação entre teoria e prática;
3) A necessidade de um outro sujeito para a LA: as vozes do Sul;
4) A LA como área em que ética e poder são os novos pilares.

Aqui, ocupamo-nos, sobretudo do primeiro ponto. Pelo que a LA híbrida ou mestiça, convive, portanto, com o *pluralismo metodológico*. Assim, pois, a Indisciplinaridade se mostra como forma poliédrica, de sínteses cambiante, diríamos, para um livre intento utópico do conhecimento originalmente perfeito através da imperfeição do indeterminado. Portanto, coexiste nelas com especial propensão integradora ao tempo as teorias necessariamente imperfeitas e inacabadas.

> Qualquer idéia, embora antiga e absurda, é capaz de aperfeiçoar nosso conhecimento. A ciência absorve toda a história do pensamento e a utiliza para o aprimoramento de cada teoria. E não se respeita a interferência política. Ocorrerá ela se faça necessária para vencer o chauvismo da ciência que resiste em aceitar alternativas ao status quo (FEYERABEND, 1977, p. 65).

Ou de outra forma, a vertente indisciplinar da LA vem se opondo de forma radical a quaisquer perspectivas epistemológicas que busquem eximir de e/ou neutralizar questões políticas e ideológicas em pesquisas sobre língua(gens) como comentam Szundy e Fabricio (2019, p.70).

Provavelmente existem bases muito mais sólidas e indubitavelmente mais vantajosas do que a Indisciplinaridade, e quando apropriado, melhores métodos de

pesquisa tenham sido utilizados, mas isso não seria um problema sério, caso a ciência atual, com a sua tendência universalizante de modernidade, aliada ao apoio das universidades de prestígio e do suposto vigor de método positivista, não estivesse exportando suas descobertas como uma forma de verdade universal para o resto do mundo. Essa desigualdade tem implicações sérias, pois as pesquisas híbridas têm sido ignoradas, pouco desenvolvidas ou mal compreendidas e, frequentemente, igualadas a uma concepção limitada, monolítica, a qual ignora, por um lado, outras muitas possibilidades de LA Insdisciplinar e, por outro lado, tende a criar caricaturas em vez de apontar as características constituídas entre ambas soluções.

Mas a orientação para o desenvolvimento do *dadaísmo epistemológico* traz como objetivo uma maior aproximação do problema, com intenção de deixá-lo mais visível. Segundo o que dizem Szundy e Fabricio (2019):

> Para dar conta desses fluxos, precisamos de uma LA que eleja as transgressões de fronteiras normativas como objetos de pesquisa, atentando para os jogos de poder que forjam, arbitrariamente, o senso comum, os padrões de normalidade, as certezas e os perímetros de legalidade (SZUNDY E FABRICIO, 2019, P.73).

Superados os obstáculos de entendimento e de expressão de parte a parte, realizando-se uma adequada interação, o domínio e a combinação desses diversos saberes, passa-se a ter uma potencialidade enorme de incrementar a discussão na LA Indisciplinar.

Fica claro, portanto, que é necessária uma abordagem do tema, quanto é muito pertinente um estudo de suas novas descobertas. Como indica Moita Lopes (2006, p.99): "Vivemos tempos de hibridismo teórico e metodológico nas ciências sociais e humanas, o que tem tornado as fronteiras disciplinares tênues e sutis." Tal discussão representa exemplo perfeito de uma necessária interação entre as diversas disciplinas, algo que não se pode evitar hodiernamente e que enriquece a reflexão a respeito de certos problemas cruciais, devendo ser concretizada, no entanto, com o devido cuidado conceitual e respeitando-se a coerência das informações e das reflexões de cada campo do conhecimento, apesar e por causa de seu possível conteúdo hermético.

Para adiantar nossa explanação conceitual teórico-metodológica, apresentamos a continuação da estrutura que desenvolveremos em nosso trabalho, passando pelos tópicos mais importantes, para os quais pretendemos que se perceba o dadaísmo

epistemológico/indisciplinaridade/transdiciplinaridade da pesquisa pela complexidade e sutil costura na qual trazemos os conceitos e as teorias que aqui mobilizamos.

1.2 O ponto de partida

O segundo capítulo está dividido em 2 seções. Na primeira, partimos do modelo tridimensional de Fairclough (1989, 1995, 2002a, 2002b, 2016), dando relevância à Linguística Sistêmico-Funcional de Hallyday (1985, 1989), até os últimos avanços da matéria, e passando pelo decolonizar dos EDC de Resende (2020), apontando van Dijk como um dos percursores desta visão, fazendo um percurso pelos conceitos de Discurso, Prática Social, Prática Discursiva e texto, finalizado esta primeira seção discutindo a visão de Decolonialidades dos autores. Na segunda, nos debruçamos sobre o conceito de Ideologia, partindo de Althusser, passando para Thompson, e trazendo também os conceitos de Ideologia abordados por Fairclough e van Dijk.

No capítulo 3, trazemos primeiramente uma discussão do que seria ciência, partindo dos conceitos de Feyerabend, para depois adentrarmos nas características metodológicas desta pesquisa.

No capítulo 4 expomos as nossas análises e discussões sobre o *corpus* analisado, que foi composto por 09 notícias divulgadas no portal *G1.com*. As notícias serão divididas em 3 períodos que, em nosso juízo, são relevantes para a análise. O primeiro período compreende do 31 de julho de 2016 (um mês antes do golpe que sofreu Dilma) até o 14 de novembro de 2018 (saída dos/as médicos/as cubanos/as). O segundo período compreende desde a saída dos médicos cubanos até o dia 1 de fevereiro de 2018 (um mês depois da posse de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República). E o terceiro período inicia-se um mês depois da posse de Jair Bolsonaro até o dia 1 de setembro de 2019 (um mês depois da renomeação do PMM para MPB).

2 APORTE TEÓRICO

2.1 Do modelo tridimensional de Fairclough ao modelo decolonial dos Estudos Críticos do Discurso

A relevância da ADC tem ganhado cada vez mais força no meio acadêmico. A ADC consolidou-se na década de 1990 em um simpósio em Amsterdã, que reuniu os seus maiores contribuintes teóricos: Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak (WODAK, 2003). Magalhães (2004) esclarece que a proposta de estudos da ADC está na contribuição da Linguística em debates relacionados às diversas questões sociais contemporâneas, dentre elas o sexismo, a violência, a exclusão social e o racismo.

As bases em que se sustenta a abordagem da Teoria Social do Discurso de Fairclough seria a que considera a "linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos" (RESENDE; RAMALHO, 2009, p.11). A ADC é apontada como uma abordagem transdisciplinar, assim, depreende-se dela fortes influências de pensadores como Bakhtin (1997), Foucault (2014), e Halliday (195).

De Bakhtin (1997) se observam pontos importantes para a concepção da ADC, como a noção de "dialogismo" na linguagem, sendo assim crítica em relação à concepção formalista de língua de Saussure (2012). Também em Bakhtin se concebe que a "língua não repousa na interioridade dos sistemas linguísticos, mas no processo social da interação verbal" (Resende e Ramalho, 2009, p. 14-15), assim se mostra a ligação entre a concepção bakhtiniana e da ADC em que o centro organizador da atividade linguística está no meio social. Ademais nos reportamos à clara influência Bakhtiniana na ADC sobre os gêneros discursivos, pois para Bakhtin, as produções da linguagem na interação se constroem em cada uma das esferas da vida, segundo suas funções e condições específicas, e estas são elaboradas em gêneros que, por sua vez, são "tipos de enunciados relativamente estáveis" (Bakhtin, 1997, p. 284). Podemos dizer que Fairclough e a ADC, em geral, vão contra a concepção de *parole* (uso da língua) Saussuriana e contra a sociolinguística da variação unilateral da língua. Por essa razão, não se pode incorrer no equívoco de separar a língua de seu conteúdo ideológico, pois a língua não é um sistema fechado. Está no uso da língua as particularidades a que os signos linguísticos se submetem.

Relacionado a isso se traz a visão de dialogismo e de polifonia da linguagem. A polifonia da linguagem carrega a noção de que cada enunciado expressa as vozes anteriores e antecipa vozes posteriores da cadeia de interações verbais:

> Essa noção de vozes é realmente importante para a *linguagem como espaço de luta hegemônica*, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas (RESENDE; RAMALHO, 2009, p.18, grifos das autoras).

Foucault (2003, 2014 e 2020) é quem desenvolve o princípio da linguagem como espaço de luta hegemônica e vê neste princípio uma fonte poderosa para as discussões sobre ADC. Foucault (2003) concebe também a linguagem como uma prática que constitui o social, os objetos e os sujeitos sociais. Portanto, o conceito de Discurso (Foucault, 2020) e suas relações com poder e hegemonia são fundamentais para a ADC.

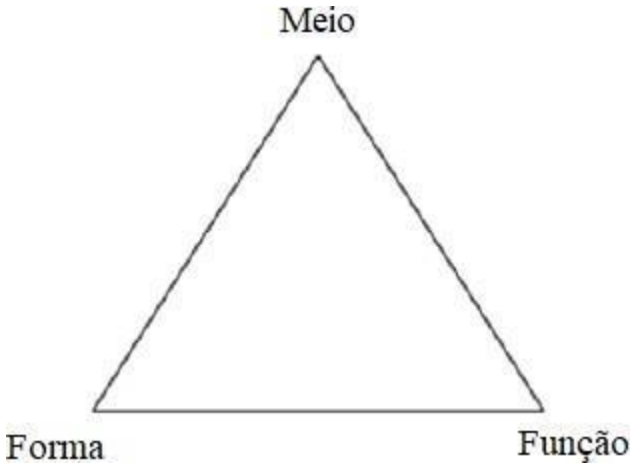
As contribuições de Halliday e sua LSF tem permitido um melhor entendimento da estrutura da língua e da importância de seu papel social. Também tem permitido o desenvolvimento de disciplinas aplicadas, como é o nosso caso da ADC. Provavelmente, um dos maiores contributos de Halliday foi sua introdução das Macrofunções da linguagem, de onde parte a vertente dialético-relacional da ADC de Fairclough (2016), já que através deste foi possível reavaliar toda uma nova perspectiva do papel da linguagem.

2.1.1. A importância da gramática de Halliday para a Análise de Discurso Crítica

Tradicional e simplesmente falando, poderia se pensar que quando escrevemos fazemos uso de figuras visuais. Porém, há também uma diferença na eleição de palavras, estruturas gramaticais, (**forma**) que se adequa à forma de expressão (**meio**). Essa eleição obedece não somente ao meio de expressão explicito, mas também à função implícita que desempenha o texto. Quando se escreve, se faz não porque alguém tenha optado por um meio arbitrariamente, mas porque por esse meio poderá cumprir os objetivos desejados.

São, então, três fatores que estão intrinsecamente unidos na produção de textos escritos: o meio, a forma e a função, conforme ilustrado abaixo:

Figura 1 - Relação entre forma, médio e função nos textos



Fonte: Adaptada de Halliday (1989).

O triângulo acima (adaptado de Halliday, 1989) mostra a relação de dependência que existe entre cada um desses três fatores. Para propósitos deste trabalho, cabe assinalar que a função sempre está implicada na eleição das palavras e estruturas gramaticais (léxicogramática) dentro do marco da gramática sistêmico-funcional, cujo principal expoente é M. A. Halliday.

A GSF se localiza dentro do marco geral da linguística funcional. É importante mencionar que vários modelos gramaticais que se localizam nesse marco, podem diferir substancialmente um do outro. Seria mais pertinente, então, enfatizar que os modelos gramaticais funcionalistas se distinguem pela sua pertinência a um subgrupo: aquele do funcionalismo americano e do funcionalismo europeu. Enquanto que no primeiro destacam-se trabalhos tipológicos como os de Talmy Givón (1984, 1993, 2001) e William Croft (1990), o segundo está fortemente representado pela escola britânica de Halliday.

Deixando de lado as diferenças entre funcionalismo americano e europeu, os fundamentos da linguística funcional partem da ideia de que a razão-de-ser da linguagem é sua função, propósito ou finalidade. Uma das características fundamentais dos estudos funcionalistas é o fato de que não fazem distinção entre sincronia e diacronia. Outra característica seria o fato de que se ocupam da análise gramatical partindo principalmente da função comunicativa do falante. Portanto, nos estudos funcionalistas, a

"atuação" tem um maior peso que a "competência", o que contraria os enfoques gerativistas.

Os primeiros estudos funcionalistas começaram no chamado "círculo de Praga", fundado em 1926 por linguistas como Jackobson, Trubetzkoy e Karcevsky (FERNÁNDEZ MARTORELL, 1994). Dentro dessa corrente, também se destacaram os estudos gramaticais de Martinet (1960, 1965, 1989), pesquisador que fez grandes descobertas, como a da dupla articulação da linguagem. Por parte da escola britânica, Halliday parte dos mesmos fundamentos teóricos para criar sua própria gramática funcional, a qual lhe agrega uma nova etiquete: "sistêmica". É sistêmica porque "é uma teoria do significado como opção, pela qual a linguagem, ou qualquer outro sistema semiótico entende-se como uma rede de opções interpostas" (HALLIDAY, 1985, p. XVI). Temos aqui, então, os pontos em que se apoia e dá ênfase à teoria sistêmica: a linguagem como sistema cujas opções no plano paradigmático são mais relevantes, a concepção semiótica da linguagem pela qual constroem-se os significados, e a função intrínseca social da linguagem.

Portanto, o discurso corresponde às eleições de uma série de elementos em relação paradigmática, os quais são significativos e cumprem diferentes funções sociais (a saber, estabelecer relações sociais, intercambiar bens, proporcionar serviços etc.). Percebemos, então, que na GSF trata de conciliar a forma e a função linguística. Por um lado, trata de explicar cada uma das unidades que conformam o sistema linguístico, de uma forma muito parecida com estruturalismo europeu, e por outro lado trata de explicar essas estruturas partindo da função que essas estruturas exercem na sociedade. Para esse último objetivo, Halliday toma como base as ideias de Malinowski (1923), nas quais o contexto cultural é determinante.

Como já se mencionou, um dos postulados na GSF é a concepção da linguagem como sistema semiótico. Seguindo essa ideia, Eggins (2002) propõe comparar a linguagem com um sinal. Em termos saussureanos, ambos constam de um estrato de significantes (fonologia/grafologia; luzes de cores) e de significados (semântica; o comportamento dos condutores). Porém, a diferença que faz da linguagem um sistema muito mais complexo que o signo, é que neste pode-se comunicar mais de um significado ao mesmo tempo. O que torna isso possível é um estrato intermediário que não se encontra no sistema do signo, nem em nenhum outro sistema semiótico diferente à língua: o estrato da lexicogramática.

Figura 2 - Os estratos da linguagem

Fonte: Adaptada de Halliday (1989).

A figura 2 (adaptada de Halliday, 1989) mostra os três estratos da linguagem. É o estrato da lexicogramática que proporciona "os médios para poder combinar sons, e com eles, formar palavras que podem depois ser organizadas e formar diversas estruturas gramaticais" (EGGINS, 2002, p. 190). Este estrato é central para o estudo do discurso oral e escrito; isto é, porque enquanto no plano da expressão, quer dizer, no estrato da fonologia/grafologia, a diferença entre discurso oral e escrito é só a substância (sons ou figuras visuais), no estrato da lexicogramática a diferença reside no grau de complexidade das palavras e da forma em que elas se organizam em estruturas gramáticas, em outras palavras, na **densidade léxica** e na **complexidade gramatical**.

Antes de passar à discussão sobre densidade léxica e complexidade gramatical, conceitos muito caros para nossa pesquisa, pois estes conceitos serão base para a eleição do *corpus* de análise, é necessário descrever os conceitos de cláusula e de complexo clausular, já que serão centrais na discussão tanto da complexidade gramatical, como da densidade lexical.

A cláusula pode se considerar como a unidade mais significativa da gramática. Nas palavras de Halliday (1989, p. 66), "a cláusula é a unidade gramatical na qual os constructos semânticos de diferentes tipos se juntam e integram para formar um todo". Ele também se refere à cláusula metaforicamente como "o passo da semântica à

gramática" (1989, p. 66), pois é no nível da cláusula onde podem se projetar holisticamente os significados acerca da experiência do mundo (metafunção ideacional), acerca das relações interpessoais (metafunção interpessoal), e os significados que dão coesão ao texto (metafunção textual).

É importante não confundir a cláusula com a oração, já que esta última se refere, por convenção, a uma unidade ortográfica, mas não gramatical que começa a partir de uma letra maiúscula e finaliza até um ponto. Pelo contrário, a cláusula sim constitui uma unidade gramatical que pode estar composta de um ou mais grupos ou frases, dos quais o mais importante e indispensável é o grupo verbal, já que este codifica o processo (que pode estar em forma finita ou não finita).

Se se encontra outro processo dentro da mesma oração, trata-se então de outra cláusula, a qual pode estar em uma relação de interdependência (parataxis e hipotaxis), lógico-semântica (expansão e projeção), ou ter uma classificação inferior (cláusulas incrustadas e interruptoras). Ao conjunto de cláusulas que sustém relações entre si, como as descritas anteriormente, se chama "complexo clausular", e ocupam um e/ou classificação gramatical mais alto.

Voltando à discussão central, a complexidade gramatical, a linguagem em geral tende a alinhavar séries de cláusulas, formando estruturas tão complexas como a capacidade de memória que os participantes permitam. Agora, é importante mencionar que se referir a cláusulas no discurso não é mais que uma idealização. Porém, devido ao fato de este trabalho estar limitado à descrição lexicogramatical, se seguirá usando o termo "cláusula" indistintamente para se referir ao discurso.

Pode-se apreciar que, o número de cláusulas que conformam um texto obedece ao número de grupos verbais que codificam processos. Isso nos mostra que a forma correspondente ao discurso é gramaticalmente complexa. Os processos refletem a tendência do discurso a descrever a existência em termos do que acontece, não do que existe. Seguindo a Halliday (1989), assim como a linguagem é um processo, nela tende a se conceber a realidade como um processo, não como um produto.

Então, o discurso apresenta um grau de complexidade léxica. É por isso que em termos gerais pode-se dizer que cada discurso tem sua própria complexidade. A densidade léxica do discurso reflete sua característica de apresentar a informação como um produto, não como processo. A informação está embalada de uma forma condensada, mas unicamente em comparação com a dispersão léxica. Como diz Halliday (1989), é

impossível falar de complexidade/dispersão de uma das partes se não se toma como referência a outra.

Tem-se visto que no discurso existe um grau de complexidade gramatical. A partir disso, poderemos dizer que gramaticalmente o discurso tende a ser complexo. Para calcular a densidade léxica, é preciso distinguir os elementos léxicos dos elementos gramaticais. Halliday (1989) assinala que há que se ter em mente ao distinguir uns dos outros: 1) Por um lado, os elementos gramaticais, em oposição aos léxicos, pertencem a sistemas semânticos fechados. Por exemplo, um pronome como *eu* encontrar-se-á em relação paradigmática com *tu, ele, nós, vos e eles*, se se toma em conta a pessoa, igual que com *mim*, se se toma em conta o caso gramatical. 2) Por outro lado, os elementos léxicos pertencem a sistemas semânticos abertos. Isso quer dizer que um elemento pode-se relacionar de distintas formas com outro (por exemplo, *porta* com *janela, portão, muro, chão* etc.). 3) Apesar de tudo, haverá elementos que parecem estar no meio das duas categorias (como é o caso de alguns advérbios modais como *sempre* e *talvez*) e outros aos quais se lhes deveria outorgar um valor léxico menor devido a sua alta frequência (como é o caso de *coisa* ou *fazer*, os quais são gerais).

Observa-se, então, que quando se constroem significados no discurso, o meio é totalmente dependente da forma. É possível comunicar significados similares. Pelo já foi mencionado, podem-se ter dois meios distintos com formas gramaticais diferentes e ter um conteúdo similar. Aquilo que assemelha o conteúdo semântico são as opções léxicas, as quais podem estar "embrulhadas" de uma forma distinta, quer dizer, podem variar na sua "densidade".

Tem-se visto, então, que existe uma diferença estrutural da qual não se pode dizer que uma seja melhor ou mais complexa que a outra. Uma lente pela qual se pode apreciar estas qualidades é a da GSF. Mediante a GSF é possível observar as estruturas internas que subjazem no discurso e é possível também fazer uma caraterização do potencial linguístico de que dispõem os falantes. Um dos propósitos para os quais a GSF serve como uma poderosa ferramenta é a análise textual. Com a análise sistêmico-funcional de textos pode-se transcender o puramente textual e chegar a níveis críticos nos quais podemos descobrir propriedades sutis pertencentes a um falante ou a uma cultura.

O fenômeno que se observa é que, enquanto a gramática pode variar, a semântica não necessariamente o faz. É importante enfatizar que o significado pode ser de três tipos, os quais são chamados de Metafunções (ideacional, interpessoal e textual) e

estes se representam mediante os sistemas lexicogramaticais de transitividade, modo e tema, respectivamente, como se mostra no quadro abaixo (adatado de EGGINS, 2002):

Figura 3 - Relação entre os tipos de significado e os sistemas lexicogramaticais

Metafunções da linguagem	se representa com	Estrato lexicogramático
Ideacional	→	Transitividade
Interpessoal	→	Modo e Modalidade
Textual	→	Estrutura Temática

Fonte: Adaptado de Eggins (2002).

Mas os meios de que se vale a linguagem para realizar os sistemas de transitividade, modo e tema podem variar dependendo do modo de expressão. No caso da transitividade: se trata da eleição de processos cujos participantes mudam segundo a natureza do evento que descrevem (material, verbal, mental, existencial, comportamental e relacional). Para indicar o modo, que no discurso escrito se indica mediante signos ortográficos. Finalmente, para indicar o tema na escritura que se indica por meio da posição.

As reflexões de Halliday e sua GSF têm permitido um melhor entendimento da estrutura da língua e da importância de seu papel social. Também tem permitido o desenvolvimento de disciplinas aplicadas, como é o caso dos letramentos ou a produção multilíngue de textos. Provavelmente, uma das maiores contribuições de Halliday seja sua introdução do conceito de metáforas gramaticais, já que através deste é possível abordar problemas relacionados ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas ou problemas de reinterpretação na tradução. A final de contas, a GSF abre toda uma nova perspectiva pela qual se pode reavaliar a linguagem.

Após apresentar as influências sobre a ADC de Halliday, abrimos espaço para falar sobre a constituição efetiva do universo Faircloughiano, e o alargamento da operacionalização pelo modelo transformacional, para assentar o quadro teórico adequado para nossa visão científica indisciplinar no campo da pesquisa em LA.

2.1.2 A dupla dialética do discurso

Resende e Ramalho (2003) apresentam as principais contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) do linguista britânico Halliday (1978;1985) para duas das principais obras de Fairclough – *Discourseand Social Change* (1992) e *Analysing Discourse* (2003). Da LSF, Fairclough se apoiou nas macrofunções ideacional, interpessoal e textual da linguagem para elaborar seus modelos de Análise de Discurso Crítica (ADC). Essas 3 macrofunções da língua, de fato, se relacionam ao sistema desenhado por Fairclough, é o chamado modelo tridimensional do discurso. Esse modelo considera três dimensões passíveis de serem analisadas:

> A **prática social** é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o **texto**. Essas duas dimensões são mediadas pela **prática discursiva**, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p 26-27, grifos nossos).

As autoras Resende e Ramalho também nos advertem de que existe um enquadre mais recente apresentado em Chouliaraki e Fairclough (1999) no qual há uma mudança de foco do discurso para a prática social, em que o discurso passa a ser um momento das práticas sociais.

No enquadre de ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999), o objetivo é refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social.

> De acordo com esse enquadre, toda análise em ADC parte da percepção de um problema que, em geral, baseia se em relações de poder, na distribuição assimétrica de recursos materiais e simbólicos em práticas sociais, na naturalização de discursos particulares como sendo universais, dado o caráter crítico da teoria O segundo passo sugerido dentro desse método e a identificação de obstáculos para que o problema seja superado ou seja, identificação de elementos da prática social que sustentam o problema verificado e que constituem obstáculo para mudança estrutural. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 35-36).

Ou seja, para assentar o quadro teórico-metodológico de Fairclough esmiuçando por partes "os desdobramentos da ADC [...] que resultam no aprimoramento do enfoque de discurso como parte de "*práticas sociais*" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 26). Onde, primeiramente, apresentamos o discurso como prática social sobre o qual giraria todo o resto, o texto e a prática discursiva. Assim:

> Entender o uso da linguagem como a prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situada, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 26-27).

O objetivo deste tópico é apresentar a conceitualização de discurso desenvolvida por Fairclough (2000, 2003a e 2003b; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) a partir do fim dos anos 1990, a que se supõe uma reelaboração e complexidade do modelo tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 1992) elaborado em uma primeira etapa da sua obra.

O conceito de discurso é central para a ADC, isso faz com que as discussões torno dele sejam conflitivas. Mas podemos afirmar que Fairclogh (2016) se baseou nos estudos de Foucault para orientar a definição de Discurso. O Discurso é definido como "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo-espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2020, p. 144). Assim, Foucault, traz o conceito de Discurso de dimensões diferentes à puramente linguística.

Mas Fairclough percebeu que o conceito de Discurso para Foucault estava altamente direcionado ao desvelamento dos mecanismos de reprodução de Ideologia e isso deixaria de lado uma das potencialidades do Discurso que Fairclough tinha investigado, a mudança discursiva e, finalmente, a mudança social. Assim pois, Fairclough, para abranger essas mudanças, contemplou ao longo da sua teorização duas concepções de Discurso: a primeira viria em sua proposta do Modelo Tridimensional, e a segunda, na sua proposta do Modelo Transformacional, idealizada junto com Lilie Chouliaraki.

Para a primeira, Fairclough (2016, p. 91) diria que "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado." Para a segunda Fairclough e Chouloaraki (1999, p. 29) definiriam Discurso como "uma dimensão das práticas sociais, que seriam constituídas também por elementos não discursivos como as crenças, valores, desejos, instituições e relações sociais".

Para Fairclough, o discurso, como categoria abstrata, designa os elementos semióticos (aqueles referidos à produção intersubjetiva do significado) da vida social. Isso inclui a linguagem (oral e escrita), mas também a linguagem visual e corporal. Se bem que

em seus últimos livros explicita cada vez mais o interesse nas diferentes modalidades de semiose, o foco principal da argumentação segue posto nos textos linguísticos (qualquer produto escrito ou falado). Um aspecto central dessa noção de discurso é seu caráter relacional, pois tem foco nos elementos linguísticos/semióticos do social e outros elementos não semióticos do social.

Para assentar o quadro teórico-metodológico adequado à perspectiva crítica de linguagem como prática social, o que envolve "uma visão científica crítica social no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia na teoria e na análise linguística e semiótica" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 23), Fairclough (2003a) propõe entender a vida social como rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos: políticas, econômicas, culturais.

A noção de prática social permite assumir uma perspectiva que reconhece tanto as determinações estruturais da sociedade, como o caráter produtivo e transformador da ação social, evitando, assim, cair tanto no determinismo estrutural, como no voluntarismo da agência (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Conforme afirma Fairclough, uma prática social

> É, por um lado uma forma relativamente permanente de atuar no social, forma que vem definida por sua posição no interior de uma estruturada rede de práticas, e por outro, um domínio de ação e interação social que ademais de reproduzir as estruturas possui potencial de transforma-las (FAIRCLOUGH, 003b, p. 180).

O conceito de prática social opera, desta maneira, como uma categoria mediadora entre a estrutura social e os eventos e ações sociais, podendo entender os campos sociais (educativo, laboral, científico etc.) e as instituições como particulares e relativamente estabilizados atravessados por práticas sociais.

Se o discurso designa os elementos semióticos da vida social, e se esta é conceitualizada como rede de práticas sociais, o seguinte passo argumental é i) detalhar quais são, junto ao discurso, os outros elementos ou momentos das práticas sociais; assim como, ii) explicitar as relações de ditos componentes semióticos e aqueles não semióticos no interior de uma prática social.

Com respeito ao primeiro ponto, Fairclough (2003a), 2003b) dirá que toda prática social é uma articulação dos seguintes diversos elementos na configuração relativamente estável: atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, objetos, tempo e lugar, consciência, valores culturais, e discurso (semiose). Com

relação ao segundo ponto, seguindo a Harvey (1996), assinalará que os distintos elementos e os momentos de uma prática social estão dialeticamente relacionados, sendo que cada um deles participa e incide nos outros. Quer dizer, "são elementos diferentes, mas não elementos discretos e, completamente separados. Existe um sentido no qual cada um internaliza aos outros, sem poder ser reduzido a eles" (FAIRCLOUGH, 2003b, p. 181). Assim, por exemplo, as relações e identidades sociais presentes em qualquer prática social são em parte discursivos, mas não podem ser reduzidas e investigadas como se fossem meramente processos semióticos (FAIRCLOUGH, 2003b).

É à luz desse marco que Fairclough planejará que o foco da ADC é dar conta do modo como nas particulares de diferentes redes de práticas sociais (que constituem campos e instituições) se estabelece essa relação entre o discurso e os outros elementos da prática social. As ditas relações não podem determinar-se de antemão, mas devem ser investigadas empiricamente em distintos âmbitos da vida social, podendo variar entre prática e prática, assim como em uma mesma prática social ao longo do tempo.

Especificando seu argumento, Fairclough (2003a, 2003b) dirá que o discurso intervém de três formas nas práticas sociais. Em primeiro lugar, como parte da atividade social inscrita na prática, isto é: toda prática supõe um tipo de atividade social a que, por sua vez, se caracteriza – como assinala Bakhtin (2016) a quem Fairclough segue neste ponto – por particulares formas de utilizar a linguagem. Assim, por exemplo, a prática social de trabalhar como médico/a supõe um tipo de atividade que se caracteriza não só nos atos de realizar consultas ou passar prescrições médicas, mas também em interatuar discursivamente com os pacientes de um modo regular e estabilizado (saudar, perguntar, despedir-se, e até vestir-se e sorrir de certa forma etc.). O discurso como parte das atividades sociais constitui gêneros discursivos (*genres*), que podem ser entendidos como "formas socialmente ratificadas de utilizar a linguagem em conexão com um particular tipo de atividade social" (FAIRCLOUGH, 1995, p. 14). Assim, uma notícia, a escritura de um artigo científico, as conversações familiares etc., são todos exemplos de formas particulares de utilizar a linguagem no marco de uma atividade social. Atividade social que não se reduz a sua dimensão discursiva, à medida que também internaliza os outros elementos das práticas sociais, mas que é, até certo ponto, impensável sem essa dimensão semiótica da ação a que aponta o conceito de gênero discursivo.

Em segundo lugar, o discurso figura em formas de representações: "Os atores sociais dentro de qualquer prática produzem representações de outras práticas, assim

como representações (reflexivas) da pratica especifica na que estão imersos, no curso da sua atividade dentro da mesma" (FAIRCLOUGH, 2003ª, p. 206). Assim, seguindo com nosso exemplo, podemos assinalar que os/as médicos/as participam na produção de representações, conhecimentos e opiniões sobre os distintos âmbitos da vida social e sobre o emprego do/a médico em particular. O discurso como forma de representação e autorrepresentação das práticas sociais constitui discursos (noção que deve diferenciar-se de discurso como categoria abstrata singular que designa os elementos semióticos da vida social). Os discursos sobre uma prática social mudarão entre os distintos atores em função de como eles se encontram localizados dentro da prática. Assim, os/as médicos/as cubanos/as construíram uma representação distinta à dos/as médicos/as brasileiros/as. Dito mais amplamente, os atores sociais se representam a vida social, ou aspectos dela, de um modo diferente em função da sua posição dentro da desigual ordem social.

Em terceiro lugar, o discurso está presente a nível da constituição das identidades sociais dos participantes envolvidos na prática social (o que não implica que a identidade dos atores sociais se reduza a sua dimensão textual ou semiótica). Os sujeitos, ao participarem de uma interação discursiva, são posicionados de particulares maneiras dentro do campo de relações sociais, adquirindo certas identidades que dependem, até certo ponto, do particular modo de falar, escrever, comunicar-se. Assim, por exemplo, a rede de práticas sociais que define a mídia posiciona a particulares atores na posição de médicos/as (os/as brasileiros/as) e os não-médicos (os/as cubanos/as), que são identidades sociais que ocupam os sujeitos e que se caracterizam (junto a outros elementos) de uma maneira particular. O discurso como parte das identidades ou formas de ser vinculadas à prática social constitui estilos.

Temos, então, que o discurso está presente nas práticas socias em termos de gêneros (formas de atuar, discurso (formas de representar) e estilos (formas de ser). Cada entretecido de práticas sociais, que podem ser vistas como configurando um campo social, se caracteriza por uma particular articulação de gêneros, discursos e estilos, isto é, por uma ordem particular do discurso, entendida como a dimensão semiótica desse específico domínio da vida social. Fairclough (2003ª) assinala que é possível e necessário, segundo os objetivos do investigador, pensar essa relação entre campo social e ordem do discurso em diferentes níveis de abstração. Assim, em um alto nível de abstração, seria possível falar da atual ordem sócio-econômica do capitalismo global (entendido como um conjunto de rede de práticas sociais estabilizadas em diversos campos, instituições e organizações) e de sua

particular ordem do discurso, isto é, o entretecido de gêneros, discursos e estilos que definem semioticamente a especificidade da atual fase de produção, acumulação e legitimação do capital. Como escreve Fairclough:

> Os aspetos semióticos/discursivos de uma ordem (campo) social é o que nós chamamos uma ordem do discurso. Esta é a forma na qual distintos gêneros, discursos e estilos se articulam entre si. Uma ordem do discurso é uma estruturação social da diferencia semiótica, um particular ordenamento social das relações entre diferentes formas de gerar significado (2003a, p. 206).

Analisar uma ordem do discurso requer dar conta não só do conjunto de gêneros, discursos e estilos que o compõem, mas também das múltiplas e dinâmicas formas em que os ditos elementos se relacionam e se articulam entre si. O conceito fundamental para a ADC de Foucault (2003) seria o de ordem do discurso em que "a totalidade de práticas discursivas se relacionam dentro de uma instituição ou sociedade e no relacionamento entre elas" (RESENDE; RAMALHO, 2009, p.19). Desse modo, se estabelece o vínculo entre o discurso e o poder, assim como a hegemonia e a influência das instituições sobre os sujeitos ao enunciar. A esse respeito, Fairclough (2003a) tem assinalado o modo em que esses três níveis – se bem distinguíveis analiticamente – se tecem e potencializam-se entre si, podendo cada um deles incidir no âmbito específico dos outros. É possível falar, assim, do modo em que um discurso (forma de representação) é realizado em certos gêneros discursivos (formas de ação) ou do modo em que um discurso (forma de representação) é inculcado em certos estilos (formas de identificação), ou também o modo com que certas formas de ação e identificação discursiva (gêneros e estilos) são representadas em discursos.

Ao reconhecer as imbricações entre gêneros, discursos e estilos de uma certa ordem do discurso, é importante estar atento também, assinala Fairclough, ao fato de que ditas ressonâncias entre discurso, gênero e estilo nem sempre acontecem, nem se produzem de forma automática. Ao mesmo tempo, existe outra característica importante de uma ordem do discurso e das relações entre seus elementos: é o fato de que uma ordem do discurso tem um caráter heterogêneo e internamente diferenciado (FAIRCLOUGH, 2003b), compreendendo como diferentes discursos, gêneros e estilos podem ser complementares, mas também opostos e contraditórios.

Porém, é importante apontar que o reconhecimento dessa diversidade interna não deve nos levar a desatender o fato de que um dos aspectos de toda ordem do

discurso é a dominância: “Algumas formas de fazer sentido são dominantes ou principais em uma particular ordem do discurso, outras são marginais, ou opositoras ou alternativas” (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 206). A importância do conceito da ordem do discurso na obra de Fairclough reside no fato de que é justamente a partir da mobilização dos recursos discursivos presentes em uma particular ordem do sentido que os sujeitos produzem textos (orais e escritos) no marco de interações ou eventos sociais específicos.

É importante apontar, à guisa da lógica dialética assumida por Fairclough, que não existe uma relação linear e mecânica entre uma ordem do discurso e os textos produzidos no interior do domínio social específico da qual este é parte. No processo de utilizar recursos de uma ordem do discurso para produzir seus textos, os sujeitos, ao mesmo tempo em que reproduzem ditos patrões de práticas discursivas, são capazes de articular e recriar criativamente os mesmos (FAIRCLOUGH, 1995). Dito em outros termos: os sujeitos só podem produzir textos recorrendo aos conjuntos de convenções (ordem do discurso) que têm disponíveis e que estão socialmente legitimados para âmbitos de ação específicos, mas nesse uso específico e situado da linguagem e, produto do caráter aberto de todo evento, da capacidade reflexiva da agência humana e da heterogeneidade (inter e intra) das ordens do discurso, tem lugar para certos níveis de criação e inovação. Os textos, por outra parte, devem ser considerados como espaços sociais nos quais se atualiza o poder constitutivo do discurso. Dessa maneira, todo texto – em singular articulação de gêneros, discursos e estilos – mobiliza um conjunto de sentidos que contribuem simultaneamente à produção de: i) relações (ações) sociais; ii) sistemas de crenças e conhecimentos (representações); e iii) identidades sociais, dentro de um particular domínio social (FAIRCLOUGH, 1992; HALLIDAY, 1985).

Os argumentos até aqui presenteados a respeito da semiose, das práticas sociais, da ordem do discurso e sobre os textos, constituem o núcleo da posição desenvolvida por Fairclough desde finais dos anos 1990 acerca do discurso, a que se caracteriza pelo reconhecimento explícito de duas dialéticas que, em seus primeiros trabalhos, não apareciam claramente diferenciadas. Por um lado, a dialética do discursivo e do não discursivo dentro do social que, como temos visto, se expressa na consideração do discurso como um (entre outro) dos elementos das práticas sociais que constituem a realidade social. Por outro lado, a dialética entre estrutura e a agência (eventos, processos) leva a utilizar o conceito de prática social como instância de mediação entre ambos

aspectos do social. Esse é o duplo caráter relacional que caracteriza a atual conceitualização do discurso de Fairclough.

2.1.3 Um intervalo entre a ADC e os EDC: Teun A. van Dijk

Finalizada a discussão sobre as linhas mestras da teoria-método de Fairclough, convido, neste tópico, antes de discutir sobre o descolonizar, os EDC e a decolonialidade, a fazer uma breve, mas importante parada para delinear o que acredito eu que seja um primeiro passo para essa decolonização da ADC com as propostas teórico-metodológicas do fazer de Teun A. van Dijk e os EDC.

Embora a maioria das pesquisas atuais em ADC se apoiem no quadro teórico de Fairclough, como exposto na seção anterior, Teun A. van Dijk nos traz uma nova visão para enriquecer nossas análises:

> Van Dijk, em algumas entrevistas concebidas a editoras acadêmicas, já relatou que não considera sua proposta como uma teoria, mas uma forma de análise de discursos. Ele esclarece, inclusive, que não idealizou algo complexo como a teoria-método de Fairclough [...], Wodak (2009) inclui sua abordagem como uma das vertentes da ADC (PEREIRA A.; TEIXEIRA, L. M.; PEIREIRA, R, 2020, p.35).

Wodak (2009) inscreve a proposta de van Dijk à vertente sociocognitiva de ADC. Essa abordagem apresenta uma proposta de análise que entende a relação entre estruturas discursivas e sociais como instâncias mediadas, primordialmente, por uma interface cognitiva, trabalhando, assim, através do triângulo analítico Discurso-Cognição-Sociedade, em que de fato a cognição permeia o elo discurso-sociedade e é a tese principal com que o sociocognitivissimo vandijkiano subsidia a ADC (CAÑETE et al, 2020).

O discurso, para van Dijk (2003), é entendido como uma prática social de comunicação eminentemente ideológica, pois está construído sobre crenças de grupos sociais e de seus membros, produzido em processos de ordem cognitiva, através do qual se constroem representações sociais.

> Uma teoria sociocognitiva supõe que as estruturas sociais precisam ser interpretadas e representadas cognitivamente e que tais representações mentais afetam os processos envolvidos na produção e interpretação do discurso. O mesmo princípio vale para a relação inversa, a saber, como o discurso é capaz de afetar a estrutura social – especificamente por meio das representações mentais dos usuários da língua como atores sociais (VAN DIJK, 2016, p. 9).

Negar ou ignorar a existência ou relevância dessa dimensão cognitiva de integração constitui, em muitos aspectos, uma versão contemporânea de argumentos

semelhantes defendidos, há tempos, pelo *behaviorismo*, tais como a alegada falta de "observabilidade" ou "sociabilidade" das representações cognitivas, assim, reduzida a um conceito *behaviorista* de conduta "observável". O sistema de crenças, valores, ideias e práticas em que consistem as representações manifesta-se na linguagem como instrumento das mais diversas ideologias existentes no profundo de nosso inconsciente e pode se manifestar através de marcas deixadas pelos sujeitos em seus discursos (VAN DIJK, 2003).

Desde o ponto de vista das ciências cognitivas contemporâneas, tais constatações podem parecer triviais, embora as implicações teóricas e analíticas detalhadas nesses pressupostos sejam entendidas somente em parte. Mesmo a psicologia cognitiva do discurso, até hoje, não conta com uma teoria explícita de como os "ambientes" sociais e comunicativos afetam ao discurso. Por esse motivo, devemos unir tal teoria como núcleo de *interface* cognitiva das relações entre discurso e sociedade.

Segundo van Dijk (2003), os ECD devem se basear numa teoria disciplinar que, de modo explícito, relacione as estruturas discursivas com as estruturas sociais, para, assim, descrever e explicar como as estruturas de poder e abuso de poder são discursivamente apresentadas e reproduzidas. A principal tese de uma contribuição sociocognitiva a essa teoria consiste no fato de que as relações entre discurso e sociedade são cognitivamente mediadas.

> Os Estudos de Discurso, mais especificamente, podem ser definidos como 'críticos' se satisfazem um ou vários dos seguintes critérios, em que **'dominação' significa' abuso de poder social por um grupo social'**:
> 1. Relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse.
> 2. As experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante.
> 3. Pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas.
> 4. Podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados. (VAN DIJK, 2010, p. 15).

Os métodos dos ECD, para van Dijk (2010, p.13), concentram-se de forma específica nas complexas relações entre a estrutura social e a estrutura discursiva, bem como no modo como as estruturas discursivas podem variar ou serem influenciadas pela estrutura social.

A maioria das teorias anteriores e contemporâneas aos EDC, como nas disciplinas do mesmo ramo, tais como a sociolinguística e antropologia linguística, supõe

uma relação direta entre discurso e sociedade (ou cultura). Há pelo menos mais duas dimensões que são fundamentais na pesquisa em ECD: história e cultura – embora eu entenda essas duas dimensões como fazendo parte da dimensão social (VAN DIJK, 2010, p. 26). Nessas áreas do saber geralmente se pressupõe que variáveis sociais, tais como a classe social, poder, gênero, etnicidade ou idade provocam ou controlam diretamente a variação linguística e as estruturas do discurso. EDC devem ser adequados teórica e metodologicamente porque, de outra forma, não seriam capazes de contribuir para suas metas sociopolíticas (VAN DIJK, 2010 p. 17). O problema é que a natureza dessas relações causais diretas ou semelhantes não são tomadas explicitamente, são tomadas como pressupostas ou reduzidas a correlações não explícitas.

2.1.4 Afinal o que é decolonizar os Estudos Críticos do Discurso?

Em primeiro lugar, é necessário apresentar o conceito de decolonialidade, assim como a preferência do uso do termo decolonial em detrimento do termo descolonial (WALSH, 2009). Como seria o lógico em espanhol ou em português, não realiza necessariamente um anglicismo, mas sim, um neologismo, pois demarca uma distinção com o significado de "des" em espanhol, língua de fundação do conceito.

> Não pretendemos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial, quer dizer, passar de um momento colonial a um não colonial, como se fosse possível que seuas padrões deixassem de existir. A intenção, antes, é assinalar e provocar um posicionamento – uma postura e atitude continuas – de transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta no qual podemos identificar, visibilizar e alentar 'lugares' de exterioridade e construções alternativas (WALSH, 2009, p. 14 - 15).

Decolonialidade, então, nos convida ao esforço de estabelecer um diálogo intercultural e trans moderno em nome de um projeto crítico. O esforço por decolonizar o campo se dirige a três domínios: o saber, no sentido de questionar epistemologias que se arvoram como sendo universalmente válidas; o poder, em uma tarefa de propor teorias e métodos adequados aos contextos regionais e locais em que os projetos de investigação são realizados; e o ser, refletindo o lugar paradoxal de subalternização e privilégio, isto é, respectivamente, no tocante ao descrédito concedido aos saberes e seres do sul global, e ao lugar socialmente prestigiado em que se encontram as/os/es acadêmicas/os/es (RESENDE, 2019).

> Para além disso, a decolonialidade consiste também numa prática e oposição e intervenção, que surgiu no momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais que se iniciou em 1492 (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016 , p. 17).

Este esforço traz um problema essencial, já que as bases teórico-metodológicas que usamos em nossas pesquisas são, em maior ou menor medida, vindas de modelos originários na Europa e nos EUA. Isto faz parte do problema da colonialidade do saber do qual participam as instituições que constroem a ciência, fazendo com que as pesquisas produzidas no Sul epistemológico sejam apenas validadas pelo peso do conhecimento e uso de teóricos reconhecidos, na sua maioria franceses, ingleses, alemães e, sem dúvida, estadunidenses. Reler autores que foram silenciados pela academia (BERNARDINO-COSTA E GROSFOGUEL, 2016) não significa somente se deparar com testemunhos sobre os efeitos da dominação colonial, significa deparar-se com o registro de múltiplas vozes, ações, sonhos que lutam contra a marginalidade, a discriminação, a desigualdade e buscam transformação social.

Isso, porém, não deve ser motivo de rejeição das teorias de base, por exemplo nesta pesquisa, de Fairclough em ADC ou Thompson sobre Ideologia. Nosso esforço, pois "não é criar um novo ponto zero, mas reconhecer que o ponto zero nunca existe, e manter-se vigilante a respeito da tentação de um tranquilizante ponto zero imaginário" (RESENDE, 2020, p. 29).

> Da constituição histórica das disciplinas científicas que se produz na academia ocidental interessa destacar dois assuntos fundacionais e essenciais. Em primeiro lugar está a suposição da existência de um metarrelato universal que leva a todas as culturas e a todos os povos do primitivo e tradicional até o moderno. [...] A sociedade liberal, como norma universal, assinala o único futuro possível de todas as outras culturas e povos.[...] Em segundo lugar, e precisamente pelo caráter universal da experiência histórica européia, as formas do conhecimento desenvolvidas para a compreensão dessa sociedade se converteram nas únicas formas válidas, objetivas e universais de conhecimento.[...] Estes conhecimentos convertem-se, assim, nos padrões a partir dos quais se podem analisar e detectar as carências, os atrasos, os freios e impactos perversos que se dão como produto do primitivo ou o tradicional em todas as outras sociedades (LANDER, 2005, p. 13).

Destaco a posição de conceber a ciência não com a possibilidade de se chegar/gerar a uma Verdade, senão a de contar possibilidades de veracidade, e assim contar diferentes histórias diante de um mesmo objeto. Assim, a pós-modernidade, autoconcebida na linha unilateral da história do mundo moderno, continua ocultando a

colonialidade, e mantém a lógica universal e monotópica – da esquerda e da direita– da Europa (ou do Atlântico Norte) para fora (MIGNOLO, 2005, p. 34).

Construir uma nova história, contar a história alternativa, daqueles que perderam[10], daqueles cujas vozes não foram ouvidas é, em linhas gerais, o objetivo da decolonização. Assim, constituir propriamente uma episteme com o qual "a América Latina está exercendo sua capacidade de ver e fazer de uma perspectiva Outra, colocada enfim no lugar de Nós". As ideias centrais articuladoras deste paradigma são, para Montero (1998 *apud* LANDER, 2005, p. 15), as seguintes:

a) Uma concepção de comunidade e de participação assim como do saber popular, como formas de constituição e ao mesmo tempo produto de uma episteme de relação.

b) A ideia de libertação através da práxis, que pressupõe a mobilização da consciência, e um sentido crítico que conduz à desnaturalização das formas canônicas de aprender-construir-ser no mundo.

c) A redefinição do papel do pesquisador social, o reconhecimento do Outro como Si Mesmo e, portanto, a do sujeito-objeto da investigação como ator social e construtor do conhecimento.

d) O caráter histórico, indeterminado, indefinido, inacabado e relativo do conhecimento. A multiplicidade de vozes, de mundos de vida, a pluralidade epistêmica.

e) A perspectiva da dependência, e logo, a da resistência. A tensão entre minorias e maiorias e os modos alternativos de fazer-conhecer.

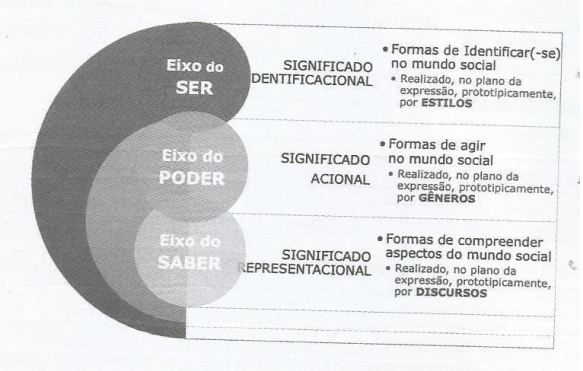
f) A revisão de métodos, as contribuições e as transformações provocados por eles (MONTERO, 1998 *apud* LANDER, 2005, p. 15-16).

Tendo em vista este último tópico sobre a construção epistêmica que é nosso campo de investigação delimitado, os ECD, expomos, a título de exemplo, o trabalho de Acosta (2020) como uma demonstração de como é possível trabalhar a decolonialidade em teorias epistemicamente europeias. Ela traz uma reflexão teórica em torno do conceito de Estilos e a relação deste com rearranjos identitários projetados para a transformação social. Para Acosta, diferentemente do que ocorre com os Discursos e com os Gêneros, elementos das Ordens de Discurso, há pouca produção relevante sobre o desdobramento de seu par, os Estilos, que, para a ADC faircloughiana, são modos discursivos de ser, a identidade em seu aspecto semiótico.

[10] A esperanza não cumprida das vítimas (SANCHEZ, 2010).

A autora argumenta que, em seu empreendimento teórico-analítico, o eixo do ser mostrou-se relevante, uma vez que, por se configurar em uma dialética, serve para a manutenção das identidades em projetos de emancipação. Então, os Estilos como eixo central organizam a ação transformadora (eixo do poder) que, por sua vez, possibilita novas formas de ver e compreender o mundo (eixo do conhecimento).

Figura 4 - Eixos das ordens de discurso e significados discursivos

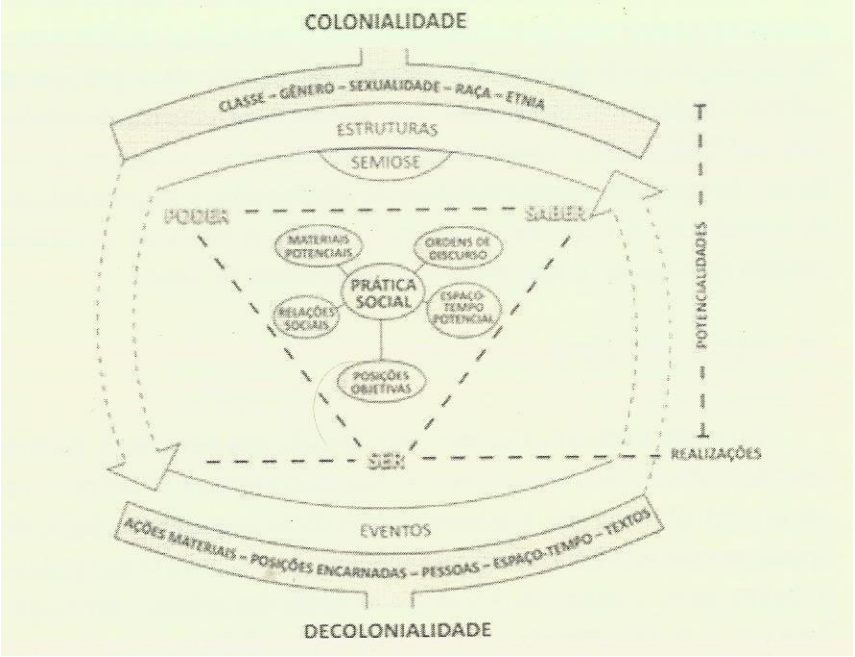


Fonte: Acosta (2020, p. 161).

Baseou-se em suas experiências nos estudos de doutoramento, com foco nos movimentos sociais, quando percebeu que o arcabouço teórico da ADC precisava ser ampliado para lidar com o conceito de reexistência, segundo ela, pouco trabalhado dentro do campo. De modo frutífero, a autora tece diálogo transdisciplinar ao apropriar-se de conceitos advindos de diferentes campos, como filosofia do Ubuntu e do Bem-viver, retórica, pedagogia e linguística.

Em termos discursivos, o decolonizar, significa dizer que a colonialidade do saber se relaciona aos discursos, maneiras particulares e posicionadas de representar e conhecer as coisas no mundo, governadas por estruturas como raça, classe, gênero, sexualidade etc. A colonialidade do ser é sustentada por esses discursos que moldam padrões identitários em que a todo momento somos pressionadas/os/es a nos encaixar. Isso limita o poder criativo de transcender a colonialidade do poder que nos impulsiona a agir conforme padrões capitalistas, racistas, sexistas etc. Não obstante, Resende ressalva que a decolonialidade do saber, do ser e do poder são um desafio só, integrado, um "ciclo virtuoso entre consciência (ser), crítica (saber) e criatividade (poder)" (RESENDE, 2020, p. 20), e sua persecução está na ação comprometida e vigilante que, por vezes, põe em xeque nosso protagonismo.

Figura 5 - Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem em diálogo com o giro decolonial



Fonte: Resende. (2020, p. 219).

Tendo apresentado, digamos, um percurso "histórico" da ADC até os EDC e a perspectiva decolonial destas, passaremos agora para a discussão sobre o conceito de Ideologia, capital para nossa pesquisa, fazendo um percurso histórico guiado pelas contribuições de J. B. Thompson.

2.2 Discussão entre mídia, ideologia e modernidade tardia

O tema das grandes transformações que têm experimentado as sociedades modernas como produto do avanço e inovação da mídia: telecomunicações, informática, satélites, etc., tem sido abordado de diferentes formas pelos cientistas sociais. Um grupo destes teóricos tem afirmado que a mídia serve para manter a ordem social, com um mecanismo institucionalizado para a difusão de valores e crenças coletivas. Porém, é certo que não foi posto suficiente atenção nos problemas levantados pela produção e recepção das mensagens das mídias.

Neste sentido, a obra de John B. Thompson (2011), "*Ideologia e cultura moderna"*, representa um novo enfoque que rompe com as propostas acima assinaladas e resulta em um desafio, pois implica partir da análise das formas simbólicas, logo ideológicas, transmitidas pela mídia, em particular pela televisão. O autor nos apresenta toda uma série de argumentos para deixar claro em que medida e de que forma servem para

estabelecer e manter relações de dominação num determinado contexto social no qual surgem, transmitem e recebem. Quer dizer, que o referido enfoque dá a possibilidade de analisar o caráter ideológico da mídia de uma maneira crítica.

Um dos principais objetivos de Thompson é elaborar uma descrição diferente da relação existente entre ideologia e mídia ou, dito com maior precisão, repensar a teoria da ideologia à luz do desenvolvimento da mídia (THOMPSON, 2011, p.12).

Com a finalidade de lograr esse objetivo, Thompson estruturou sua obra em seis capítulos, excluindo introdução e conclusões. No primeiro capítulo, denominado "O conceito de Ideologia", se abordam cinco seções nas quais se analisa o conceito de ideologia e discorre sobre os primeiros ideólogos.

De modo geral o que a primeira seção afirma é o processo histórico do conceito de ideologia, assim como os teóricos que o empregaram no passado. Nesse respeito, menciona que o termo foi utilizado pela primeira vez por Destutt de Tracy, em 1796, para descrever seu projeto em direção a uma nova ciência revolucionária: a análise sistemática das ideias e as sensações, com sua gestação, combinação e consequência, daí a origem do nome de ideologia: "literalmente, a Ciência das Ideias" (THOMPSON, 2011, p.45).

Ao se referir às concepções de ideologia em Marx, o autor destaca que o conceito adquiriu uma nova posição como ferramenta crítica e como componente integral de um novo sistema teórico. Além disso, identifica vários contextos teóricos distintivos nos quais opera o conceito de ideologia no trabalho de Marx (THOMPSON, 2011, p.49). Podemos destacar que, no princípio, Marx utilizou o termo para atacar aos hegelianos, pois para ele a filosofia política de Hegel era anacrônica e especulativa, na qual vai da ideia do Estado em direção à de seus componentes.

A esse respeito, Paul Ricoeur aponta que para Marx esse era o modelo de pensamento ideológico: "um movimento que vai desde a ideia à realidade e não desde a realidade à ideia" (RICOEUR, 1999, p. 69). Posteriormente, adquiriu um papel mais relevante ao se considerar a ideologia como um sistema de ideias que expressa os interesses da classe dominante, mas que representa de maneira ilusória as relações de classe (THOMPSON, 2011, p. 54). Segundo essas concepções, as formas ideológicas podem ser desmascaradas ao explicar-se em relação com as outras condições econômicas de produção. Portanto, para Thompson a dita concepção de ideologia "está ligada a um terceiro pressuposto referente ao caráter progressivo da era moderna" (THOMPSON, 2011, p. 56).

Depois de Marx, o conceito de ideologia adquiriu um papel importante no marxismo e nas novas disciplinas sociais. Este novo panorama, como descreve Thompson, apresenta uma tendência para a neutralização do conceito de ideologia (THOMPSON, 2011, p.62). Terry Eagleton aponta que:

> Como quando marxistas como Lenin falam aprobativamente da "ideologia socialista". Ideologia significa aqui um conjunto de crenças que reúne e inspira um grupo ou classe específico a perseguir interesses políticos considerados desejáveis (EAGLETON, 1997, p.50).

Quer dizer, a ideologia como sinônimo do sentido positivo de consciência de classe. Porém, é Manheim quem em seu trabalho *Ideologia e Utopia* elabora pela primeira vez e fora da tradição do marxismo, uma concepção neutral da ideologia (THOMPSON, 2011, p. 65). A concepção de ideologia em Manheim refere-se "essencialmente, a um sistema de pensamento e ideias que são situados socialmente e coletivamente partilhados; […] O novo programa de Manheim, por isso, procura explicitamente deixar de lado a consideração critica, negativa" (THOMPSON, 2011, p. 69-70).

Porém, seguindo a linha marxista e, ainda assim, mantendo uma tendência de neutralização do conceito de Ideologia, encontramos Louis Althusser trazendo a discussão sobre aparelhos ideológicos, que obviamente, é muito interessante para pensarmos a relação entre mídia e ideologia, superestrutura e infraestrutura, entre macroideologia e microideologia do cotidiano. Mas, consideramos que, assim como toda ideia, suas teorias respondem a questões que lhe eram contemporâneas (Althusser, a sociedade pós-industrial europeia; Thompson, a modernidade tardia) e ainda que ambos conceitos sejam tomados como sinônimos, o que não podemos esquecer é que Althusser está inserido em um momento sócio-histórico e em um embate teórico que lhe era próprio entre as décadas de 1960 e 1970, assim como o é para Thompson, que já nos responde do final de 1980 em diante. Acreditando, pelas citações recorrentes de Thompson em Fairclough, que ele é mais condizente com a proposta teórica deste do que o seria Althusser.

Reconhecemos também o grande contributo de Althusser em mostrar como a ideologia se materializa cotidianamente na linguagem e como os sujeitos são interpelados e enunciam na e pela ideologia. Portanto, partimos a expor os conceitos de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e Ideologia de Althusser com o intuito de enriquecer nossa discussão.

2.2.1 Aparelhos Ideológicos de Estado e Ideologia em Louis Althusser

A presente seção pretende discutir os conceitos de AIE e Ideologia na obra do teórico marxista Louis Althusser (1996), autor da obra que tem se tomado como referência, especificamente seu texto *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, publicado no ano de 1970, que se encontra na obra "Um mapa da Ideologia" de Slavoj Žižek (1996).

O pensamento de Louis Althusser teve uma forte influência teórica em campos tão diversos como a filosofia, a sociologia, a história, a comunicação, a antropologia, a crítica literária, entre outros. Deu-se a conhecer ao grande público através dos ensaios publicados em meados dos anos 60 do séc. XX, que lhe situaram entre a elite intelectual francesa e como figura destacada do "estruturalismo".

Louis Althusser (1996) ressalta que toda formação social, ao mesmo tempo que produz e para poder produzir, necessita reproduzir as condições da sua produção. Isto é, reproduzir forças produtivas e as relações de produção existentes. Althusser (1966) postula que é a partir da reprodução que resulta um possível pensar, o que caracteriza o essencial da existência e a natureza da superestrutura.

O Estado é concebido na tradição marxista como um aparelho repressivo que permite às classes dominantes manter sua dominação. O Estado é *o aparelho de Estado,* que intervém com a força repressiva. Procurando superar a metáfora descritiva, o autor incorpora à concepção de Estado como aparelho repressivo o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado que procuram reproduzir as relações de produção, sendo que a diferença do aparelho repressivo de Estado funciona com a ideologia.

Althusser define da seguinte forma os AIE: "Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos de Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas" (ALTHUSSER, 1996, p. 114). Em que algumas das quais são: AIE religiosos, AIE escolar, AIE familiar, AIE jurídico, AIE político, AIE sindical, AIE de informação, AIE cultural.

Althusser (1996) aponta que a diferença entre os AIE e o aparelho (repressivo) de Estado consiste, por um lado, no fato de que existe um aparelho (repressivo) de Estado e vários AIE, e, por outro, que o aparelho (repressivo) de Estado pertence à esfera pública, na medida em que os AIE provêm do domínio privado. Ao se referir a esta segunda diferença, como se poderia então considerar as instituições privadas como Aparelhos

Ideológicos de Estado? Para tal questionamento, Althusser recorre a Gramsci (1999) da seguinte forma:

> Como marxista consciente, Gramsci já previu essa objeção. A distinção entre o público e o privado é uma distinção interna ao direito burguês, e válida nos domínios (subalternos) em que o direito burguês exerce sua "autoridade". O domínio do Estado lhe escapa, por estar "além do Direito": o Estado, que é o Estado *da* classe dominante, não é público nem privado; ao contrário, é a condição para qualquer distinção entre o público e o privado. [...] Não importa se as instituições em que eles se materializam são "publicas" ou "privadas". O importante é como funcionam. (ALTHUSSER, 1996, p. 115, grifos do autor).

A diferença fundamental estaria em que os AIE funcionam mediante a ideologia, e o aparelho (repressivo) de Estado, mediante a violência. Para ser mais preciso, os AIE funcionam predominantemente com a ideologia e secundariamente com a repressão, e vice-versa com relação ao aparelho (repressivo) de Estado.

Desta forma, o que unifica a diversidade dos AIE é justamente que todos compartilham o funcionamento mediante a ideologia. Considerando que a classe dominante tem o poder de Estado e dispõe do aparelho (repressivo) de Estado, também é parte ativa dos AIE. Portanto, os AIE não só são objeto, senão lugar da luta de classes devido também à resistência das classes exploradas.

Disso decorre que a função dos AIE corresponde *à reprodução das relações de produção.* A hegemonia da classe dominante não pode manter-se só pelo uso da violência, pois, através da ideologia dominante ela se garante pela "harmonia" entre o aparelho (repressivo) de Estados e os AIE. E entre todos eles, o AIE escolar seria para o autor o que está em posição dominante nas formações capitalistas maduras. O AIE escolar tem a vantagem de dispor durante muitos anos de uma audiência obrigatória, ou seja, de 5 dias da semana de formação social capitalista que os preparará para o papel que desempenhará na divisão do trabalho.

Ao se referir a *Aparelhos Ideológicos* de Estado, Althusser faz referência à ideologia, sobre a qual na seção *Sobre a Ideologia*, se dirige à concepção de ideologia em Marx, para o qual a ideologia tratava-se de um sistema de ideias, de representações, que dominam o espírito de um homem ou do grupo social. No entanto, afirmando que estaria ausente na obra de Marx uma teoria da ideologia em geral, propõe um esquemático esboço sobre a questão. Esse autor faz uma distinção entre uma teoria da ideologia geral e uma teoria das ideologias particulares que expressam sempre posições de classe. Neste sentido,

afirma que a teoria das ideologias se baseia na história das formações sociais e, portanto, dos modos de produção e das lutas de classe que se desenvolvem neles mesmo.

Em tal sentido, Althusser aponta que:

> Nesse sentido, é claro que não há nenhuma possibilidade de uma teoria *das ideologias em geral*, já que *as ideologias* (definidas no duplo aspecto sugerido acima: regionais e de classe) tem uma história cuja determinação, em última instância, situa-se claramente fora das ideologias em si, embora as suponha.
> Ao contrário, se estou apto a propor o projeto de uma teoria da ideologia *em geral*, e se essa teoria é realmente um dos elementos de que dependem as teorias das ideologias, isso acarreta uma proposição aparentemente paradoxal, que expressarei nos seguintes termos: *a ideologia não tem história* (ALTHUSSER, 1996, p. 124).

Althusser retoma a concepção marxista de ideologia para afirmar que a proposição "a ideologia não tem história" aparece na Ideologia Alemã em um contexto "claramente positivista".

> Para Marx, portanto, a ideologia é uma montagem imaginária, um puro sonho, vazio e fútil, constituído pelos "resíduos diurnos" da única realidade plena e positiva: a da história concreta de indivíduos concretos, materiais, produzindo materialmente sua existência. É com base nisso que a ideologia não tem história em *A ideologia alemã*, já que sua história está fora dela; a única história existente é a história dos indivíduos concretos etc. (ALTHUSSER, 1996, p. 124-125).

E também aponta que a tese da Ideologia Alemã é puramente negativa, já que por um lado a ideologia não seria nada em tanto puro sonho que se fosse produzido pela alienação da divisão do trabalho, o que reforçaria o caráter negativo da tese. E, por outro, porque a ideologia não teria história própria, já que é um tanto reflexa, vazia e invertida da história real

Althusser dá à ideologia um sentido positivo ao afirmar que a ideologia estaria dotada de uma estrutura e um funcionamento que a constituem como realidade não-histórica, isto é: *omni*-histórica, imutável em toda a história das sociedades. Resume, desta forma, sua posição:

> Para simplifica a expressão, é conveniente, levado em conta o que se disse sobre as ideologias, usar o simples termo "ideologia" para designar a ideologia em geral, que acabei de dizer que não tem história, ou – o que dá na mesma – que é eterna, isto é onipresente em sua forma imutável por toda a história (= história das formações sociais que englobam as classes sociais). Por ora, vou restringir-me às "sociedades de classe" e sua história (ZIZEK, 1996, p.126).

Althusser expõe duas teses sobre a estrutura e o funcionamento da ideologia, uma negativa e outra positiva. Na tese 1: a ideologia representa a relação imaginária dos

indivíduos com suas condições reais de existência; o que se representa aqui não são as condições reais de existência, senão a relação que existe entre os indivíduos e as condições de existência. Na tese 2, a ideologia tem existência-material. Sobre esta tese, afirma Althusser: "Em qualquer dos casos, a ideologia da ideologia reconhece, portanto, apesar de sua deformação imaginária, que as "ideias" de um sujeito humano existem ou devem existir em seus atos, e que, quando isso não acontece, ela lhe atribui outras ideias correspondentes aos atos (mesmo perversos) que ele de fato pratica" (ALTHUSSER, 1996, p. 130). Desta forma, considerando um só sujeito (um indivíduo), postula que

> No que tange a um único sujeito (tal ou qual indivíduo), a existência das ideias que formam sua crença é material, pois *suas ideias são seus atos materiais, inseridos em práticas materiais regidas por rituais materiais, os quais, por seu turno, são definidos pelo aparelho ideológico material de que derivam as ideias desse sujeito.* (ALTHUSSER, 1996, p. 130, grifos do autor)

Seguidamente enuncia outras duas teses (ALTHUSSER, 1996, p.131): 1) "Não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela"; e 2) "Não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para o sujeito". Neste sentido, ideologia – prática – sujeito se constituem mutuamente, ou seja, os sujeitos são ao mesmo tempo *destinatários – constituídos e suportes materiais – constituintes* da ideologia.

O funcionamento de toda ideologia é executado através de duas funções: a) o *reconhecimento* ideológico – efeito próprio da ideologia que impõe as evidências que os sujeitos não podem deixar de reconhecer, precisamente porque não aparecem como imposições e são, portanto, *desconhecidas* pelos mesmos; e b) a *interpelação* dos indivíduos concretos como sujeitos concretos. Este último constitui o mecanismo de recrutamento da ideologia e supõe uma relação em que os sujeitos se submetem livremente e reconhecem um *Sujeito Único* e *Absoluto* no que se veem refletidos e reconhecidos como sujeitos - ao mesmo tempo, os sujeitos se reconhecem a si mesmos e entre si.

A eficácia dos mecanismos de interpelação e reconhecimento se estabelece na submissão dos sujeitos[11] no nível da consciência/comportamento como garantia para a reprodução das relações sociais de produção, submissão que ao mesmo tempo é desconhecida pelos mesmos sujeitos.

Para finalizar, aponta dois problemas importantes:

[11] A concepção de sujeito está fundada em uma ideia psicanalítica de sujeito atravessado pelo inconsciente, portanto marionete de processos inconscientes de interpelação (BRANDAO, 1996).

1) *O problema do processo global da realização da reprodução das relações de produção*, afirmando que somente no seio dos processos de produção e circulação realiza-se a reprodução, e que esta não pode ser uma simples técnica de formação e distribuição dos indivíduos em diferentes postos da divisão técnica do trabalho. Portanto, a reprodução realiza-se através de uma luta de classes que se opõe à classe explorada.

2) *O problema da natureza de classe das ideologias existentes numa formação social*, apontando que os AIE não são a realização da ideologia geral e que a ideologia da classe dominante se realiza e põe em marcha através dos AIE, objeto de uma dura luta de classes que extravasa aos próprios AIE. Portanto, as ideologias existentes em uma formação social só podem explicar-se do ponto de vista das classes, ou seja, da luta de classes.

Althusser fecha sua análise afirmando que:

> Pois, se é verdade que os AIEs representam a forma em que a ideologia da classe dominante tem que, necessariamente, ser comparada e confrontada, as ideologías não "nascem" nos AIEs, e sim nas classes sociais que estão em confronto na luta de classes: em suas condições de existência, suas práticas, sua experiência da luta etc. (ALTHUSSER, 1996, p. 140).

Sem sombra de dúvidas, o aporte teórico de Louis Althusser para a compreensão da sociedade capitalista e, particularmente, do conceito de ideologia é fundamental na formação de cientistas sociais. A análise da sua obra "*Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado"* permite, por um lado, o conhecimento da sua continuidade marxista e, por outro, os apontamentos que o autor realiza à obra de Marx, segundo sua interpretação. Nesse sentido, chama a atenção para algumas distinções no que concerne à cisão entre ideologias e ideologia em geral.

2.2.2 Sobre Ideologia, mídia e modernidade tardia para John B. Thompson

A respeito do anterior, Thompson aborda uma seção a qual denomina *Repensando a ideologia: uma concepção crítica*. O enfoque dessa seção procura ser uma alternativa para o que o autor denomina como a neutralização do conceito de ideologia e que tem sido empregada por autores como Clifford Geertz e Althusser, entre outros, e como proposta tenta formular uma concepção crítica da ideologia a partir de:

> um enfoque que está orientado para a análise concreta dos fenômenos sócio-históricos, mas que ao mesmo tempo mantém o caráter crítico transmitido a nós pela história do conceito. A análise da ideologia, […], esta primeiramente interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. Deixem-me definir este enfoque mais detalhadamente: *estudar a ideologia e estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação* (THOMPSON, 2011, p. 75-76).

Assim, a análise da ideologia é associada com as maneiras pelas quais as formas simbólicas se entrelaçam com as relações de poder. Para Thompson, os fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos na medida que servem, em circunstâncias sócio-históricas particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação.

No segundo capítulo, *Ideologias nas sociedades modernas*, Thompsom põe em relevo alguns conjuntos de suposições nos quais se pratica a análise da ideologia hoje em dia. O primeiro conjunto de suposições abarca uma variedade de ideias que surgem das obras de Marx e Weber. A esta descrição de ideias Thompson as denomina "a grande narrativa da transformação cultural" (Thompson, 2011, p. 104), na qual tem se gerado grande parte da reflexão sobre a natureza e o papel da ideologia, entendendo-se esta como uma classe particular do sistema de crenças (THOMPSON, 2011). Porém, para o autor "a grande narrativa" não é um marco adequado para analisar as sociedades modernas.

Thompson inicia o terceiro capítulo com uma série de considerações em torno do conceito de cultura. Ao abordar este aspecto, assinala que é um conceito que possui uma história própria, e o sentido que transmite na atualidade é produto desta. Para destacar algumas das principais formas de empregar o conceito de cultura, oferece uma visão de dito desenvolvimento (THOMPSON, 2011, p. 165-166).

O autor levanta uma concepção antropológica que leve em conta a noção simbólica, que pode deslocar o enfoque para um interesse pelo simbolismo. De acordo com esse enfoque, os fenômenos culturais são fenômenos simbólicos, e o estudo da cultura interessa essencialmente pela interpretação dos símbolos e da ação simbólica. Para Thompson, a concepção simbólica – cujo representante principal é Clifford Geertz – é um bom ponto de partida para desenvolver um enfoque construtivo no estudo dos fenômenos culturais.

Em relação com o anterior, Geertz (2008) identifica a função constitutiva da ideologia no nível da "ação simbólica"[12]. Não obstante, assinala Thompson, que a debilidade desta concepção consiste em não prestar suficiente atenção às relações sociais estruturadas, aos problemas de poder e conflito social em que se inserem sempre os símbolos e as ações simbólicas. Em consequência, o autor propõe a concepção estrutural da cultura. De acordo com essa concepção, os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas (THOMPSON, 2011, p. 166).

Ao considerar as formas simbólicas em relação com os contextos sociais estruturados nos que se produzem e recebem, a concepção estrutural da cultura proporciona uma base que permite pensar nas implicações do surgimento e desenvolvimento da mídia, que consiste precisamente na produção e transmissão das formas simbólicas.

A cultura moderna se define pela produção e circulação das formas simbólicas, que tem estado crescente e irreversivelmente presas em processos de mercantilização e transmissão, e que agora possuem um caráter global. Este impacto da globalização sobre a mídia é o que tem se denominado como "A terceira revolução tecnológica".

Por formas simbólicas Thompson se refere a um amplo campo de fenômenos significativos que vai desde as ações, os gestos e os rituais, até os enunciados, os textos, os programas de televisão e as obras de arte, cujas características são: "intencionais", "convencionais", "estruturais", "referenciais" e "contextuais" (THOMPSON, 2011, p. 182).

A inserção das formas simbólicas nos contextos sociais implica que estas formas são produzidas geralmente por agentes situados num contexto sócio-histórico específico e dotados de recursos e habilidades de diversos tipos. Isso implica que além de serem expressões dirigidas a um sujeito, são formas recebidas e interpretadas por indivíduos que se situam também em contextos sócio-históricos. Enquanto fenômenos sociais, as formas simbólicas permutam-se entre indivíduos localizados em contextos específicos, e esse processo de intercâmbio requer certos meios de transmissão

[12] Somente quando tivermos uma análise teórica da ação simbólica comparável, em sofisticação, à qual temos hoje para a ação social e para a ação psicológica, estaremos em condições de enfrentar decisivamente aqueles aspectos da vida social e psicológica nos quais a religião (ou a arte, a ciência, a ideologia) desempenha um papel determinante (Geertz, 2008, p. 91).

(THOMPSON, 2011, p. 193), que na atualidade estão nas mãos de instituições públicas e privadas de comunicação.

Os capítulos quatro e cinco constituem o eixo central no que se refere às mídias. Esses capítulos têm como título: *Transmissão cultural e comunicação de massa* e *Para uma teoria social da comunicação de massa*. O capítulo quarto detalha, em primeira instância, que a produção e a circulação de formas simbólicas nas sociedades modernas é indispensável das atividades da indústria midiática, cujo surgimento e desenvolvimento forma parte de um processo histórico específico paralelo ao nascimento das sociedades modernas. Para Thompson, esse foi o começo de uma série de avanços que, desde o século XVI até o presente, transformaram radicalmente as maneiras em que as formas simbólicas eram produzidas, transmitidas e recebidas pelos indivíduos durante sua vida cotidiana. A essa série de desenvolvimentos o autor os denomina "midiação da cultura moderna" (THOMPSON, 2011, p. 220).

Dentro deste mesmo capítulo, aborda o assunto do impacto que tem gerado as novas tecnologias (satélites, vídeogravadoras etc.) sobre as sociedades modernas, propiciando com isso novas formas de relação social, pois se anuncia a possibilidade de uma forma de comunicação mais pessoal e interativa. Em vista de tais considerações, Thompson considera que é plausível que a configuração incipiente dos sistemas a cabo e satélites representem o desenvolvimento de uma nova modalidade de transmissão cultural.

> Se esta transformação na modalidade de transmissão servirá para estimular novos e inovadores tipos de atividade produtiva, ou tenderá, ao contrário, a consolidar a produção de uma fórmula de programação de baixo custo, é uma questão que permanece aberta (THOMPSON, 2011, p. 227).

Pelo dito anteriormente, podemos considerar Thompson como um visionário, ao apontar que no futuro haveria grandes avanços em comunicação. A comunicação por telefonia celular, fibra óptica, internet e o estabelecimento de redes sociais por este meio, tem mudado em grande maneira as formas de comunicação e interação dos indivíduos em sociedade.

No capítulo cinco, explora algumas maneiras em que o advento da comunicação de massas tem transformado os modos de experiência e os padrões de interação característicos das sociedades modernas, centrando-se de maneira particular no impacto da transmissão televisiva. Thompson perscruta na modalidade da transmissão televisiva, pois para ele desempenha um papel central na constelação contemporânea dos médios técnicos (THOMPSON, 2011, 297). O autor aponta que a cultura moderna é cada

vez mais uma cultura mediada eletronicamente, onde os modos orais e escritos de transmissão têm sido complementados ou quase deslocados pelos eletrônicos. Portanto, o que acomete é estudar "o impacto interacional dos médios técnicos" a partir de quatro dimensões:

> (1) os meios facilitam a interação através do tempo e do espaço; (2) eles modificam a maneira como as pessoas agem *para* os outros, enquanto os outros para os quais essas pessoas estão agindo se constituem numa audiência que é ampla, remota e dispersa no tempo e no espaço; (3) eles modificam a maneira como as pessoas agem *em resposta* aos outros, na medida em que podem agir em resposta a outros que estão localizados em contextos distantes; e (4) os meios também modificam as maneiras como as pessoas agem e interagem no processo de recepção, isto e, eles atingem a organização social daquelas esferas da vida cotidiana em que a recepção das mensagens por eles mediadas e uma atividade rotineira (THOMPSON, 2011, p. 297-298).

Em contraposição ao argumentado pelo autor, Eagleton aponta que a televisão é mais uma forma de controle social que um aparelho ideológico, pois: "passar longos períodos na frente da televisão firma os indivíduos em papéis passivos, isolados, além de consumir uma boa quantidade de tempo que poderia ser dedicada a propósitos políticos produtivos" (Eagleton, 1997, p. 42).

Porém, Eagelton não toma em conta Thompson em que:

> As vidas privadas das pessoas podem ser transformadas em acontecimentos públicos pelo fato de serem veiculadas através dos meios de massa; e acontecimentos públicos podem ser vivenciados em situações privadas, como acontece quando os problemas de estado são vistos ou lidos na privacidade de uma casa. A natureza daquilo que é público e daquilo que e privado e a demarcação entre esses territórios são transformadas de diferentes maneiras devido ao desenvolvimento da comunicação de massa (THOMPSON, 2011, p. 311).

O campo privado inclui organizações econômicas de propriedade privada que operam numa economia de mercado e se orientam à obtenção de ganâncias. O campo público inclui organizações econômicas que são propriedade do Estado.

Semelhantemente, sustenta que as mensagens recebidas pela televisão e outros meios se submetem habitualmente a uma elaboração discursiva, pois são discutidos pelos indivíduos no curso das suas vidas, tanto na região principal de recepção, como nos contextos interativos dos campos público e privado.

Finaliza esse capítulo apontando que para repensar a ideologia na era da mídia:

> deveríamos passar de uma preocupação com a natureza dos meios técnicos e as instituições da organização da mídia para um tipo de análise que, embora fundamentado nessas considerações, fosse orientado em direção ao *conteúdo* das

> mensagens da mídia e as maneiras como esse conteúdo é empregado e apropriado em circunstâncias particulares (THOMPSON, p. 341, 2011).

Em seu último capítulo, intitulado *A metodologia da interpretação*, Thompson afirma que a formas simbólicas podem ser analisadas de forma adequada através de um marco metodológico que denomina "hermenêutica de profundidade"[13]. Dentro de dito marco, o objeto de análise é uma construção simbólica significativa que requer uma interpretação. Em consequência, a hermenêutica de profundidade pode adaptar-se facilmente para analisar a ideologia e a mídia (THOMPSON, 2011 p. 341-342).

Outro aspecto que o autor destaca é que a hermenêutica nos lembra que os indivíduos são quem constituem o mundo social e se inserem em tradições históricas. "Os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão" (THOMPSON, 2011, p. 359) e "os sujeitos que constituem parte do mundo social estão sempre inseridos em tradições históricas" (THOMPSON, 2011, p. 360). Neste ponto, Thompson resgata a Gadamer para reconhecer-lhe ter colocado importância na historicidade da experiência humana.

A importância que Gadamer outorga a tarefa histórica se reflete no seguinte extrato da sua obra *Verdade e Método*:

> A própria investigação histórica moderna não é somente investigação da tradição. Não a vemos somente sob a lei do progresso e dos resultados assegurados – nela também realizamos nossas experiências históricas, na medida em que nela faz-se ouvir cada vez uma voz nova em que ressoa o passado (GADAMER, 1997, p. 426-427) [...] A tarefa da compreensão histórica inclui a exigência de ganhar em cada caso o horizonte histórico, a fim de que se mostre, assim, o que queremos compreender em suas verdades medidas. Quem omitir esse deslocar-se ao horizonte histórico a partir do qual fala a tradição, está sujeito a mal-entendidos com respeito ao significado dos conteúdos daquela (GADAMER, 1997, p. 452-453).

Não obstante, para Thompson a obra de Gadamer apresenta um problema, pois afirma que o referido autor procura afastar a hermenêutica de uma preocupação pelo método e dirigir ela para uma reflexão filosófica.

Para o autor torna-se mais atrativo o trabalho de Ricoeur, porque a partir das percepções de Gadamer, sem abandonar as preocupações metodológicas, Ricoeur procura demonstrar explícita e sistematicamente que a hermenêutica pode oferecer tanto uma reflexão filosófica acerca de ser e compreender, como reflexão metodológica acerca da

[13] Thompson, 2011.

natureza e das tarefas da interpretação na investigação social. A chave para esse caminho de reflexão é o que Ricoeur e outros têm chamado de hermenêutica de profundidade (THOMPSON, p. 368, 2011).

No caso de Habermas - que põe ênfase na linguagem -, aponta que:

> A experiência da hermenêutica de profundidade mostra como na dogmática do plexo da tradição não somente se impõe a objetividade da linguagem em geral senão também a repressividade das relações de poder que deformam a intersubjetividade do entendimento como tal, e distorcem sistematicamente a comunicação linguística cotidiana (HABERMAS, 1988, p. 302).

Retomando a Thompson, ele aponta que a primeira fase do enfoque hermenêutico de profundidade é a análise sócio-histórica. O objetivo desta primeira etapa é reconstruir as condições sócio-históricas e os contextos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, assim como as regras e convenções, as relações ou instituições sociais, e a distribuição do poder, os recursos e as oportunidades, em virtude dos quais esses contextos formam campos diferenciados e socialmente estruturados (THOMPSON, 2011, p. 366-368).

Acerca da seguinte fase, o autor a define como análise formal ou discursiva e pode ser realizada através dos seguintes tipos de exame: a) Análise semiótica (p. 370); b) Análise da conversação (p. 371-372); c) Análise sintática (p. 372-373); d) Análise narrativa (p. 373-374); e e) Análise argumentativa (p. 374-375).

A terceira fase do enfoque hermenêutico de profundidade é o que Thompson chama de interpretação/reinterpretação. Assim, os métodos da análise discursiva procedem através da análise, eles quebram, dividem, desconstroem, procuram desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica ou discursiva (THOMPSON, 2011, p. 375).

O interesse de Thompson pela ideologia o dirige em direção às relações de dominação que existem no contexto em que se produzem e recebem as construções simbólicas, pois para ele não é possível captar o caráter ideológico das formas simbólicas sem pôr em destaque as relações de dominação que ajudam a estabelecer e a manter circunstâncias específicas e que para ele “entre as assimetrias que são mais importantes e mais duráveis nas sociedades modernas, estão aquelas baseadas nas divisões de classe, gênero, etnia e estado-nação” (THOMPSON, 2011, p. 378).

Neste sentido, para o autor é importante estudar como as instituições sociais conferem poder a grupos ou a agentes particulares de modos sistematicamente

assimétricos. Interpretar uma forma simbólica como ideologia permite abrir a possibilidade à crítica, não somente de outras interpretações, mas também das relações de dominação em que estão presos os indivíduos.

Na última seção do capítulo, Thompson analisa a mídia como um fenômeno cultural, quer dizer, estuda a comunicação em termos de formas e processos historicamente específicos e socialmente estruturados. É nessas formas e processos, e através deles que se produzem, estruturam e recebem as formas simbólicas. A característica deste enfoque, como mostra Thompson, é que permite estudar ditas formas como ideologias.

Para o autor, a recepção e a apropriação das mensagens nos meios é outro campo de análise para a hermenêutica de profundidade, sendo as mensagens transmitidas pela televisão o exemplo mais claro de como é que os indivíduos se apropriam deles. Além disso, detecta que tem se estabelecido novas formas de relação como resultado da forma em que se apresentam esses ante o público.

Thompson conclui argumentando que a análise crítica da ideologia tenta corrigir a deficiência que apresentam trabalhos de alguns teóricos preocupados com a diversidade e a diferença, mas que não tomam em conta que, nas sociedades modernas, a diversidade e a diferença se inserem geralmente de modos assimétricos. Como pode se apreciar, o trabalho de Thompson é bastante oportuno, pois precisamente agora a questão da ideologia tende a desaparecer dos escritos de alguns teóricos sociais pós-modernistas, que consideram o conceito como algo anacrônico ou redundante, mas sobretudo – como aponta Eagleton – tendem a ver isso como um produto teleológico e com raízes metafísicas que anulam a si mesmo de forma imediata (EAGLETON, 1997, p.12).

Porém, Thompson refuta argumentando que a ideologia é um assunto vivo, que atua e incide de diversas formas na sociedade moderna, uma delas é através das formas simbólicas transmitidas pela mídia, que servem para estabelecer e manter relações de dominação num determinado contexto social no que surgem, transmitem e recebem. Mas também, os meios têm propiciado importantes mudanças culturais nas sociedades modernas, têm surgido novas formas de interação social entre os indivíduos que não tinham aparecido até o momento da revolução tecnológica, dos meios e o método para analisar tanto a ideologia, como a mídia, é o que ele denomina hermenêutica de profundidade.

O conceito de ideologia da ADC provém de estudos de Thompson (1995). Na teoria social crítica de Thompson, o conceito é inerentemente negativo. Ao contrário das

concepções neutras, que tentam caracterizar fenômenos ideológicos sem implicar que esses fenômenos sejam necessariamente enganadores e ilusórios, ou ligados com os interesses de algum grupo em particular, a concepção crítica postula que a ideologia é por natureza hegemônica no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes.

Não só filósofos como Althusser ou sociólogos como Thompson e Eagelton refletiram sobre o conceito de ideologias. Os linguistas perceberam também sua importância dentro das suas análises, tendo em vista que assim Fairclough (2001, p 117) define ideologias:

> As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação ao das relações de "dominação".

Como vemos, a Ideologia em ADC está sempre atrelada ao sentido das relações assimétricas de poder, retomada do conceito de luta hegemônica, o qual é trazido de Gramsci (1995) e "reinterpretado" por Fairclough (1997, 2001)

> a hegemonia caracteriza-se como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. A dominação, entretanto sempre está em equilíbrio instável, daí a noção de luta hegemônica como foco de luta sobre pontos de instabilidade em relações hegemônicas (RESENDE; RAMALHO, 2006, p 43).

Partindo do modelo tridimensional do discurso de Fairclough (2003, p.101), em que a prática social é uma dimensão do evento discursivo e do texto, focamos o discurso como prática social materializada no texto. Fowler e Kress (1979, p.186) asseveram que

> Se o significado lingüístico é inseparável da ideologia, e ambos dependem da estrutura social, então a análise lingüística deveria ser uma poderosa ferramenta para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e controle (FOWLER E KRESS, 1979, p.186).

Discutiremos, portanto, os significados do discurso nas notícias selecionadas e apontaremos se há maior ocorrência de algum destes, sempre que relevante a compreensão da ideologia contida em tais textos, embora não de maneira aprofundada, devido a que nosso trabalho seja um projeto piloto. Mas se faz importante ressaltar que nossa pesquisa não está pautada somente em aspectos linguísticos, mas sim na identificação e crítica da

ideologia discriminatória transmitida por um gênero textual específico, a notícia, buscando provar que a escolha deste gênero não é em vão, mas funciona como estratégia na disseminação da ideologia racista.

Depois dessa aproximação teórica, passamos a apresentar as notas metodológicas que contextualizam, desde a caracterização até o ponto de vista procedimental, a nossa investigação.

3 APORTE METODOLÓGICO

Como adiantamos no tópico*Uma tentativa de dadaísmo epistemológico para a Linguística Aplicada: Paul Feyerabend, o esquecido na Indisciplinaridade*, nos esforçaremos em nos inscrevermos em dita forma de fazer ciência, e mais especificamente no fazer da LA Indisciplinar/dadaísta. Assim, agora passamos a deixar mais visível nossa metodologia. Discutiremos:

Em primeiro lugar, a tese da incomensurabilidade das teorias científicas, e por conseguinte o progresso das revoluções científicas, junto com as concepções de paradigma científico. Para isso, basear-nos-emos nas obras *Explanation, Reduction and Empirism (1962)* de Paul Feyerabend.

> Esclarecer os paradigmas sob os quais atuam (os lingüistas). Defendo, na verdade, a visão de que esta questão é natural da produção cientifica. Ou seja, esta discussão é útil para a LA, isto é, interessa aos lingüistas aplicados, na medida em que representa um confronto ou não de percursos de investigação (isto é, paradigmas) ao se defender um ou outro (MOITA LOPES, 1996, p. 17-18).

A incomensurabilidade é um assunto substancialmente controverso entre os filósofos da ciência desde que surgiu pela primeira vez até nossos dias. Começamos a discutir o primeiro ponto a ser desenvolvido: Feyerabend (1970) por paradigma científico? O que é a tese da incomensurabilidade das teorias científicas? E no sucessivo clarear em que consiste o progresso das revoluções científicas com os pontos em comum que se estabelecem entre a tese da incomensurabilidade das teorias científicas?

A tese da incomensurabilidade das teorias científicas formulada pela primeira vez em *A estrutura das revoluções cientificas* (KUHN, 1962) e no ensaio *Explanation, Reduction and Empirism* (FEYERABEND, 1962). Kuhn reconheceu que ambos usaram o termo independentemente um do outro, mas coincidindo no substancial (Cf. DIEGUEZ, 2005. P. 198).

Para Paul Feyerabend, toda teoria geral nova implica mudanças na ontologia e no significado dos termos fundamentais da linguagem empregada pelas teorias anteriores. Assim, duas teorias são incomensuráveis no sentido de que os conceitos de uma não podem ser definidos baseando-se nos conceitos descritivos primitivos da outra, nem conectados através de um enunciado empírico correto. Feyerabend pretendia desmontar o

princípio de deducibilidade e o princípio de invariação de significados da concepção neopositivista do progresso científico como redução de teorias.

O ponto central da incomensurabilidade é que teorias que se substituem umas às outras, separadas por uma revolução científica, não fazem uso exatamente dos mesmos conceitos. Por um lado, uma teoria mais recente inventa conceitos novos e abandona outros conceitos da antiga teoria. No entanto, casos mais interessantes de incomensurabilidade são aqueles em que conceitos da teoria precedente são também usados na nova teoria, porém com o significado um tanto diferente. Essas mudanças dos conceitos, geralmente chamadas *mudanças conceituais,* conduzem a uma relação especial entre as teorias pré-revolucionárias e as teorias pós-revolucionárias. O conceito de incomensurabilidade concerne a essa relação entre as duas teorias (HOYNINGEN-HUENE, 2012).

Devemos identificar o problema da incomensurabilidade das teorias científicas abordando primeiro o que entende Paul Feyerabend por paradigma.

Ao tratar do conceito de paradigma percebemos que este está carregado de aspectos sociais e psicológicos, e de aspectos lógico-teóricos. Embora Feyerabend não apresente um modelo lógico-teórico articulado de paradigma, entre outras coisas porque ele chegou ao convencimento de que a ciência não é um sistema unificado que possa dizer coisas em geral. Assim escreve Feyerabend:

> Afinal de contas, a história da ciência não consiste apenas de fatos e de conclusões retiradas dos fatos. Contém, a par disso, ideias, interpretações de fatos, problemas criados por interpretações conflitantes, erros, e assim por diante. [...]Se assim é, a história da ciência será tão complexa, caótica, permeada de enganos e diversificada quanto o sejam as ideias que encerra (FEYERABEND, 2007, p. 20-21).

Ainda assim, quando Feyerabend coloca como exemplos os paradigmas de Galileu referentes à lei dos corpos em queda para ilustrar que as novas interpretações naturais constituem linguagem de observação original e altamente abstrata (FEYERABEND, 2007), podemos interpretar que os paradigmas são tratados como situações, acontecimentos ocorridos, paisagens semânticas que acontecem no mundo onde o sujeito, neste caso o cientista, o deve interpretar.

Para Feyerabend, então, não dá aos paradigmas uma carga só social, mas um aspecto sobre todo psicológico e subjetivo já que os problemas registrados são sobre más interpretações dos fatos que acontecem no mundo:

> Se a ciência tem propósitos e persegue fins, e precisa para o seu desenvolvimento de coisas como pensamento, teoria e imaginação e resulta que todas estas coisas não são reduzíveis ao comportamento de um conjunto ou agregado de átomos, tal vez o que monstra a nossa cultura do sec. XX é que está pedindo a gritos um planejamento equilibrado e satisfatório que relacione de modo adequado o mental e o físico (FEYERABEND, 1989, p. 34-35).

Ainda assim, Feyerabend fundamenta a tese da incomensurabilidade em alguns princípios comuns.

Em primeiro lugar, a substituição de uma teoria por outra no seio de um *corpus* científico é um processo revolucionário que rompe drasticamente com o cenário da ciência antes da mudança teórica, portanto não cabe nela falar de acumulação de verdades.

Em segundo lugar, a concepção do *holismo semântico*[14] do significado dos termos científicos. O significado de um termo vem dado pelo papel que desempenha na teoria e pelo sistema de relações conceituais que estabelece com os demais termos. Um mesmo termo pode significar coisas diferentes no contexto de teorias diferentes. Como por exemplo, o conceito de *sujeito* da Ideologia de Althusser e o de Thompson.

Finalmente, Feyeraben assume a tese da *carga teórica da observação* (DIEGUEZ, 2005). Não há uma base puramente observacional que serviria como fundamento neutro para dirimir disputas teóricas. Toda observação pressupõe a validade de uma teoria.

Embora Feyerabend (2007) afirme que sua ideia da incomensurabilidade se limita só aos aspectos semânticos, há passagens em que se expressa de modo a que se refere a uma incomensurabilidade ontológica. Ele escreve:

> Duas teorias comensuráveis […] se referem a mundos distintos e […] a mudança (de um para o outro) tem se produzido por um deslocamento de uma teoria a outra. […] Sabemos que dão câmbios que não são o resultado de um interação causal entre o objeto e o observador, senão de um cambio nas condições mesmas que permitem falar de objetos, situações ou acontecimentos. Apelamos a esta última classe de câmbios quando dizemos que um cambio de princípios universais ocasiona um cambio na totalidade do mundo (FEYERABEND, 2007, p. 273).

Portanto, Feyerabend apresentou um modelo de progresso científica mais *radical*, entre outras coisas, porque chegou ao convencimento de que a ciência não era um sistema unificado do que se pudesse dizer coisas em geral, e, portanto, não tinha sentido

[14] O holismo semântico supõe que o significado de nossas palavras depende de tudo o que nós acreditamos, de todas as assunções que nós fazemos, ou seja, que todas as relações inferenciais de uma expressão constituem o seu significado. Ele implica que a determinação das propriedades semânticas de uma expressão envolva o agenciamento de todas as expressões significativas da linguagem de que ela faz parte. Em um sentido mais radical, a tese holista afirma que é apenas pelo agenciamento de todos os itens da classe de substituição que se chega à determinação do valor semântico de um termo singular, e para uma sentença o que é resultado é a determinação do valor de verdade de todas as demais sentenças. (DAVIDSON, 2001).

propor um modelo universal de progresso. Com a tese de Feyerabend, se observa que *tudo é válido*[15] (FEYERABEND, 2007). Para Feyerabend (1962, p. 365): tratava-se fundamentalmente da ausência de conexões dedutivas entre duas teorias gerais, como a teoria medieval do *impetus* e a mecânica newtoniana; ou dito em termos neopositivistas, da impossibilidade de reduzir uma teoria a outra.

Portanto, podemos decifrar aqui que a tese da incomensurabilidade das teorias científicas de Feyerabend é assunto fundamental no que se referente ao progresso de uma LA Indisciplinar como fazer científico.

> A condição de coerência, por força da qual exige que as hipóteses novas se ajustem a teorias aceitas, é desarrazoadora, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses que contradizem teorias bem assentadas proporcionam-nos evidência impossível de obter por outra forma. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade lhe debilita o poder crítico. A uniformidade, além disso, ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo. (FEYERABEND, 1970, p. 45)

Percebemos, por outro lado, que Feyerabend em sua forma de problematizar com seu *vale tudo*, pedra angular do anarquismo epistemológico, o progresso científico coloca em crise a conceitualização epistêmica e ontológica da ciência e, em geral, da racionalidade científica.

Então, a seguir, e para melhor proveito de seguir clareando a Indisciplinaridade na LA, continuamos a apresentar nossa esforçada inter/trans/indisciplinar metodologia.

3.1 Caracterização da pesquisa: tipo, natureza e orientação epistemológica

De acordo com os pressupostos da ECD e com a proposta de nosso estudo, recorremos à teoria-método tridimensional/transformacional de Fairclough (2016) e Chouliaraki e Fairclough (1999), junto com o seu alargamento decolonial de Resende (2020), e as formas de investigação hermenêutica de Thompson (1996). Voltamos nossa atenção a compreender o estilo do texto como evento discursivo por meio de notícias, enfatizando o léxico, a gramática, a coesão e a estrutura que lhes permitiriam a construção de identidades dos/das médicos/as cubanos/as do PMM.

[15] Com o *tudo é valido,* P. Feyerabend, não está dizendo que qualquer coisa que se faça possa ser científica e que não existam regras de nenhum tipo dentro da ciência. O que se afirma é que os cientistas são oportunistas metodológicos, quer dizer, não se apegam a nenhuma metodologia rígida e permanente, ao modo oferecidos pelos filósofos da ciência, porque todas têm suas limitações, embora certamente seu trabalho siga em cada caso uma metodologia particular (DIEGUEZ, 2005, p. 192-193).

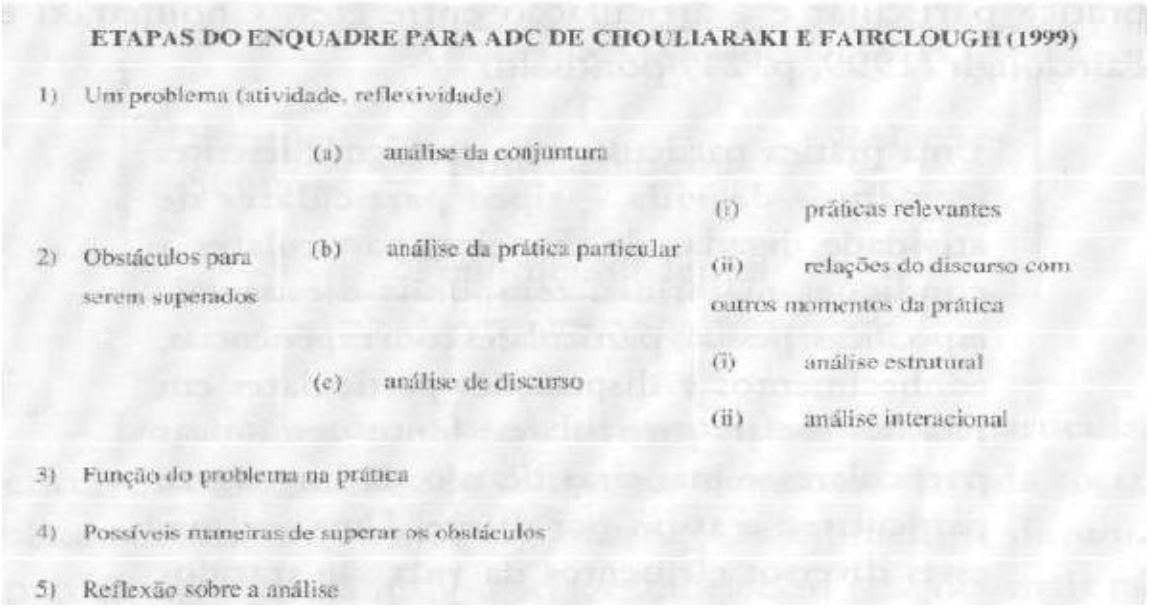
Pensamos que ambas propostas metodológicas não são excludentes uma da outra, senão que são comensuráveis entre elas, ao menos nos pontos importantes para nós, como veremos mais à frente, e no modo de ver de Feyerabend, como pudemos compreender na secção anterior. Isto é praticado, na pesquisa, como esforço em aderirmos a LA Indisciplinar. O poder deambular entre teorias e métodos sem que por isso caíssemos na especulação.

Assim, isso nos fornece subsídios para a realização de base qualitativa, a qual consiste em interpretar os dados coletados por meio das teorias que lhes servem de base. Para Flick (2002, p. 20), "a pesquisa qualitativa consiste na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento". Dessa forma,

> O processo da pesquisa qualitativa envolve três conjuntos interligados de decisões, relacionadas à **ontologia, epistemologia e metodologia**. Segundo Dezin & Lincoln (2006, p. 32-3), o/a pesquisador/a, situado/a biograficamente, "aborda o mundo com um conjunto de idéias, um esquema (teoria, ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia) que ele então examina em aspectos específicos (metodologia, análise) (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 74).

Nessa perspectiva, Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 60) oferecem um arcabouço teórico-metodológico que, em síntese, abrange o problema (atividade, reflexividade); obstáculos para serem superados (análises da conjuntura, da prática particular e de discurso); função do problema na prática; possíveis maneiras de superar os obstáculos; e reflexão sobre a investigação empreendida, como sintetiza o quadro seguinte:

Figura 6 - O enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough

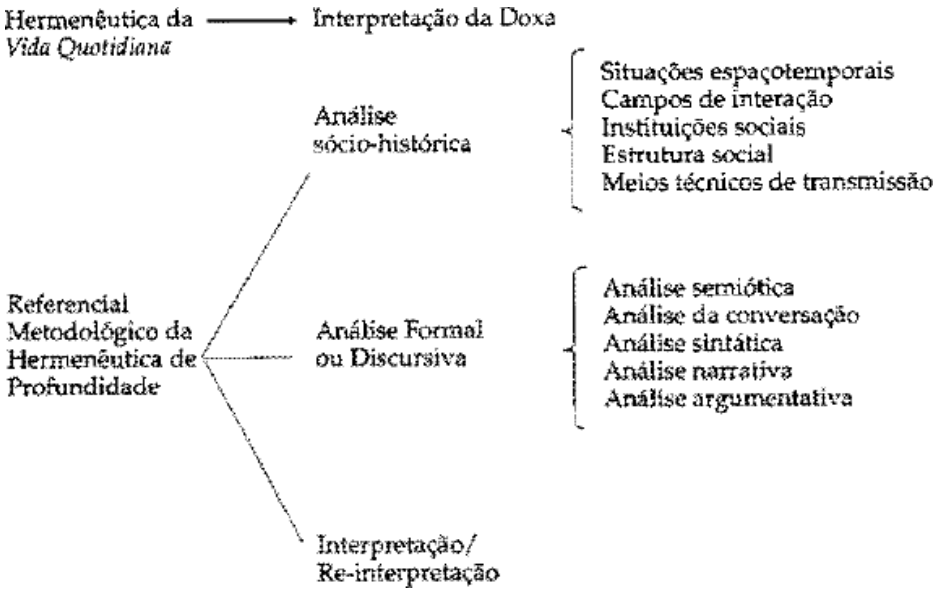


ETAPAS DO ENQUADRE PARA ADC DE CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH (1999)			
1) Um problema (atividade, reflexividade)			
2) Obstáculos para serem superados	(a)	análise da conjuntura	
	(b)	análise da prática particular	(i) práticas relevantes
			(ii) relações do discurso com outros momentos da prática
	(c)	análise de discurso	(i) análise estrutural
			(ii) análise interacional
3) Função do problema na prática			
4) Possíveis maneiras de superar os obstáculos			
5) Reflexão sobre a análise			

Fonte: Resende e Ramalho (2009, p. 37).

Já Thompson (2011, p. 365) oferece outro referencial metodológico, que ele chama Hermenêutica de profundidade que, em síntese, abrange a análise sócio-histórica (situações espaço-temporais, campos de interação, instituições sociais, estrutura social, meios técnicos de transmissão); Análise formal ou discursiva (análise semiótica, da conversação, sintática, narrativa, argumentativa), e Interpretação/Re-interpretação, como sintetiza o quadro seguinte:

Figura 7 - Formas de Investigação Hermenêutica



Fonte: Thompson (2011, p. 365)

Podemos observar que em ambos quadros metodológicos existem diferentes tipos de análise, nós nos detemos nas que serão mais frutíferas para nossa pesquisa, as quais serão desenvolvidas no tópico próprio de análise. Primeiro a análise de conjuntura e análise sócio-histórica: essa análise dá conta da configuração de práticas das quais o discurso em análise é parte, das práticas sociais associadas ao problema ou das quais ele decorre, ou seja, discursos são produzidos, transmitidos e recebidos em condições sociais e históricas específicas. Segundo, para a análise do discurso, temos no quadro da ADC dois momentos: no primeiro momento temos a análise orientada para a estrutura, a qual se refere a "relação da instância discursiva analisada com *ordens do discurso* e sua recorrência a *gêneros, vozes e discursos de ordens* de discurso articuladas" (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 36); já o segundo momento, orientada a interação, poderíamos iguala-la à analise formal ou discursiva de Thompson, este momento é a análise linguística de recursos no texto, "a análise das características estruturais e das relações do discurso" (THOMPSON, 2011, p. 371). Assim, a presente pesquisa configura-se como análise de *corpus* discursivo se baseando em Coracini (2001):

> No que diz respeito a sua inserção no campo de investigações da linguagem e a sua natureza epistêmica, trata-se de uma pesquisa situada nos estudos do discurso, no âmbito das Ciências Sociais, em uma perspectiva analítico-

> discursiva na sua vertente crítica, pois se preocupa com a dimensão ideológica dos textos que circulam na sociedade como práticas discursivas situadas (IRINEU, 2011, p. 107 *apud* CORACINI, 2001).

Como terceiro momento de análise, Thompson, coloca a interpretação/re-interpretação. Ela é a base da pesquisa qualitativa, pois "esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística" (Paiva, 2019, p. 13), embora:

> Ainda que os métodos qualitativos priorizem a interpretação de dados, não possuem o monopólio da abordagem interpretativa, visto que métodos quantitativos também exigem interpretação de dados. A polêmica entre duas tradições de pesquisa social, aparentemente competitivas, é estéril, porque se trata de duas tradições que se complementam. Ambas, além de envolverem processos interpretativos, buscam a qualificação. Na verdade, não há quantificação sem qualificação (BAUER, GASKELL E ALLUM, 2002, p. 22-25).

Essa interpretação é dada pela hermenêutica. O termo *hermenêutica* tem suas raízes no verbo grego *ermhneuein* e em seus derivados: *hrmeneia*, *hrmeneuj*, cujo significado é o de "afirmar", "proclamar", "interpretar", "esclarecer" e "traduzir". Seu conteúdo semântico põe já de relevo o que é comum ao termo: algo deve fazer-se inteligível, algo tem que ser compreendido. Não obstante, na língua grega se utiliza já do termo "hermenêutica" no sentido da "arte da interpretação" (CAÑETE, 2013).

Portanto, observamos grande vantagem no momento de aplicar o enfoque qualitativo ao estudo interpretativo no que se refere à não fragmentação do objeto e a ter um olhar global. A importância deste olhar de totalidade radica em que o objeto social investigado é um todo articulado, complexo, sistêmico, onde cada elemento se entende interrelacionado com os outros componentes. Um olhar que fragmente essa realidade através de suas menções e métodos, sempre nos brindará com uma visão parcial, pouco integrada e, por certo, efetivamente incompleta.

3.2 Constituição do *corpus*

Para dar conta da análise, reunimos um *corpus* composto por 9 notícias selecionadas dentre um total de 588, recolhidas ao longo dos anos de 2016 e 2019 no portal *G1.com*, por meio das palavras-chave: *médicos cubanos.*

Dividimos nosso *corpus* de análise em três períodos diferentes entre os anos de 2016 e 2019 tomando como referência quatro eventos cruciais que aconteceram. O

primeiro dos eventos foi o dia 31 de agosto de 2016, em que se formalizou o golpe à presidenta Dilma Rousseff no Congresso dos deputados. O segundo evento a ser ressaltado é a publicação de parte do governo cubano da carta de saída dos/as médicos/as cubanos/as do PMM[16], no dia 14 de novembro de 2018. O terceiro evento foi o resultado final das eleições brasileiras de 2018, na madrugada do dia 28 para dia 29 de novembro de 2018, com o presidente eleito Jair Messias Bolsonaro. Por último, temos o fim do PMM e sua renomeação para Médicos pelo Brasil, no dia 1 de agosto de 2019. Cada um desses eventos fez com que nosso *corpus* estivesse dividido da seguinte forma:

Quadro 1- Divisão de períodos do *corpus*

Período	Inicio	Fim	Número de notícias	Dias do período
1º período	31/07/2016	13/11/2018	91	2 anos 4 meses e 13 dias
2º período	14/11/2018	30/11/2018	276	15 dias
3º período	01/12/2018	01/09/2019	221	10 meses

Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se que as datas de início do primeiro período e de final do terceiro período não coincidem com os eventos anteriormente sinalizados, isso se deve ao fato de que possivelmente estaríamos deixando de lado potencial material de análise, já que os acontecimentos não acorriam espontaneamente, mas sim pelo próprio processo histórico.

A grosso modo, vemos que há grande diferença do acumulado de notícias referidas aos/às médicos/as cubanos/as, com também grande diferença no período de dias. Poderíamos esperar que no primeiro período, por ser o maior, também houvesse a ocorrência do maior número de notícias, mas isso não é assim, já que nesse período o PMM estava consolidado e dando bons frutos à sociedade brasileira com o trabalho dos médicos/as.

É impressionante como o número de notícias cresceu exponencialmente no segundo período, no qual conseguimos encontrar até 276 em um período de15 dias, assim

[16] <http://www.granma.cu/cuba/2018-11-14/declaracion-del-ministerio-de-salud-publica-14-11-2018-09-11-05>. Acesso em 21 set. 2020.

podemos deduzir que a publicação da carta do governo cubano fomentou a produção de notícias sobre o PMM e os/as médicos/as cubanos/as. Em uma pré-interpretação, podemos dizer que nesse período a maior quantidade de notícias é relativa ao número de médicos/as cubanos/as que iam saindo do país. Cada uma dessas notícias era quase repetida por cada estado e até por cada município, portanto a maioria das matérias não eram consistentes para a realização de uma análise em profundidade. Do terceiro período, inferimos sua normalidade tanto em termos de tempo como em número de notícias dirigidas ao tema, em comparação com os outros períodos.

Para reduzir o número de notícias relacionas aos/às médicos/as cubanos/as de 588 foi realizado o rastreamento da autoria de cada uma delas, pois muitas eram assinadas por *G1.com* ou *G1*, contendo o estado ou município de onde eram publicadas. Com isso se conseguiu diminuir esse número a 221 notícias, ficando da seguinte maneira:

Quadro 2 - Notícias do portal *G1.com* autorais

Período	Autorais	% do total
1º Período	29	31%
2º Período	105	26%
3º Período	82	27%

Inferimos desses dados que a grande maioria das notícias veiculas pelo portal *G1.com* sobre os/as médicos/as cubanos/as não são produzidas por um redator ou periodista, o nos pode fazer pensar sobre a relativa veracidade ou prestígio da maior parte de notícias publicadas no portal *G1.com*, ao menos no que se refere à temática dos/as médicos/as cubanos/as.

Esse número de notícias 29, 105 e 82, para cada um dos períodos ainda é número para nossas análises, as quais marcamos como meta a realização de análise ao menos de 3 notícias em cada um dos períodos como forma representativa. Assim, decidimos através da leitura das manchetes de cada uma delas e pela densidade lexical do texto (HALLIDAY, 1985) numa leitura superficial, para tal criva. Com isso, apresentamos as 9 notícias veiculas no portal *G1.com* como *corpus* para análise da presente pesquisa.

Quadro 3 - *Corpus* selecionado para análise

Período	Manchete
1º Período (31/07/2016 – 13/11/2018)	**TEXTO 1:** MINISTÉRIO PRETENDE REDUZIR NÚMERO DE MÉDICOS CUBANOS NO MAIS MÉDICOS.
	TEXTO 2: MUNICÍPIOS QUE APOIARAM JUDICIALIZAÇÃO ENVOLVENDO CUBANOS DO MAIS MÉDICOS PODEM SAIR DO PROGRAMA, DIZ MINISTRO.
	TEXTO 3: BOLSONARO DIZ QUE VAI USAR REVALIDA PARA 'EXPULSAR' MÉDICOS CUBANOS DO BRASIL.
2º Período (14/11/2018 – 30/11/2018)	**TEXTO 4:** É 'DESUMANO' DAR AOS MAIS POBRES ATENDIMENTO SEM 'GARANTIA', DIZ BOLSONARO SOBRE CUBANOS
	TEXTO 5: 'ACHO QUE METADE NÃO VOLTA' DIZ MOURÃO SOBRE CUBANOS NO MAIS MÉDICOS
	TEXTO 6: NOVO MINISTRO DA SAÚDE DIZ QUE ATUAÇÃO DE MÉDICOS CUBANOS NO BRASIL PARECIA CONVÊNIO ENTRE CUBA E O PT
3º Período (01/12/2018 – 01/09/2019)	**TEXTO 7:** GOVERNO ESTUDA SUBSTITUIR MAIS MÉDICOS POR OUTRO PROGRAMA, DIZ PORTA-VOZ DA PRESIDÊNCIA
	TEXTO 8: FORA DO MAIS MÉDICOS, CUBANOS CAEM NA INFORMALIDADE PARA VIVER NO AC: 'DÓI ENCONTRAR PACIENTES NA RUA
	TEXTO 9: GOVERNO ANUNCIA 18 MIL VAGAS COM SALÁRIOS DE ATÉ R$31 MIL NO NOVO MAIS MÉDICOS

Fonte: elaborado pelo autor.

3.3 Procedimentos de análise

Para esclarecermos essa questão, devemos primeiro escolher entre os gêneros digitais da mídia brasileira. Os artigos escolhidos do portal digital *G1.com*, o qual consideramos que tem maior relevância para a nossa pesquisa pelo grande número de leitores e pela repercussão que tem na sociedade brasileira. De acordo com os pressupostos da ECD, a proposta de nosso estudo e a eleição do *corpus* nos permite realizar uma análise crítica inspirada nas diversas técnicas interpretativas que estruturam o edifício teórico-metodológico da EDC de perspectiva dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 2003), sócio-cognitiva (VAN DIJK, 2003) e seu alargamento decolonial (RESENDE, 2019) junto com a hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 2011). Esta pesquisa tem a intenção de colaborar como uma ferramenta de referência para futuros estudos e compreensão dos dados mostrados, levando em conta o resultado das análises evidenciadas pelo problema do trabalho.

Tomamos como procedimentos para a investigação as seguintes fases:

a) primeiro, fazemos o levantamento do *corpus* de pesquisa que seja relevante para nosso assunto;

b) em segundo lugar, uma vez selecionado o *corpus*, passamos à análise das estratégias linguístico-discursivas, embasando-nos em van Dijk (2008 e 2016);

c) em terceiro lugar, categorizamos os modos gerais de operação da ideologia de Thompson (2011), baseados nas estratégias linguístico-discursivas de van Dijk (2008 e 2016) encontradas nas notícias do portal *G1.com*.

d) Em quarto e último lugar, definimos as identidades ancoradas nos modos gerais de operação da ideologia de Thompson (2011) depreendidas das notícias do portal g1.com.

O critério utilizado para a coleta dos dados foi o grau de explicitude em seus textos, das marcas de desprestígios aos/as médicos/as cubanos/as que pretendemos abordar e a engenhosidade em imbui-los estrategicamente. Em seguida, selecionamos as notícias nas quais fossem possíveis comprovar, de modo imediato e sem necessidade de conhecimentos prévios ou de ordem intelectual mais superior, o traço preconceituoso mascarado em seu discurso, porém que não fosse perceptível *a priori*, já que o leitor pode não considerar "preconceito", porque este é intrínseco em sua cultura, pois há uma estereotipação.

Após o recolhimento das notícias selecionadas, catalogamo-las através de uma diferenciação das marcas mais claras de preconceito que apresentassem. Assim, identificamos a manifestação de um ponto estratégico: o desprestígio profissional sobre os/as médicos/as cubanos/as que aderiram ao Programa Mais Médicos, tendo isso duas bases: a primeira, sua origem cubana alinhada ao esquerdismo e comunismo; a segunda, a a suposta superioridade dos médicos/as brasileiros/as.

O próximo passo foi capturar no material de análise as condições que possibilitam sua produção mediante as teorias anteriormente citadas. As identificações foram anotadas e os resultados agrupados, servindo de alicerce para buscarmos confirmar a premissa que estimulou a presente pesquisa: acreditar que as estratégias linguístico-discursivas usadas pela grande mídia obscurecem a ideologia discriminatória presente nas notícias e disseminam mais facilmente o preconceito.

3.4 Categorias de análise

Para chegar, pois, ao nosso objetivo, usamos as técnicas padronizadas de análise e interpretação de dados facilitados e baseados na perspectiva sócio-cognitiva da ADC de van Dijk (2003), para reconhecer os modos de operação da ideologia de Thompson (2016) projetado por nosso *corpus* selecionado sobre os/as médicos/as cubanos/as.

Tomamos para a análise as estratégias e estruturas do discurso postuladas por van Dijk (2003), a saber:

1. Aspectos morfológicos, tais como a seleção/apresentação de termos e expressões mediada por questões de crenças e funções ideológicas;
2. Construções sintáticas, a exemplo das relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações, como a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ou períodos específicos, a exemplo da polarização ideológica;
3. Elementos semânticos vistos sobre diversas manifestações como: o significado conceitual, a intenção e a referência; o significado e a interpretação referidas no léxico, por exemplo; as proposições, como o significado de cláusulas e orações;
4. Estruturas retóricas: apropriação, no texto escrito, de determinadas figuras retóricas, a exemplo da ironia ou do eufemismo, além de outros efeitos de sentido pretendidos, e;
5. Estratégias de controle do discurso: promoção de determinadas enunciações a partir de tomadas de posição (posicionamentos) clara ou subentendida, em direção a um ou mais enunciadores.

Discutiremos, portanto, os significados do texto nas notícias selecionadas e apontaremos se há maior ocorrência de algum destes, sempre que relevante a compreensão da ideologia contida em tais textos. Mas se faz importante ressaltar que nossa pesquisa não está pautada somente em aspectos linguísticos, mas também na identificação e crítica da ideologia transmitida por um gênero textual específico, a noticia, buscando provar que a escolha dessas estratégias e estruturas do discurso não é em vão, mas funciona como estratégia na disseminação da ideologia.

Identificar quais são os modos de operação da ideologia que são mais recorrentes para qualificar essas identidades, se elas são identidades que se configuram como imagens hegemônicas dos médicos semelhantes aos médicos brasileiros, ou se elas serão outras identidades que vão se contrapor às identidades hegemônicas dos médicos brasileiros.

A respeito da expressão da ideologia, a ADC apoia-se nos modos gerais de operação da ideologia de Thompson (2011 p.81-88) que são:

Legitimação: Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas, como observou Max Weber, pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio. A representação das relações de dominação como legítimas pode ser vista como uma *exigência de legitimação* que está baseada em certos fundamentos, expressa em certas formas simbólicas e que pode, em circunstâncias dadas, ser mais ou menos efetiva. Weber distinguiu três tipos de fundamentos sobre os quais afirmações de legitimação podem estar baseadas:

1) Fundamentos racionais (que fazem a pelo a legalidade de regras dadas);

2) Fundamentos tradicionais (que fazem apelo à sacralidade de tradições imemoriais); e

3) Fundamentos carismáticos (que fazem apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade).

Dissimulação: Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes.

Unificação: Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões que possam separá-los.

Fragmentação: Relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformarem em um desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador.

Reificação: Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Processos são retratados como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural, de tal modo que o seu caráter social e histórico é eclipsado. Ideologia *como* retificação envolve, pois, a eliminação, ou a ofuscação do caráter sócio-histórico dos fenômenos.

Nos dizeres de Thompson sobre essas cinco operações:

> eu não quero afirmar que esses cinco modos são as *únicas* maneiras de como a ideologia opera, ou que eles sempre operam independentemente um do outro; ao contrário, esses modos podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente e a ideologia pode, em circunstâncias particulares, operar de outras maneiras (THOMPSON, 2011, p. 81).

Pelo que podemos concluir, esses modos não são definitivos e fechados, mas um ponto de partida para nossa pesquisa, isso quer dizer que poderão ser adicionados novos modos de operação da ideologia ao passo que vamos avançando com nossas análises.

4 ANÁLISES

Passamos agora a apresentar as análises dos discursos representados nos textos do portal *G1.com*. A ordem dos textos selecionados está do mais antigo para o mais recente. Com o objetivo de sistematizar a leitura, se optou por arranjar o material da seguinte forma: após cada matéria será feita a análise, de maneira que fique mais prático para o leitor retornar ao texto e identificar a parte na qual se encontra o trecho de referênci

4.1 Texto 1 – "Ministério pretende reduzir número de médicos cubanos no Mais Médicos"[17]

Figura 8 – Texto 1: Ministério pretende reduzir número de médicos cubanos no Mais Médicos

20/09/2016 10h42 - Atualizado em 20/09/2016 15h00

Ministério pretende reduzir número de médicos cubanos no Mais Médicos

Participação pode ter redução de 35% ao longo dos próximos três anos. Meta é substituir parte dos médicos cubanos por médicos brasileiros.

Gabriel Luiz Do G1 DF

Ministro da Saúde, Ricardo Barros, durante coletiva após anúncio de mudanças em Mais Médicos nesta terça-feira (20) (Foto: Gabriel Luiz/G1)

O Ministério da Saúde informou que pretende reduzir em 35% a participação de médicos cubanos no programa Mais Médicos em três anos. A meta do governo federal é que a quantidade de médicos da ilha caribenha atuando no programa passe de 11,4 mil para 7,4 mil nesse período. Só em 2017, o ministério pretende preencher 2 mil vagas por profissionais brasileiros.

"Agradecemos a disponibilidade dos cubanos em estar nos apoiando mesmo sabendo que nosso objetivo não é manter 'ad aeternum' essa cooperação", afirmou o ministro Ricardo Barros nesta terça-feira (20).

Segundo ele, a vinda dos profissionais cubanos correspondia, desde o princípio, a uma política temporária de saúde, e que a prioridade é contratar profissionais brasileiros. Caso as vagas não sejam preenchidas pelos brasileiros, porém, o programa continuará contratando médicos cubanos.

Barros afirmou que a substituição de médicos cubanos por brasileiros não deve gerar gastos adicionais para o governo porque o valor pago para a Organização Pan-americana da Saúde (Opas), responsável pelo convênio com Cuba, é o mesmo que será pago aos médicos brasileiros. O convênio com a Opas deve perdurar por mais seis anos pelo menos, segundo o ministro.

Ao todo, existem 11.429 médicos cubanos atuando no Brasil. O número corresponde a 62,6% dos 18.240 médicos participantes no programa Mais Médicos. O índice de profissionais com registro médico brasileiro é de apenas 29%.

O ministro também anunciou que brasileiros formados em instituições de qualquer país podem trabalhar no Mais Médicos. A regra anterior só permitia inscrição de profissionais vindos de países com índice acima de 1,8 médico por mil habitantes. A expectativa é de que brasileiros formados na Bolívia e no Paraguai, antes impedidos, busquem participar do programa.

O Ministério da Saúde anunciou ainda que a bolsa dos profissionais atuando no programa passará a ter reajustes anuais seguindo a inflação. Até o momento, a remuneração ainda não tinha passado por aumentos. Em 2017, a bolsa de cada médico passará de R$ 10.570 para R$ 11.520 (aumento de 8,9%).

Segundo Ricardo Barros, o aumento representa impacto de R$ 300 milhões no orçamento de 2017. O gasto com o programa pulará de R$ 2,7 bilhões para R$ 3 bilhões.

Permanência de cubanos
O governo informou que 4 mil vagas para médicos cubanos serão "renovadas" até o fim de 2016. Como o contrato de três anos deles venceu, os profissionais serão substituídos por outros médicos de Cuba.

Especialistas cubanos que tenham formado família no Brasil podem pedir para ficar por mais três anos. Ao fim do contrato, o profissional estrangeiro só pode continuar exercendo a medicina no Brasil se tiver o diploma revalidado.

Números
Os profissionais do Mais Médico trabalham em 4.058 municípios e 34 distritos indígenas, informou o ministério. A pasta afirma que 63 milhões de brasileiros foram beneficiados pelo programa.

[17] O texto está disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/09/mais-medicos-vai-reduzir-participacao-de-medicos-cubanos-diz-ministerio.html>. O texto foi publicado em 20 set. 2016, por Gabriel Luiz.

O modo de operação ideológica da fragmentação, como afirma Thompson (2011), pertence às relações de dominação em que os indivíduos ou grupos são segmentados, ou seja, esses grupos, a causa de serem representadas pelos grupos dominantes como uma ameaça, são desagregados do grupo comum. Neste caso, no texto se cria tal fragmentação para demarcar o grupo de médicos cubanos, em contraposição ao grupo dominante de médicos brasileiros.

Exemplo (1)

"Ministério pretende reduzir número de médicos cubanos no Mais Médicos"

"Participação pode ter redução de 35% ao longo dos próximos três anos. Meta é substituir parte dos médicos cubanos por médicos brasileiros."

Podemos apreciar no exemplo 1, a fragmentação, confrontando os médicos cubanos aos médicos brasileiros. Essa fragmentação desprestigia o valor dos médicos cubanos em favor dos médicos brasileiros, a qual está ancorada no uso de elementos linguísticos-discursivos (van Dijk 2003) como são os elementos semânticos, neste caso no uso dos verbos "reduzir" e o verbo "substituir". Ao fazermos uma interpretação do significado do léxico, podemos inferir que o Ministério quer expulsar os médicos cubanos, o grupo dominado, e colocar no lugar deles os médicos brasileiros, o grupo "dominador".

Exemplo (2)

Barros afirmou que a substituição de médicos cubanos por brasileiros não deve gerar gastos adicionais para o governo porque o valor pago para a Organização Pan-americana da Saúde (Opas), responsável pelo convênio com Cuba, é o mesmo que será pago aos médicos brasileiros. O convênio com a Opas deve perdurar por mais seis anos pelo menos, segundo o ministro.

Reforçando o que foi anteriormente dito, essa substituição pelos médicos brasileiros em detrimento do grupo de médicos cubanos, não suporia maior gasto para o governo, fazendo entender que a medida seja aprovada pela maioria da população. O modo de operação ideológica no exemplo (2) é o de legitimação por fundamentos carismáticos em que se apela ao caráter excepcional que exerce a autoridade, neste caso do governo.

No próximo exemplo (3), identificamos o modo de operação ideológica da dissimulação, que busca desviar a atenção de um leitor leigo para obscurecer e ocultar as relações de dominação estabelecidas e sustentadas pelo grupo dominador.

Exemplo (3)

Especialistas cubanos que tenham formado família no Brasil podem pedir para ficar por mais três anos. Ao fim do contrato, o profissional estrangeiro só pode continuar exercendo a medicina no Brasil <u>se tiver o diploma revalidado</u>.

Neste caso, a imposição da revalidação do diploma se dá porque pela lei médicos/as formados em outros países devem realizar uma revalidação para a efetiva atuação em território brasileiro. Neste sentido, vale lembrar que os/as médicos/as cubanos/as, ao aterem-se ao convênio da Opas, eram isentos de tal quesito. Em relação ao ato linguístico, interpretamos essa estratégia dentro das estruturas retóricas, neste caso ligado ao eufemismo, pensando em que "o diploma revalidado" seria uma forma de indicar um artefato opressor do Estado para o desencantamento dos/as médicos/as cubanos/as, fazendo a estes diminuídos no fazer médico ou até, inclusive identificando-os como "não-médicos". Também indicaria o desajuste dos cubanos em relação aos parâmetros exigidos para o exercício da profissão do país. O item destaca o caráter de ilegalidade da atuação e presença dos médicos cubanos no país, tanto o é que a presença deles só será tolerada, se tiverem formado família, por apenas 3 anos, o que é indício de xenofobia. O ato que no exemplo (3) é identificado como dissimulação, encontraremos em análises mais adiante como algo já dado, sem que o Estado tente desviar a atenção sobre o artefato opressor.

Diante disso, podemos evidenciar que através das estratégias linguístico-discursivas que ancoram os modos de operação ideológica discutidas na análise, se reflete um tipo de ideologia conservadora, na qual há um enaltecimento do nacional em detrimento do estrangeiro. Isso nos faz pensar que identificamos discurso xenofóbico no tratamento exaltado aos/ás médicos/as brasileiros sobre os/as médicos/as cubanos/as, tratando a estes últimos como de segunda classe, ou até mesmo como realmente não sendo médicos.

4.2. Texto 2 – "Municípios que apoiaram judicialização envolvendo cubanos do Mais Médicos podem sair do programa, diz ministro"[18]

Figura 9 – Texto 2: Municípios que apoiaram judicialização envolvendo cubanos do Mais Médicos podem sair do programa, diz ministro

Municípios que apoiaram judicialização envolvendo cubanos do Mais Médicos podem sair do programa, diz ministro

Ricardo Barros compareceu à conferência da Organização Mundial da Saúde em Montevidéu, no Uruguai, e disse que processos no programa acontecem 'naturalmente'.

Por Carolina Dantas, G1 — Montevidéu
18/10/2017 20h21 · Atualizado há 4 anos

Ricardo Barros fala na conferência da OMS em Montevidéu — Foto: Reprodução/Twitter/Ministério da Saúde

O ministro da Saúde Ricardo Barros, em entrevista ao **G1**, disse que a comissão tripartite de gestores do SUS, que inclui o ministério e representantes estaduais e municipais, pretende excluir cidades que tenham de alguma maneira incentivado processos movidos pelos cubanos do Programa Mais Médicos. Barros discursou na tarde desta quarta-feira (18) na Conferência Mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre doenças não-transmissíveis em Montevidéu, no Uruguai.

De acordo com o próprio ministério, **são 154 processos recebidos até agora**, de quase 200 médicos cubanos vinculados ao programa de cooperação entre o governo de Cuba, do Brasil e a Organização Panamericana de Saúde (OPAS). Eles pedem para permanecer atuando no Brasil e para receber o mesmo salário oferecido aos profissionais de outros países, já que pelos termos do acordo com Havana, recebem só uma parte do que paga o governo brasileiro -- a diferença fica com o governo cubano.

Refil e taxação de refrigerantes

Durante o primeiro dia de conferência, o destaque dos mais de 30 ministros da saúde foi o combate à obesidade. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, disse que as empresas de alimentos envenenam as pessoas. Chamou a atenção para a necessidade da redução de sal e açúcar nos alimentos, assim como a taxação dos alimentos industrializados sem responsabilidade.

De acordo com o ministro, há um estudo sendo feito para aumentar a taxação das bebidas açucaradas. A medida já foi adotada pelo governo do México, que conseguiu reduzir o consumo, de acordo com pesquisas recentes. O caso foi citado pelo diretor-geral como um bom exemplo a ser seguido.

Barros discursou dizendo que deverá encaminhar o projeto de lei para a proibição do refil dos refrigerantes. Falou, também, do guia da alimentação saudável, citado por outros integrantes da Organização Mundial da Saúde como uma boa prática no país.

[18] <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/municipios-que-apoiaram-judicializacao-envolvendo-cubanos-do-mais-medicos-podem-sair-do-programa-diz-ministro.ghtml>. Publicado em 18 out. 2017, por Carolina Dantas.

No exemplo (4) podemos apreciar diferentes estratégias linguístico-discursivas, para sustentar um só modo geral de operação ideológica. Na primeira cláusula marcada por "pretende excluir" podemos assinalar uma estratégia de controle de modulação com o verbo "pretender" para tirar ênfase do verbo de ação de "excluir" que seria bem rígido com os atos das "cidades" depois referidos na oração subordinada "que tenham de alguma maneira incentivo processo", nesta construção semântica a ambiguidade a que se referem aos atos supostamente feitos "de alguma maneira", dando a entender que esses atos não são conhecidos em plenitude, mas que de qualquer jeito irão ser punidos pela ajuda aos "cubanos". Ao respeito do uso simplesmente de "cubanos" também nos faz pensar que neste uso há uma tentativa de diminuição do coletivo de médicos/as cubanos/as, pois a eles foi apagado e silenciado sua condição profissional e a causa final pela qual esse coletivo esteja no Brasil.

Exemplo (4)

"A comissão tripartite de gestores do SUS, que inclui o ministério e representantes estaduais e municipais, pretende excluir cidades que tenham de alguma maneira incentivado processos movidos pelos cubanos do Programa Mais Médicos."

Assim, as referidas estratégias linguístico-discursivas, no exemplo analisado, refletem o modo de operação ideológica de legitimação expressada por fundamentos racionais, pois segundo o PMM os/as médicos/as cubanos/as não podem pedir a permanência no Brasil, e seriam excluídos do Programa, assim as cidades que ajudaram a esses médicos estariam incorrendo contra a lei. Podemos ainda dizer que está medida seria usada neste momento como artefato opressor para restringir a permanência dos/as médicos/as cubanos/as no Brasil mas que, como veremos mais adiante nesta pesquisa, haveria uma mudança discursiva sobre o tema e usado de forma eleitoreira por parte de Jair Bolsonaro.

Concluímos a analise interpretativa do texto 2, trazendo a ideologia que emerge do modo de operação ideológica da legitimação por fundamentos racionais apoiada nas estratégias linguístico-discursivas de controle do discurso, construções de hierarquização sintáticas e o apagamento semântico, que a nosso ver seria novamente uma ideologia conservadora nacionalista, em que o/a médico/a cubano/a se vê como um invasor pelo qual ele deve ser expulsado e que quem ajude a este deve ser punido.

4.3. Texto 3 – "Bolsonaro diz que vai usar revalida para 'expulsar' médicos cubanos do brasil"[19]

Figura 10 – Texto 3: Bolsonaro diz que vai usar Revalida para 'expulsar' médicos cubanos do Brasil

Bolsonaro diz que vai usar Revalida para 'expulsar' médicos cubanos do Brasil

Presidenciável do PSL fez o comentário em agenda eleitoral em Presidente Prudente (SP). Cubanos atuam no Brasil sem validação do diploma desde que foi criado o programa Mais Médicos, em 2013.

Por Gabriel Tibaldo e Wellington Roberto, G1 — Presidente Prudente
22/08/2018 15h12 · Atualizado há 3 anos

Candidato do PSL à Presidência, o deputado **Jair Bolsonaro** (RJ) afirmou nesta quarta-feira (22) no interior de São Paulo que, se eleito, vai "expulsar" os médicos cubanos do Brasil com base no Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituições de Educação Superior Estrangeira, conhecido como Revalida.

A atuação dos médicos da ilha caribenha no Brasil gera polêmica desde 2013, quando o governo da então presidente Dilma Rousseff **criou o programa Mais Médicos** para atender regiões carentes do país sem cobertura médica. Fora do Mais Médicos, os formados no exterior não podem atuar na medicina brasileira sem a aprovação no Revalida.

"Nós juntos temos como fazer o Brasil melhor para todos e não para grupelhos que se apoderaram do poder e [há] mais de 20 anos nos assaltam e cada vez mais tendo levado para um caminho que nós não queremos. Vamos botar um ponto final do Foro de São Paulo. Vamos expulsar com o Revalida os cubanos do Brasil", declarou Bolsonaro em pronunciamento realizado ao chegar no aeroporto de Presidente Prudente (SP), onde ele cumpre agenda eleitoral nesta quarta.

Em novembro do ano passado, o Supremo Tribunal Federal (STF) **validou o Mais Médicos** e autorizou a dispensa da validação de diploma de estrangeiros ao julgar ações que questionavam pontos do programa federal, como acordo que paga salários mais baixos para médicos cubanos.

Levantamento divulgado em março pelo **G1** mostrou que, **quase metade dos 7.821 médicos formados no exterior** que fizeram o Revalida entre 2011 e 2016 para atuar no Brasil, foram reprovados. A edição que mais reprovou candidatos na primeira etapa foi a de 2013, quando nove em cada dez participantes foram eliminados.

Mais tarde, em uma coletiva de imprensa em Presidente Prudente, Bolsonaro voltou a falar dos médicos cubanos. Ele argumentou que não se pode autorizar médicos cubanos a trabalharem no Brasil sem validação de diploma.

No entanto, o Mais Médicos contrata profissionais de várias nacionalidades, e não apenas cubanos. Todos os estrangeiros que participam do programa federal têm autorização de atuar no Brasil mesmo sem ter se submetido ao Revalida.

"Qualquer estrangeiro vindo trabalhar aqui na área de medicina tem que aplicar o Revalida. Se você for pra qualquer país do mundo, também. Nós não podemos botar gente de Cuba aqui sem o mínimo de comprovação de que eles realmente saibam o exercício da profissão. Você não pode, só porque o pobre que é atendido por eles, botar pessoas que talvez não tenham qualificação para tal", justificou Bolsonaro para a proposta de expulsar os médicos cubanos.

[19] <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2018/08/22/bolsonaro-diz-que-vai-usar-revalida-para-expulsar-medicos-cubanos-do-brasil.ghtml>. Publicado em 22 ago. 2018. Por Gabriel Tibaldo e Wellington Roberto.

Presidenciável do PSL fez pronunciamento em Presidente Prudente em carro de som — Foto: Gabriel Tibaldo, G1

Terrorismo

Na entrevista coletiva, Bolsonaro também afirmou que pretende criar uma "retaguarda jurídica" para que os fazendeiros reajam, inclusive armados, às invasões de suas propriedades por integrantes de movimentos sociais.

Ele ainda voltou a dizer que, se eleito, quer tipificar invasões de propriedades privadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) como crime de "terrorismo".

"Eu pretendo tipificar como terrorismo as ações do MST. Invadiu, não interessa se a propriedade é urbana ou rural, você armado, fogo neles, com excludente de licitude, com retaguarda jurídica. Afinal de contas, a propriedade privada é um dos pilares da democracia", argumentou.

Presídios na Amazônia

Ao ser questionado por repórteres sobre o sistema carcerário e o crime organizado, o presidenciável do PSL disse, mais uma vez, que pretende construir presídios na região amazônica.

"Sei que um presídio custa caro. Raros são os municípios que topam fazer presídios nos seus limites. A gente pretende construir alguns presídios na região amazônica. Eu acho que você gastaria muito menos com a segurança e o elemento estaria realmente afastado do convívio da sociedade, que ele mantém via telefones celulares", ressaltou Bolsonaro.

"Eu não quero que um presidiário sofra, seja espancado ou seja lá o que for. Quero que ele fique afastado do convívio da sociedade. Eu prefiro a cadeia cheia de vagabundo do que o cemitério cheio de inocente", complementou.

Exemplo (5)

“Bolsonaro diz que vai usar Revalida para 'expulsar' médicos cubanos do Brasil”

Como vimos anteriormente no exemplo (3), o exame de revalida já foi usado como artefato opressor para o grupo oprimido dos/as médicos/as cubanos/as para ‘continuar exercendo a medicina no Brasil’, naquele exemplo foi usado de forma dissimulada e transmitido de forma eufemística. Aqui, percebemos o artefato opressor sem nenhum tipo de filtro, o uso do verbo ‘expulsar’ de forma contundente e o modo ideológico não de dissimulação, mas de legitimação baseada em fundamentos racionais, pois essas são as normas e a lei. Portanto, a ideologia que aqui emerge é a nacionalista, querendo expulsar aos estrangeiros invasores.

Exemplo (6)

"Nós juntos temos como fazer o Brasil melhor para todos e não para grupelhos que se apoderaram do poder e [há] mais de 20 anos nos assaltam e cada vez mais tendo levado para um caminho que nós não queremos. Vamos botar um ponto final do Foro de São Paulo. Vamos expulsar com o Revalida os cubanos do Brasil", declarou Bolsonaro em pronunciamento realizado ao chegar no aeroporto de Presidente Prudente (SP), onde ele cumpre agenda eleitoral nesta quarta.”

Exemplo (7)

“Qualquer estrangeiro vindo trabalhar aqui na área de medicina tem que aplicar o Revalida. Se você for pra qualquer país do mundo, também. Nós não podemos botar gente de Cuba aqui sem o mínimo de comprovação de que eles realmente saibam o exercício da profissão. Você não pode, só porque o pobre que é atendido por eles, botar pessoas que talvez não tenham qualificação para tal”

Iremos agora analisar os exemplos (6) e (7) em conjunto, já que ambos são falas diretas do então candidato à presidente, Jair Bolsonaro. À primeira vista, podemos já perceber a típica construção sintática do nós *versus* eles, em que o eu onde se integra o enunciador do discurso é o grupo dominador, como em “nós juntos” e “vamos” em duas ocasiões, e o *eles* é o grupo dominado. Usa-se, por uma parte, para o nós, termos e expressões positivas, como “fazer o Brasil melhor”, ou expressões que se colocam à disposição ideológica como “botar ponto; e final do Foro de São Paulo”, “expulsar com o Revalida os cubanos do Brasil”. Usa-se, por outra parte, para o eles, termos e expressões depreciativas e negativas, como “grupelhos” ou “gente de cuba”.

Podemos apontar o *eles*, centro dos ataques em ambas falas de Bolsonaro, o comunismo ou esquerdismo e também os/as médicos/as cubanos/as, os quais para o enunciador seriam ambas integradas sem diferenciação, representado por ele no exemplo (6), quando fala:

"Vamos botar um ponto final do Foro de São Paulo. Vamos expulsar com o Revalida os cubanos do Brasil" e no exemplo (7) quando fala: "Nós não podemos botar gente de Cuba aqui".

Claramente podemos constatar que encontramos por meios da construção *nós* versus *eles*, o modo de operação ideologia da fragmentação, neste caso identificando o grupo dominador como os brasileiros e, por extensão, o capitalismo, e como grupo dominado os comunistas e, como extensão, os/as médicos/as cubanos/as. Podemos, também, aferir que a identidade projetada pelos trechos referidos ao *nós*, ainda que sendo o grupo dominador, é identificado por si mesmo como o desvalido, quando diz "se apoderaram do poder e [há] mais de 20 anos nos assaltam e cada vez mais tendo levado para um caminho que nós não queremos", sendo, então, projetada uma imagem do grupo dominado, o de comunistas e, por extensão, os/as médicos/as cubanos/as como ladrões e opressores.

No próximo exemplo (8) queremos mostrar como por meios de dados, a notícia, sustenta e valida o uso da Revalida como instrumento eficaz de expulsão dos/as médicos/as cubanos/as.

Exemplo (8)

"Levantamento divulgado em março pelo G1 **mostrou que, quase metade dos 7.821 médicos formados no exterior que fizeram o Revalida entre 2011 e 2016 para atuar no Brasil, foram reprovados. A edição que mais reprovou candidatos na primeira etapa foi a de 2013, quando nove em cada dez participantes foram eliminados."**

Poderíamos caracterizar o uso de dados para sustentar o uso da Revalida como aparelho de opressão do Estado, sustentando pelo modo de operação ideológica com fundamentos racionais, já que os dados são irrefutáveis.

4.4 Texto 4 - "É 'desumano' dar aos mais pobres atendimento sem 'garantia', diz Bolsonaro sobre cubanos"[20]

Figura 11 – Texto 4 – É 'desumano' dar aos mais pobres atendimento sem 'garantia', diz Bolsonaro sobre cubanos

É 'desumano' dar aos mais pobres atendimento sem 'garantia', diz Bolsonaro sobre cubanos

Presidente eleito voltou a criticar regras do Mais Médicos e citou 'direitos humanos' ao defender repasse integral do salário pago no programa aos profissionais cubanos que atuam no país.

Por Fernanda Rouvenat e Lucas Salomão, G1 — Rio de Janeiro e Brasília
16/11/2018 09h49 · Atualizado há 3 anos

O presidente eleito Jair Bolsonaro afirmou nesta sexta-feira (16) que é "injusto" e "desumano" destinar aos mais pobres o atendimento médico por parte de profissionais cubanos "sem qualquer garantia" de qualidade.

A declaração foi dada após café da manhã entre Bolsonaro e o comandante da Marinha, o almirante de esquadra Eduardo Bacelar Leal Ferreira, no Comando do Primeiro Distrito Naval, no Centro do Rio.

Para o presidente eleito, o governo brasileiro não tem comprovação de que os profissionais de saúde enviados por Cuba sejam competentes e, por isso, voltou a defender que eles deveriam passar por uma prova para revalidar o diploma e atuar no Brasil.

Na última quarta (14), o **governo de Cuba informou que decidiu sair do Mais Médicos** e atribuiu a decisão a **"declarações ameaçadoras e depreciativas"** de Bolsonaro. O presidente eleito afirma que Cuba **não quis aceitar condições para continuar no programa**.

"Eu nunca vi uma autoridade no Brasil dizer que foi assistida por um médico cubano. Será que nós devemos destinar aos mais pobres profissionais, entre aspas, sem qualquer garantia? Isso é injusto. Isso é desumano", disse Bolsonaro.

"Não queremos isso para ninguém, muito menos para os mais pobres. Queremos salário integral e o direito de fazer a família para cá. Isso é pedir muito? Isso está em nossas leis", complementou.

Segundo o presidente eleito, a forma como a contratação dos médicos cubanos foi feita é "situação de prática de escravidão" porque, de acordo com Bolsonaro, o governo cubano impede que a família dos médicos os acompanhe durante o período em que eles estão no Brasil.

"Vamos falar em direitos humanos? Quem diria, não é? Tanta crítica eu sofri aqui... talvez a senhora [dirigindo-se a uma jornalista] seja mãe. Imaginou ficar longe dos seus filhos por um ano? É a situação de prática de escravidão que estão sendo submetidos os médicos e as médicas cubanos no Brasil. Imaginou confiscar da senhora 70% do seu salário?", criticou o presidente eleito.

Asilo

Na entrevista, Bolsonaro voltou a afirmar que, após tomar posse como presidente, **dará asilo a cubanos** que pedirem.

Para o presidente eleito, a "ditadura" instalada em Cuba justifica a concessão de asilos aos profissionais de saúde que estão no Brasil.

"Há quatro anos e pouco, quando foi discutida a medida provisória [que criou o Mais Médicos], o governo da senhora Dilma em alto e bom som disse que qualquer cubano que pedisse asilo seria deportados. Se eu for presidente, o cubano que pedir asilo aqui justifica, no meu entender pela ditadura na ilha, terá o asilo da minha parte", disse.

[20] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/16/e-desumano-dar-aos-mais-pobres-atendimento-sem-garantia-diz-bolsonaro-ao-falar-sobre-cubanos.ghtml>. Publicado em 16 nov. 2018. Por Fernanda Rouvenat e Lucas Salomão.

O presidente eleito Jair Bolsonaro fala com a imprensa no Rio de Janeiro — Foto: Fernanda Rouvenat/G1

Edital

Mais cedo, o Ministério da Saúde informou que a seleção de médicos brasileiros para ocuparem as vagas que serão deixadas pelos profissionais cubanos do programa Mais Médicos **ocorrerá ainda em novembro**.

De acordo com o Ministério da Saúde, a formulação do edital para substituição dos médicos cubanos será finalizada ainda nesta sexta, durante reunião com a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas).

O Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) informou ter sido avisado pela embaixada de Cuba que os médicos do país **deixarão o Brasil até o fim do ano**.

De acordo com a Confederação Nacional dos Municípios (CNM), a saída de cubanos do Mais Médicos **afetará 28 milhões de pessoas**.

O programa

Pelas regras do Mais Médicos, os médicos brasileiros e estrangeiros formados no Brasil têm prioridade para ingressarem no programa. Depois, são convocados médicos formados fora do Brasil que tenham revalidado o diploma no país, com o exame chamado Revalida.

Na sequência, são chamados médicos brasileiros formados no exterior que não realizaram o Revalida. Depois, a regra prevê que sejam convidados médicos estrangeiros formados no exterior e sem diploma revalidado no Brasil.

Só após todos esses é que governo brasileiro **oferecia as vagas aos médicos cubanos**.

Cuba enviava profissionais ao Brasil desde 2013. No Mais Médicos, pouco mais da metade dos profissionais – 8,47 mil dos mais de 16 mil profissionais – vieram de Cuba, segundo dados obtidos pelo G1.

Em 2013, segundo balanço do governo federal, **apenas 11% das vagas** oferecidas no primeiro edital foram preenchidas por médicos brasileiros.

O modo de operação ideológica da legitimação com fundamentos racionais pertence à esfera em que as relações de dominação se sustentam por meio da conformidade da lei para os grupos dominados. Ou seja, esses grupos devem ater-se às regras e leis sem nenhum tipo de escrúpulo. Neste caso, no texto cria tal legitimação através do já mencionado anteriormente, aparelho opressor do Estado, exame de Revalida.

Exemplo (9)

"Para o presidente eleito, o governo brasileiro não tem comprovação de que os profissionais de saúde enviados por Cuba sejam competentes e, por isso, voltou a defender que eles deveriam passar por uma prova para revalidar o diploma e atuar no Brasil."

Podemos apreciar no exemplo (9) a legitimação por fundamentação racional desprestigiando aos/às médicos/as cubanos/as. Esse modo de operação ideológica está ancorada no uso de elementos linguísticos-discursivos, como são os elementos semânticos, neste caso "o governo brasileiro não tem comprovação de que os profissionais de saúde enviados por Cuba sejam competentes" fazendo uso da renomeação para "profissionais de saúde" dos/as médicos/as cubanos/as. Também adverte que os "profissionais da saúde" não têm comprovação de que sejam competentes, dando assim "legitimidade" ao uso da prova do Revalida e por *ende* à renomeação de "profissionais da saúde".

Portanto, se reflete uma ideologia conservadora, onde se percebe xenofobia e pela qual os/as médicos/as cubanos/as são identificados depreciativamente como não-médicos.

Exemplo (10)

"Na última quarta (14), o governo de Cuba informou que decidiu sair do Mais Médicos e atribuiu a decisão a "declarações ameaçadoras e depreciativas" de Bolsonaro. O presidente eleito afirma que Cuba não quis aceitar condições para continuar no programa."

Neste exemplo (10) podemos observar o uso de construções sintáticas a serviço das relações de poder assimétricas entre dominadores e dominados. Aqui nos aparece a ordem intencional de hierarquização sintática, em que a ordem de causa e de efeito é contrária, colocando a decisão do governo de Cuba de sair do PMM em primeiro lugar, dando-lhe, assim, maior peso na oração e colocando a causa, as ""declarações ameaçadoras e depreciativas" de Bolsonaro", no segundo lugar, dando-lhe menor relevância, sendo que a ordem dos fatos seriam primeiro as declarações ameaçadoras, como sendo a causa, e segundo, o efeito: saída de Cuba do PMM.

Podemos, com efeito, aferir que o modo de operação ideológica aqui ancorada seria o de reificação, em que a relação de dominação é estabelecida pela negação, ou neste caso, da contradição, da sequência histórica dos sucessos. Podemos observar outro caso de reificação no próximo exemplo (11).

Exemplo (11)

“Para o presidente eleito, a "ditadura" instalada em Cuba justifica a concessão de asilos aos profissionais de saúde que estão no Brasil.”

Aqui, ao designar “a ‘ditadura’ instalada em Cuba”, o modo de operação ideológica nega o processo próprio da história, deixando de lado o caráter sócio-histórico dos fenômenos. Assim, tanto no exemplo (10) como (11) se reflete a ideologia conservadora em que se identifica a Cuba como uma ditadura, no caso uma ditadura comunista, em que se deixaria entrever que por isso a formação médica no país seria duvidosa ou nula, desprestigiando aos/às médicos/as cubanos/as tanto como profissionalmente, como identificando-os dentro do eixo comunista posto como ditatorial, eclipsando, assim, o caráter social e histórico que Cuba mantém no mundo com seus/suas médicos/as.

4.5 Texto 5 – "'Acho que metade não volta' diz Mourão sobre cubanos no Mais Médicos"[21]

Figura 12 – Texto 5 – 'Acho que metade não volta' diz Mourão sobre cubanos no Mais Médicos

'Acho que metade não volta', diz Mourão sobre cubanos no Mais Médicos

Vice-presidente eleito acredita que parte dos médicos cubanos desejará permanecer no Brasil, por que gosta do 'nosso estilo de vida'. Cuba anunciou na semana passada a saída do programa.

Por Guilherme Mazui, G1 — Brasília
19/11/2018 13h22 · Atualizado há 3 anos

O vice-presidente eleito general **Hamilton Mourão** afirmou nesta segunda-feira (19) que acredita que "metade" dos cubanos que participam do programa Mais Médicos não voltará para seu país de origem.

O general da reserva do Exército comentou a saída de Cuba do programa durante entrevista em Brasília, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), onde funciona o gabinete de transição.

O general Hamilton Mourão durante entrevista nesta segunda-feira (19) no CCBB, em Brasília — Foto: Guilherme Mazui/G1

O governo do país caribenho citou "referências diretas, depreciativas e ameaçadoras" **feitas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro** à presença de cubanos no Brasil.

Segundo Bolsonaro, **Cuba não concordou com as exigências** feitas por ele para manter os profissionais no programa.

Com a saída dos profissionais cubanos do Mais Médicos, cerca de 600 municípios brasileiros podem ficar sem nenhum médico da rede pública a partir do dia 25 de dezembro, segundo o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems).

[21] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/19/acho-que-metade-nao-volta-diz-mourao-sobre-cubanos- no-mais-medicos.ghtml>. Publicado em 19 nov. 2018, por Guilherme Mazui.

Na última sexta-feira (16), o ministro da Saúde, Gilberto Occhi, disse que vai propor a Jair Bolsonaro chamar médicos formados usando recursos do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) para **substituir os cubanos**.

O Ministério da Saúde vai divulgar ainda nesta segunda-feira (19) um **edital para convocar médicos** que queiram ocupar as vagas a serem deixadas pelos profissionais cubanos.

Questionado sobre a solução para repor a saída dos profissionais cubanos, o vice de Jair Bolsonaro afirmou que a logística para saída dos estrangeiros do país é "complicada". Segundo ele, parte dos profissionais deseja permanecer no Brasil.

"Posso até ser leviano aqui, mas eu acho que metade não volta [para Cuba] ... Acho que eles gostam do nosso estilo de vida", disse.

Mourão lembrou que Bolsonaro declarou o desejo de conceder asilo aos cubanos que formalizarem o pedido.

O vice-presidente também foi indagado sobre a eventual presença de cubanos "infiltrados" no Mais Médicos. De acordo com ele, "isso fica na linha do possível".

Petrobras

Mourão elogiou a escolha de **Roberto Castello Branco para presidir a Petrobras** no governo de Jair Bolsonaro. A indicação, feita pelo futuro ministro da Economia, Paulo Guedes, foi oficializada nesta segunda.

Ao destacar a escolha, Mourão errou o nome do próximo presidente da estatal. Ele confundiu Roberto com Gil Castello Branco, da ONG Contas Abertas.

"Acho um nome extremamente competente, o Gil Castello Branco, excelente. E vai manter essa gestão de recuperação que a empresa está passando", disse Mourão.

Sobre uma eventual privatização da Petrobras, Mourão disse que é "pode ser" negociado um modelo que trata de distribuição e refino.

"Temos falado que núcleo duro da Petrobras, que é a prospecção, que é onde está a inteligência, o conhecimento, isso não vai ser privatizado. Agora, podemos negociar distribuição, refino, isso é algo que pode ser negociado", declarou.

Atribuições da Casa Civil

O general afirmou que há está em análise pelo futuro governo a possibilidade de passar para a Vice-Presidência atribuições que atualmente ficam com a Casa Civil.

No modelo em estudo, a estrutura do Palácio do Planalto terá três e não quatro ministérios. A Casa Civil absorveria o trabalho da Secretaria de Governo – responsável pela articulação com o Congresso Nacional. O Gabinete de Segurança Institucional e a Secretaria-Geral da Presidência seriam mantidos.

Segundo Mourão, o novo modelo deixaria a Casa Civil com atribuições "bem amplas", o que justificaria dividir as tarefas com a Vice-Presidência.

"É um estudo, uma vez que as atribuições do ministro Onyx são bem grandes, bem amplas. Se houver a concordância de todos, a gente pode organizar isso de uma forma que seja mais eficiente e eficaz para o governo",

Iremos agora analisar os exemplos (12) e (13) em conjunto já que ambos são falas diretas do então vice-presidente eleito Hamilton Mourão.

Exemplo (12)

“"Posso até ser leviano aqui, mas eu acho que metade não volta [para Cuba] ... Acho que eles gostam do nosso estilo de vida", disse.”

Exemplo (13)

“O vice-presidente também foi indagado sobre a eventual presença de cubanos "infiltrados" no Mais Médicos. De acordo com ele, "isso fica na linha do possível".”

Podemos depreender que em ambos exemplos (12) e (13), ainda que de naturezas diferentes, o modo de operação ideológica é o de legitimação baseada em fundamentos tradicionais, na qual a relação de dominação é estabelecida e legitimada por crenças do âmbito comum, as quais as fazem tradicionais à cultura ou até as legitima no âmbito do sacro, quer seja à religião, à mitologia ou às ‘lendas urbanas’.

Esse modo de operação ideológica está ancorado na estratégia linguístico-discursiva pelo verbo de modulação “acho” do exemplo (12) e no advérbio “possível” do exemplo (13) que traz também essa ideia de probabilidade. Assim, podemos depreender de aqui uma ideologia conservadora, em que no exemplo (12) “que metade não volta [para Cuba]... Acho que eles gostam do nosso estilo de vida”, falando acerca dos/as médicos/as cubanos/as, nos indica a superioridade do “estilo de vida brasileiro” em detrimento do suposto “saber viver cubano”. Isso pode estar ancorado à crença de que em Cuba, país que, como vimos anteriormente, no imaginário comum vive numa ditadura, e como afirma logo no exemplo (13) uma ditadura comunista, na qual se pensa que não existiria algum tipo de promoção pessoal, indicando também que no Brasil se pode alcançar o chamado “Sonho Americano” vendido pelo capitalismo dos EUA depois da Segunda Guerra Mundial. Ligado a esse respeito, temos o exemplo (13), “a eventual presença de cubanos "infiltrados" no Mais Médicos; e, de acordo com ele, "isso fica na linha do possível”, deixando entrever que os/as médicos/as cubanos/as são identificados como espias, sem deixar dúvida da relação entre comunismo e obscurantismo, como se esses médicos/as cubanos/as estivessem a serviço militar mais próprio do período da Guerra Fria entre Rússia e EUA, alinhando-se sua fala claramente ao lado capitalista.

4.6. Texto 06 – "Novo ministro da saúde diz que atuação de médicos cubanos no brasil parecia convênio entre cuba e o PT"[22]

Figura 13 – Texto 6: Novo ministro da Saúde diz que atuação de médicos cubanos no Brasil parecia convênio entre Cuba e o PT

Novo ministro da Saúde diz que atuação de médicos cubanos no Brasil parecia convênio entre Cuba e o PT

Deputado Luiz Henrique Mandetta falou com a imprensa após anúncio de que vai comandar a pasta. Ele chamou de improvisação acordo que viabilizou atuação de cubanos no país.

Por Guilherme Mazui, G1 — Brasília

20/11/2018 14h45 · Atualizado há 2 anos

O deputado Luiz Henrique Mandetta (DEM-MS), **escolhido pelo presidente eleito Jair Bolsonaro** para ser o próximo ministro da Saúde, disse nesta terça-feira (20) que o acordo que garantiu atuação de profissionais cubanos no Mais Médicos parecia um convênio entre Cuba e o PT.

Mandetta deu a declaração logo após ser anunciado por Bolsonaro para ocupar a pasta. Ele falou com jornalistas no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília, onde está funcionando o gabinete de transição do governo.

O governo cubano **anunciou na semana passada a retirada de seus profissionais** do programa Mais Médicos. Em um comunicado, Cuba citou "referências diretas, depreciativas e ameaçadoras" **feitas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro** à presença dos médicos cubanos no Brasil.

"Esse era um dos riscos de se fazer um convênio e terceirizando uma mão de obra tão essencial. Os critérios, à época, me parece que eram muito mais um convênio entre Cuba e o PT, e não entre Cuba e o Brasil, porque não houve uma tratativa bilateral, mas, sim, uma ruptura unilateral", afirmou o novo ministro.

Cuba começou a enviar médicos para o programa em 2013, quando o governo da então presidente Dilma Rousseff (PT) criou o Mais Médicos. O acordo para o emprego dos profissionais cubanos foi intermediado pela Organização Panamericana de Saúde (Opas). **Pelo acordo, o governo cubano recebia o pagamento, ficava com um montante e repassava o resto para os médicos**. Mandetta chamou a medida de "improvisação".

Segundo Mandetta, uma das alternativas para garantir o atendimento médico em localidades mais distantes, que recebem profissionais do Mais Médicos, é aprovar uma proposta de emenda à Constituição (PEC) que cria a carreira de Estado de médico.

"É uma das maneiras que os países têm de fazer uma proposta para essas pessoas poderem ir para os locais de difícil provimento", declarou.

Deputado Mandetta (centro) concedeu entrevista no gabinete de transição após ser anunciado futuro ministro da Saúde — Foto: Guilherme Mazui/G1

[22] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/20/novo-ministro-da-saude-diz-que-atuacao-de-medicos-cubanos-parecia-convenio-entre-cuba-e-o-pt.ghtml>. Publicado em 20 nov. 2018, por Guilherme Mazui.

Revalidação de diplomas

Mandetta foi questionado sobre a necessidade de revalidar os diplomas de médicos formados no exterior, brasileiros ou estrangeiros. Ao comentar a saída dos cubanos do programa, Bolsonaro afirmou que condicionou a continuidade destes profissionais "à aplicação de teste de capacidade".

Atualmente, os profissionais que se formaram no exterior e atuam no Mais Médicos por 3 anos não precisam passar pelo exame Revalida, obrigatório para quem se formou fora e queira atuar no país.

O futuro ministro declarou que discutirá o assunto com o atual governo e com autarquias federais que fiscalizam a área. Ele destacou a possibilidade de uma "avaliação em serviço" do trabalho do médico, sem realizar a prova do Revalida.

Para Mandetta, brasileiros que vivem em comunidades indígenas ou nos grandes centros urbanos precisam ter atestado pelo governo federal a qualidade dos profissionais que prestam atendimento médico.

"É revalidar, saber quem é, o que estudou, o que falta de lacuna para atender o povo brasileiro, qual o grau de competência", explicou.

Investigação

Mandetta também comentou a investigação da qual é alvo por suposta fraude em licitação, tráfico de influência e caixa 2 no contrato para implementar um sistema de informatização na saúde em Campo Grande, no período em que foi secretário de Saúde do município.

O sistema de Gerenciamento de Informações Integradas da Saúde (Gisa) custou quase R$ 10 milhões entre recursos federais e municipais. Uma auditoria da Controladoria-Geral da União (CGU) apontou um prejuízo de cerca de R$ 6 milhões em pagamentos indevidos por serviços não executados.

O futuro ministro relatou que explicou o caso ao presidente Jair Bolsonaro. Ele afirmou que deixou o cargo de secretário de Saúde em 2010 e que um deputado de oposição fez as denúncias - Mandetta não citou o nome do parlamentar.

Conforme Mandetta, o projeto sofreu uma "ruptura" por parte da administração que assumiu a prefeitura de Campo Grande em 2013.

"O projeto sofreu uma ruptura por parte da prefeitura que entrou em 2013. Foram demitidos todos os técnicos, o projeto ficou sem condições de dar continuidade por interrupção administrativa, renovaram convênio e não renovaram o contrato", disse.

Mandetta reconheceu que se sente "desconfortável" pela situação, porém destacou que não é réu no caso. Segundo ele, Bolsonaro entendeu que é mais "importante" no momento contar com a sua experiência administrativa, trânsito político e capacidade de unir o setor da área da saúde.

Prioridades

Mandetta não definiu um problema da saúde no país como prioridade a ser resolvido durante sua gestão no ministério. Ele apontou como temas que merecerão atenção especial: pré-natal, primeira infância, mortalidade infantil, cobertura de vacinas, gravidez na adolescência, doenças mentais e estresse no trabalho.

“Me parece que nós vamos ter que contar com muita solidariedade e muita confiabilidade, principalmente da imprensa, para poder retirar esses índices que, definitivamente, não são aqueles que a gente merece enquanto país que tem um sistema saúde que se propõe a ser universal, integral e equânime”, afirmou.

Para o futuro ministro, o sistema único de saúde (SUS) dá sinais de "falência". Ele citou problemas como falta de medicamentos para transplantados e para o tratamento de hepatite C.

"Se a gente ficar aqui falando a gente vai falar horas sobre os inúmeros sinais que esse sistema está dando de falência. Você tem uma judicialização absurda, você tem as pessoas com doença rara não tendo acesso", declarou.

Observa-se o modo de operação ideológica de unificação, este tipo atua de forma peculiar para a relação de dominação, pois esta é estabelecida por formar uma unidade que reúne os indivíduo ou grupos de indivíduos em uma só entidade, independentemente das diferenças que se possam estabelecer entre eles.

Exemplo (14)

"Novo ministro da Saúde diz que atuação de médicos cubanos no Brasil parecia convênio entre Cuba e o PT."

Esse modo está ancorado na estratégia linguístico-discursiva de elementos semânticos com a intenção e referência de união através do verbo de modulação "parecer" entre Cuba e o PT. Isso se entrelaça perfeitamente com os discursos anteriormente vistos nos exemplos (13) e (14) com uma diferença porque agora também identificam o PT como estando dentro do eixo comunista, o qual exerce o poder como dominador. Fica ainda mais claro e direto essa interpretação através do seguinte exemplo:

Exemplo (15)

"Esse era um dos riscos de se fazer um convênio e terceirizando uma mão de obra tão essencial. Os critérios, à época, me parece que eram muito mais um convênio entre Cuba e o PT, e não entre Cuba e o Brasil, porque não houve uma tratativa bilateral, mas, sim, uma ruptura unilateral", afirmou o novo ministro.

Aqui, além de existir esse modo de operação ideológica de unificação entre Cuba e PT, em palavras de Henrique Mandetta, então Ministro de Saúde, distancia-se do comunismo com a negação de que o convenio não parecia ser uma articulação entre Cuba e Brasil, colocando-se, assim, em oposição com Cuba-PT e posicionando-se com o Brasil. Portanto, podemos dizer que existiria essa construção do nós *versus* eles, que é antagônica, na qual de um lado ficariam o nós como dominador, Brasil-Capitalismo e Cuba-PT- Comunismo. Assim, inferimos desses exemplos uma nova operação ideológica de fragmentação. Portanto, aqui, se reflete a ideologia conservadora, que se mostra como o lado da legalidade e do exemplo, no qual os convênios não 'parecem' unilaterais, e deixa a entender que a identidade dos/as médicos/as cubanos/as está atrelada ao eixo Cuba-PT- Comunismo, que seriam os que operam fora da lei, sem ter consideração pelos convênios.

4.7. Texto 7 – "Governo estuda substituir Mais Médicos por outro programa, diz porta-voz da presidência"[23]

Figura 14 – Texto 7: Governo estuda substituir Mais Médicos por outro programa, diz porta-voz da Presidência

Governo estuda substituir Mais Médicos por outro programa, diz porta-voz da Presidência

Programa foi lançado por Dilma para levar médicos ao interior e a periferias. Rêgo Barros não deu detalhes, disse que MEC vai 'levantar e agilizar questões relativas às avaliações dos médicos'.

Por Roniara Castilhos, TV Globo — Brasília
09/04/2019 18h58 · Atualizado há 2 anos

Otávio Rêgo Barros, porta-voz da Presidência — Foto: Marcos Corrêa/PR

O porta-voz da Presidência da República, Otávio Rêgo Barros, informou nesta terça-feira (9) que o governo federal estuda substituir o **Mais Médicos** por outro programa.

A lei que criou o Mais Médicos foi **sancionada em 2013** pela então presidente **Dilma Rousseff** com o objetivo de levar profissionais a cidades do interior e a periferias das grandes cidades.

"Programa de Médicos pelo Brasil: está sendo estudado como substituição ao programa Mais Médicos. Agora, em coordenação com o Ministério da Educação para levantar e agilizar questões relativas às avaliações dos médicos quando formados no exterior e até mesmo médicos estrangeiros que queiram compartilhar o seu conhecimento com a nossa sociedade". declarou o porta-voz, sem dar mais detalhes.
No fim do ano passado, logo após o presidente **Jair Bolsonaro** vencer a eleição, Cuba anunciou que os mais de 8,5 mil médicos do país **deixariam o programa** em razão de declarações "ameaçadoras" de Bolsonaro.

Em agosto do ano passado, por exemplo, Bolsonaro afirmou que, se eleito, **expulsaria os cubanos** do Brasil. Na ocasião, o programa contava com cerca de 16,5 mil médicos, e metade era cubana.

Diante da decisão de Cuba, anunciada após a eleição, o governo abriu novos editais e preencheu 7,1 mil postos. Mais de 1 mil médicos, porém, **já deixaram as vagas**.

Escolhemos analisar esse texto por ser a primeira notícia do portal *G1.com* em que se diz que o PMM iria ser renomeado para *Médicos pelo Brasil*. Além de que essa

[23]<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/09/governo-estuda-substituir-mais-medicos-por-outro-programa-diz-porta-voz-da-presidencia.ghtml>. Publicado em 09 abr. 2019, por Roniara Castilhos.

notícia, na qual podemos apreciar a renomeação do Programa para Médicos pelo Brasil, merece especial atenção, pois percebemos a introdução do Aparelho Ideológico do Estado para coordenar a expulsão dos/as médicos/as cubanos/as através do Ministério de Educação.

Exemplo (16)

"Programa de Médicos pelo Brasil: está sendo estudado como substituição ao programa Mais Médicos. Agora, em coordenação com o Ministério da Educação para levantar e agilizar questões relativas às avaliações dos médicos quando formados no exterior e até mesmo médicos estrangeiros que queiram compartilhar o seu conhecimento com a nossa sociedade", declarou o porta-voz, sem dar mais detalhes."

Poderia parecer ínfimo a questão da renomeação do PMM para Médicos pelo Brasil, mas por trás disso, escondem-se motores ideológicos muito poderosos. Primeiro, e mais importante, essa atitude indica uma ruptura com o anterior governo legítimo da Presidenta Dilma Rousseff, no qual foi sancionada a lei que criava o PMM, portanto é uma ruptura como o eixo abrangente Cuba-PT-Comunismo que foi moldado em discursos anteriores, como podemos ver nos exemplos (14) e (15), com o qual o governo atual de Bolsonaro se mostra em oposição radical, mostrando-se dentro do eixo EUA-Conservadorismo, como foi exemplificado no exemplo (13). Em segundo lugar, a escolha de trazer no nome do novo programa o nome do próprio país "Médicos pelo Brasil" traz-nos o sentido da exaltação à pátria, linha política que comunga com outros movimentos conservadores e ultraconservadores patrióticos. Com isso, então, percebemos que aqui poderíamos encontrar dois tipos diferentes de modo de operação ideológica: o primeiro seria o da fragmentação, ao diferenciar-se nos dois posicionamentos antagônicos políticos, e no segundo caso, seria o de dissimulação, em que se pretende ocultar o verdadeiro motivo pelo qual o nome do PMM é mudado. Assim, indistintamente, podemos afirmar que esses atos refletem claramente um tipo de ideologia conservadora e de exaltação à pátria e, em consequência, ao identificar aos/às médicos/as cubanos/as com o eixo Cuba-PT-comunismo, se lhes dá uma imagem de invalidez frente à atuação médica no país.

Por sua vez, no exemplo (16), anuncia-se, também, a "coordenação com o Ministério da Educação para levantar e agilizar questões relativas às avaliações dos médicos quando formados no exterior". Ou seja, o governo irá utilizar meios técnicos para 'agilizar' a expulsão dos/as médicos cubanos/as, como reconhecemos nos exemplos (5) e (9). É interessante apreciar que neste trecho de notícia, usa-se a estratégia linguístico-discursiva do eufemismo para

ocultar a prova da ‘Revalida’, que em notícias anteriores era recorrentemente utilizada, e que, neste caso, preferiram ocultá-la e chamá-la de ‘avaliações de médicos’. Portanto, aqui se reflete primeiro o uso do modo de operação ideológica de legitimação por racionalização para inclusão do Ministério da Educação como Aparelho Ideológico do Estado, como meio técnico para a realização da expulsão dos/as médicos/as cubanos/as do Brasil. E em segundo lugar, por meio do eufemismo existe um modo de operação ideológica de dissimulação para ocultar o Revalida como fundamento de dita expulsão dos/as médicos/as. Então, disso inferimos que há envolvida a ideologia conservadora, que toma aos/as médicos/as cubanos/as como estrangeiros indesejáveis que devem ser expulsos do Brasil.

4.8 Texto 8 – "Fora do Mais Médicos, cubanos caem na informalidade para viver no ac: 'dói encontrar pacientes na rua'"[24]

Figura 15 – Texto 8: Fora do Mais Médicos, cubanos caem na informalidade para viver no AC: 'dói encontrar pacientes na rua'

Fora do Mais Médicos, cubanos caem na informalidade para viver no AC: 'dói encontrar pacientes na rua'

Há médicos trabalhando como motorista de aplicativo, vendedores de produtos naturais e lingerie. 'Meu maior sonho é voltar a trabalhar como médico', diz Júan Carlos.

Por Lilian Lima, Jornal do Acre 2ª Edição — Rio Branco
22/04/2019 13h30 · Atualizado há 2 anos

Mesmo sem poder exercer a medicina após a **saída de Cuba do programa Mais Médicos,** 53 profissionais cubanos escolheram ficar no Acre. Agora, eles trabalham em diferentes áreas para conseguir sobreviver. A maioria está no trabalho informal.

O **Acre perdeu 104 profissionais** que atuavam em 20 municípios e dois distritos indígenas. O efetivo representava 63% dos médicos que atuavam pelo programa no estado, segundo a Secretaria de Estado de Saúde (Sesacre).

Ebert Leon é médico há 10 anos, veio de Havana, capital cubana, em 2016. Ele trabalhou por dois anos e cinco meses no posto de saúde Maria de Fátima Matos da Silva, em uma comunidade carente de Rio Branco, capital do Acre.

Ebert Leon é médico há 10 anos e está trabalhando como motorista de aplicativo no Acre — Foto: Reprodução/Rede Amazônica Acre

Nesse período, ele casou com uma brasileira e comprou um carro que agora usa para trabalhar como motorista de aplicativo. Foi a alternativa que encontrou para se sustentar no país que escolheu para viver.

> **"A gente tem que se sustentar, não é? Não aparece emprego fixo, aí temos que dar um jeito. Tive essa possibilidade, porque tinha carro e carteira de habilitação e vim trabalhar como motorista de aplicativo", disse Leon.**

São pelo menos 12 horas de trabalho por dia e entre uma corrida e outra ele estuda. Como o edital que ofertaria vagas para médicos formados no exterior sem o registro no Conselho Regional De Medicina (CRM) não saiu, ele se prepara para o Revalida - exame aplicado pelo Ministério da Educação para reconhecer diplomas de médicos formados em outros países.

Parte do dinheiro que ganha como motorista de aplicativo também é direcionad para este projeto. A etapa teórica do Revalida costuma ser realizada nas universidades federais de todo o país, já as etapas práticas não ocorrem em todos os estados. Então, é preciso se programar para viagens. O estado mais próximo do Acre que costuma ter essas etapas é o Amazonas (AM).

> **"Fazer corrida durante todo o dia é muito cansativo e à noite procuro planejar o que vou querer estudar durante o dia", afirmou o médico.**

[24] <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2019/04/22/fora-do-mais-medicos-cubanos-caem-na-informalidade- para-viver-no-ac-doi-encontrar-pacientes-na-rua.ghtml>. Publicado em 22 abr. 2019, por Lilian Lima.

Profissionais estão trabalhando em diferentes áreas para continuar vivendo no Acre — Foto: Reprodução/Rede Amazônica Acre

Trabalhos informais

O Ebert não é o único nessa situação. Ele reuniu alguns colegas do grupo de 53 médicos cubanos que decidiu morar no Acre. Quase todos tiveram que passar a exercer trabalhos informais para conseguir sobreviver.

Isabel Rodriguez revende peças íntimas. Juan Carlos produtos naturais. Deles, a que se deu melhor foi a médica cubana Yolaida Betancourt. Ela trabalhava em um posto de saúde em Acrelândia, município distante aproximadamente 120 quilômetros de Rio Branco.

Quando Cuba rompeu o acordo com o Brasil, a gestão municipal absorveu ela e outra médica cubana que decidiram ficar. Atualmente, Yolaida integra a equipe de vigilância epidemiológica da cidade.

> **"Eu fico longe do atendimento médico e isso dói, não é segredo para ninguém. Dói encontrar os pacientes na rua perguntando se a médica está no município, porque não está no posto de saúde. Eles perguntam 'em que posto a senhora está?, em que hospital e quando que a senhora vai voltar a trabalhar?'. Então, a gente fica sem jeito", contou a médica.**

Assistência aos médicos cubanos

Todos se submeteram a trabalhos informais, mas desejam e até buscam vagas no mercado formal. Eles até procuraram ajuda para isso. Tupinambás Lima é membro do Rotary Club e coordena esse trabalho de assistência aos médicos cubanos.

"Quando a gente fala 'médicos procurando trabalho de qualquer tipo', aí as pessoas têm aquele negócio da empatia, mas não da necessidade, mas com relação à condição profissional dele. Então, seria uma forma de a própria pessoa para empregar poderia estar criando constrangimento para si e para os profissionais", disse Lima.

O objetivo de todos eles agora é conseguir sobreviver no Brasil, o país que eles escolheram para viver. E a esperança maior é de que em algum momento o MEC lance o edital do Revalida.

"Todos temos esperança de voltar em algum momento. Que façam alguma lei para trazer-nos de volta para a medicina no Brasil", afirmou Isabel Rodriguez.

A última edição do exame foi em setembro de 2017, pouco mais de um ano antes da saída de Cuba do Mais Médicos e eles não participaram. O resultado final desse exame só saiu no início desse mês. Eles não têm ideia de quando um novo edital será aberto, mas seguem com o sonho de voltar a exercer a medicina.

> **"Eu faço curso pela Universidade de Minas Gerais e outras que dão oportunidade de continuar estudando. Porque meu maior sonho é voltar a trabalhar como médico", concluiu o médico Juan Carlos.**

RIO BRANCO

Exemplo (17)

“Fora do Mais Médicos, <u>cubanos caem na informalidade</u> para viver no AC.”

Podemos observar no exemplo (17), pertencente à manchete da notícia, a ideia da precariedade empregatícia que os/as médicos/as cubanos/as vivem após a saída do governo de Cuba do PMM e a permanência desses cubanos/as no Brasil, diluindo-se, assim, o sonho ‘brasileiro’ prometido nos exemplos (12) e (13).

Existe, no trecho “cubanos caem na informalidade” a estratégia linguístico-discursiva do apagamento ao não categorizar já os/as cubanos/as como médicos, isso é defendido anteriormente com o “Fora do Mais Médicos” o que validaria que esses/as cubanos/as já não são médicos/as. Agora são o que realmente eram: cubanos/as estrangeiros, quase que, diríamos, na ilegalidade ao se lhe atribuir sua nova forma de vida “informal”. Poderíamos dizer que aqui encontraríamos o uso do verbo “cair” para se referir ao trabalho, o que nos traz uma ideia negativa desse trabalho que pode ser tratado como se fosse ‘cair nas drogas’ ou ‘cair na prostituição’, portanto nos leva à ilusão da ilegalidade e de delinquência.

Cremos, por isso, que podemos identificar dois modos diferentes de operação da ideologia: o primeiro, atrelado ao eufemismo que seria a tradicional forma de dissimulação ideológica, na qual traz uma identidade do/a médico/a cubano/a como delinquente e de estrangeiro ilegal, e o segundo, atrelado ao apagamento do profissionalismo médico, o qual seria de unificação, em que juntam a todos os/as médicos/médicos cubanos/as em simplesmente cubanos, despojando-lhes da sua profissão.

4.9 Texto 9 – "Governo anuncia 18 mil vagas com salários de até r$31 mil no Novo Mais Médicos" [25]

Figura 16 – Texto 9: Governo anuncia 18 mil vagas com salários de até R$31 mil no novo Mais Médicos

Governo anuncia 18 mil vagas com salários de até R$ 31 mil no novo Mais Médicos

Profissionais do programa passarão por curso de dois anos e, se aprovados, contratação será regida pela CLT. MP entra em vigor na publicação, mas precisa ser aprovada pelo Congresso.

Por Rafaella Vianna e Guilherme Mazui, TV Globo e G1 — Brasília

01/08/2019 11h46 · Atualizado há 2 anos

O presidente **Jair Bolsonaro** e o ministro da Saúde, **Luiz Henrique Mandetta**, assinaram nesta quinta-feira (1º) a medida provisória que cria o programa Médicos pelo Brasil, que vai substituir o **Mais Médicos**.

No total, o programa terá 18 mil vagas, das quais cerca de 13 mil em cidades com dificuldade de acesso a médico.

O governo informou que pretende ampliar em cerca de 7 mil vagas a oferta de médicos para municípios com "maiores vazios assistenciais". Segundo a pasta, 4 mil novas vagas serão prioritárias para as regiões Norte e Nordeste.

A MP, assinada em cerimônia no Palácio do Planalto, entra em vigor assim que publicada no "Diário Oficial da União". Para se tornar lei, o texto precisará ser aprovado pelo Congresso Nacional em até 120 dias.

O presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, ao lado de parlamentares e outras autoridades na Cerimônia de lançamento do programa Médicos pelo Brasil, no Palácio do Planalto. — Foto: Marcos Corrêa/ Presidência da República

[25] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/01/bolsonaro-assina-mp-que-cria-novo-mais-medicos.ghtml>. Publicado em 01 ago. 2019, por Rafaella Vianna e Guilherme Mazui.

Mais médicos

O programa Médicos pelo Brasil deve substituir o programa Mais Médicos, criado em julho de 2013 pelo governo federal para fixar profissionais em regiões mal atendidas.

O programa admite médicos formados em universidades brasileiras ou com diploma do exterior e profissionais estrangeiros.

De acordo com o ministro Luiz Henrique Mandetta, o Mais Médicos e o Médicos Pelo Brasil funcionarão de forma paralela, inclusive nos mesmos municípios, até os finais dos contratos do primeiro programa.

Nesta quarta-feira (31), o **Ministério da Saúde renovou por mais três anos** a participação de profissionais brasileiros e estrangeiros do Mais Médicos aprovados pelo programa em julho de 2016.

Os profissionais que atuam no momento no Mais Médicos poderão trabalhar até o final de seus contratos. Para ingressar no Médicos pelo Brasil, será preciso passar pelo processo seletivo.

No caso dos médicos estrangeiros que trabalharam no Mais Médicos, Mandetta explicou que, neste momento, só trabalharão aqueles revalidaram diploma de medicina no Brasil.

"Neste texto que nós mandamos [da MP] não há nada que trate sobre revalidação de diplomas, nem para estes médicos [cubanos] e nem para os milhares de brasileiros que foram fazer medicina no Paraguai ou Bolívia", afirmou o ministro.

Conforme Mandetta, o governo não encerrará o Mais Médicos para evitar um "vazio" no atendimento dos municípios beneficiados.

O governo fará a seleção para o novo programa após a aprovação da MP no Congresso Nacional e a sanção da lei pelo presidente da República.

O ministro acredita que até novembro será possível ter a lei sancionada e a seleção dos profissionais estruturada. Ele, contudo, não estabeleceu uma data para a primeira seleção.

Mandetta estimou eu ao final de 2020 será possível ter quase todas as 18 mil vagas do Médicos Pelo Brasil ocupadas.

"Vamos conviver com o programa anterior e o programa novo, porque eu não vou anular a lei anterior [do Mais Médicos] de uma vez. Eu poderia criar um vazio até se fazer todo o processo seletivo. Então, a gente vai coexistir", afirmou o ministro.

Mandetta declarou que considera "extremamente apropriado" o número de 18 mil vagas que o novo programa oferecerá. Segundo ele, o Brasil formará 350 mil médicos em uma década, profissionais que costumam trabalhar por 40 anos.

"Essa profissão vai se estabilizar em 1,6 milhão de médicos. 18 mil nos pareceu um número extremamente apropriado para garantir que nós tenhamos mão de obra", disse o ministro.

Ele frisou que o novo vínculo de trabalho é mais atraente, já que haverá carteira assinada, salários mais altos, estabilidade e a possibilidade de escolha do local de trabalho conforme a classificação na seleção.

O presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, durante cerimônia de lançamento do Programa Médicos pelo Brasil — Foto: Marcos Corrêa/ Presidência da República

Novo programa

De acordo com o ministro da Saúde, o programa Médicos pelo Brasil terá como foco o envio de profissionais para as cidades mais vulneráveis do país e a formação de médicos especialistas em Medicina de Família e Comunidade.

O texto da MP diz que podem aderir voluntariamente ao programa os municípios de "pequeno tamanho populacional, baixa densidade demográfica e distância relevante de centros urbanos, com base em classificação definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, incluídos os distritos sanitários especiais indígenas ou comunidades ribeirinhas".

Ainda de acordo com o texto, também poderão se inscrever os municípios de alta vulnerabilidade, "com alta proporção de pessoas cadastradas nas equipes de saúde da família que recebam benefício financeiro do Programa Bolsa Família, benefício de prestação continuada ou qualquer benefício previdenciário até o limite de dois salários-mínimos".
Segundo o governo, 4,8 mil municípios no país, serão divididos em cinco categorias no novo programa:

- Rurais remotos
- Rurais adjacentes
- Intermediários remotos
- Intermediários adjacentes
- Urbanos

Entenda as principais mudanças

- **Processo seletivo:** antes, os profissionais se inscreviam pela internet. Agora, haverá um processo seletivo com critérios técnicos, não será apenas uma inscrição. Só podem participar médicos com registro em Conselho Regional de Medicina.
- **Formação:** os profissionais inscritos precisarão obrigatoriamente passar por uma formação de dois anos em Medicina de Família e Comunidade. Só depois disso haverá contratação. Antes, a exigência de especialidade não existia.
- **Curso:** para concluírem a especialização, os profissionais precisarão apresentar, como Trabalho de Conclusão de Curso, uma análise da saúde local no lugar onde estão atuando. A ideia do Ministério da Saúde é que sejam feitos planos de avaliação e ação em todos os locais em que esses profissionais atuarão.
- **Contratação:** será feita só após a obtenção do certificado de especialista em Medicina de Família e Comunidade, e no regime CLT. Antes, era paga apenas uma bolsa, sem vínculo empregatício, e por tempo determinado.

Orçamento

O secretário de Atenção Primária à Saúde do ministério, Enzo Harzheim, informou que o orçamento do novo programa em 2020 ficará na faixa de R$ 3,4 bilhões, valor previsto em 2019 para o Mais Médicos. A expectativa é não superar este teto nos próximos três a quatro anos.

O secretário explicou que há folga orçamentária para custear o aumento de vagas e de salários (atualmente, 14 mil médicos recebem R$ 12 mil mensais) do novo programa.

Ele relatou que o Mais Médicos "tem um problema de execução orçamentária", em razão das etapas de convocação dos profissionais, o que em alguns casos leva um ano. "Nunca se gastou R$ 3,4 bilhões", disse.

Contratações

Conforme o Ministério da Saúde, o processo seletivo para contratação de médicos será eliminatório e classificatório. O processo será para duas funções diferentes:

- Médicos de família e comunidade: médico com registro profissional (CRM), que será alocado em unidades de saúde da família para fazer curso de especialização em medicina de família e comunidade.
- Tutor médico: profissionais especialistas em medicina de família e comunidade ou de clínica médica, ambos com registro profissional, que serão contratados via CLT e atenderão em unidade de saúde da família.

Para ser contratado, o médico precisará ter registro no Conselho Regional de Medicina e ser aprovado em um curso de formação supervisionado, com duração de dois anos. Durante este período o profissional receberá uma bolsa-formação. Ao fim do curso, será feita uma prova para obtenção do título de especialista em Medicina de Família e Comunidade.

Só quem conseguir o título é que poderá ser contratado pelo programa Médicos pelo Brasil, com vínculo empregatício pelo regime da CLT. Isso vai garantir, por exemplo, que os profissionais tenham 13º salário e tenham mais estabilidade.

O Ministério da Saúde informou que nos dois primeiros anos do programa, os profissionais que fizeram curso de especialização receberão uma bolsa no valor de R$ 12 mil mensais, com gratificação de R$ 3 mil para locais considerados remotos e de R$ 6 mil para atuação com indígenas e localidades ribeirinhas e fluviais.

Segundo o Ministério da Saúde, os médicos que farão o curso de especialização terão jornada semanal de 60 horas, das quais:

- 40 horas de atendimento direto à população
- 20 horas de atividades teóricas

O médicos serão supervisionados por seus tutores, que atuam no programa, durante uma semana a cada dois meses.

Os médicos aprovados no curso farão prova para obter título de especialista em medicina de família e comunidade, o que permitirá a contratação com carteira assinada no programa.

A contratação via CLT terá quatro níveis salariais com progressão a cada três anos de participação no programa. Também haverá gratificações, assim, o primeiro nível salarial poderá chegar a R$ 21 mil e a R$ 31 mil, conforme a localidade de atuação.

A contratação será feita no âmbito Agência para o Desenvolvimento da Atenção Primária à Saúde (Adaps), criada pela MP assinada nesta quinta. A entrada dos médicos no programa acontecerá por processo seletivo, coordenado pela agência.

A Adaps atuará como serviço social autônomo, promovendo a execução de políticas de desenvolvimento da atenção primária à saúde, no âmbito do SUS, e incentivando o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, integrando ensino e serviço.

Índices de saúde

Com o novo programa, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, explicou que indicadores de saúde como mortalidade infantil, amputações de pé diabético e tempo médio de amamentação serão levados em consideração na distribuição de recursos para a atenção primária no Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo Mandetta, o assunto está em discussão com o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.

"Hoje sempre é pago, pelo modelo atual, pelo que tem, número de pessoas e equipes. A gente vai partir agora não pelo que tem, vai dar garantia para eles receberem pelo que têm, mas vai também por indicadores. Aonde você vai ter também flutuação, vai ser variável também", disse Mandetta.

Apreciaremos o último texto a ser analisado, tomando 2 exemplos em conjunto, o tema em geral do artigo seria a apresentação do programa Médicos pelo Brasil, onde se delineiam as linhas básicas do novo programa em contraposição ao PMM. Esse artigo e os exemplos extraídos dele funcionam como validação do exemplo (16), em que se executa a diferenciação, Cuba-PT-comunismo *versus* Brasil-EUA-conservadorismo, e a suposta superioridade do segundo.

Já na manchete, exemplo (18), podemos observar o modo de operação ideológica de legitimação por fundamentos racionais, por meio dos dados 'objetivos' "18mil vagas com salários de até R$31mil" impõem a dominação do novo programa com respeito ao PMM, que seria entendido aqui como um programa falido, subordinado ao governo da Presidenta Dilma Rousseff.

O modo de operação ideológica da fragmentação é aqui repetido, exemplo (19), para identificar os dois grupos marcados nos eixos Cuba-PT-comunismo *versus* Brasil-EUA-conservadorismo. É claro que a estratégia linguístico-discursiva usada neste caso é de origem sintática, os dominadores nós *versus* os dominados eles. Cremos intuir que no exemplo (19) se encontraria o modo de operação ideológica de legitimação por fundamento carismáticos ao se fazer referência ao Presidente Jair Bolsonaro como assinante da medida provisória que cria o novo Programa, quer dizer, é pelo caráter excepcional do Presidente que existe essa quebra do antigo e ruim PMM e sua extensão, o eixo Cuba-PT-comunismo, e o novo e bom, Programa Médicos pelo Brasil e sua extensão, Brasil-EUA-conservadorismo, propiciando, assim, ideologia conservadora que reflete uma imagem sobre os/as médicos/as cubanos/as atrelados ao PMM como inválida e falida.

Exemplo (18)

"Governo anuncia 18 mil vagas com salários de até R$ 31 mil no novo Mais Médicos."

Exemplo (19)

"O presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, assinaram nesta quinta-feira (1º) a medida provisória que cria o programa Médicos pelo Brasil, que vai substituir o Mais Médicos."

4.10 Discussão final: uma outra história

As estruturas linguístico-discursivas empregadas nos textos das notícias selecionadas em nosso *corpus* apresentam diluídas relações de dominação marcadas pelos modos de operação ideológica. A relação de ordem de discurso entre as notícias nos leva a intuir um projeto organizado pela mídia imperante no país de desarticulação do PMM em virtude do desprestígio profissional dos/as médicos/as cubanos/as ligado à condição da própria origem de Cuba, integrando Cuba dentro do eixo Cuba-PT-comunismo.

Na ordem do discurso podemos seguir um fio condutor que nos leva à identificação dos/as médicos/as cubanos/as como, primeiro, problema fundamental da comprovação veraz da sua tecnicidade relativa ao conhecimento da ciência médica. Em segundo lugar, cria-se e usa-se os o artefatos opressores, como são o Revalida, exame de comprovação de conhecimentos para o exercício da medicina no Brasil, para a execução do plano de expulsão dos/as médicos/as cubanos/as, identificados como estrangeiros indesejáveis, serventes da ditatura comunista cubana. E por último, uma vez expulsados estes/as médicos/as cubanos/as indesejáveis, se revela que os cubanos/as que ficaram no Brasil com a 'esperança' de uma vida melhor, são identificados como não médicos, pois estes não podem exercer a medicina e são relegados a trabalhos que, na consciência coletiva, são de menor *status* e de maior esforço físico, revelando, assim, a suposta verdade de que realmente não são médicos.

Essas análises mostraram que em todo esse processo de deslegitimação do PMM e dos médicos/as cubanos/as, podemos situar esses acontecimentos dentro de uma questão mais ampla que é o modo com que As Américas foram constituídas pelo capitalismo, na colonização, e como essas relações de colonização ainda se perpetuam.

Então, partir da colonização, os dominantes capitalistas vão lendo o mundo a partir de uma hierarquização, uma organização do trabalho, a partir das relações de colonização que hoje continuam como modos de colonialidade. Essa organização do trabalho pode ser representada numa hierarquização racial no contexto das Américas (QUIJANO, 2005). E essa hierarquização das pessoas é racial porque são aqueles sujeitos que estão ligados aos povos originários, e no caso das Américas, aos povos indígenas e os negros.

Essa exploração se dá não apenas pela classe, mas também pela raça, como por exemplo em Cuba, quando se contrapõe a esse modelo capitalista ligado ao sistema

moderno Colonial. Por Cuba estar em eixo diferente, e em uma posição diferente, e se contrapor ao colonialismo-capitalismo. O que representa o eixo Cuba-PT-comunismo é rechaçado pela ideologia capitalista-conservadora no Brasil, que atravessa as matérias analisadas do portal *G1.com*.

A mídia, então, está situada nessas práticas discursivas jornalísticas. Elas estão a serviço do sistema colonialista-capitalista-conservador, colocam-se como Aparelhos Ideológicos do Estado. As notícias do portal *G1.com* refletem uma continuidade das relações de colonialidade, porque trazem essa voz que tenta colonizar os/as médicos/as cubanos/as deslegitimando sua própria prática médica, tirando seu direito de exercer a medicina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a apresentação do objeto desta pesquisa, podemos observar que a alocação do/as médicos/as cubanos/as pelo PMM no Brasil foi de grande interesse da mídia brasileira, portanto, nosso objetivo de analisar as identidades dos/as médicos/as cubanos/as projetas pelas notícias no portal *G1.com* não foi fátuo, nem moribundo, já que nossas suposições que consistiam nas hipóteses de que encontraríamos estratégias linguístico-discursivas (van Dijk, 2003, 2008 e 2016), que tenderiam a ancorar modos gerais de operação da ideologia (Thompson, 2015), e que estes iriam refletir Ideologia (Thompson, 2015) no discurso midiático das notícias do portal *G1.com*, foram validadas pelas nossas análises direcionadas por um arcabouço teórico-metodológico de acordo com o esperado de uma pesquisa em LA, refletindo, por sua vez, sobre a Indisciplinaridade, característica da Linguística Aplicada desenvolvida por Moita Lopes (1996, 2006 e 2013) e outros autores como Szundy e Fabricio (2019).

Partindo do modelo tridimensional de Fairclough (2016), e dando relevância à Linguística Sistêmico-Funcional de Hallyday (1985) até os últimos avanços da matéria, com o decolonizar dos EDC de Rensende (2020) apontando a van Dijk como um dos percursores desta visão, em conjunção com o conceito de Ideologia, partindo de Althusser (1996), passando para Thompson (2011), e seus Modos Gerais de Operação Ideológica, criamos uma ferramenta poderosa para alcançarmos nossos objetivos.

Respondendo às nossas perguntas de pesquisa que motivaram esta investigação, refletiremos sobre os resultados das análises realizadas. Pela ordem, listaremos cada uma das perguntas e, com base nos resultados da investigação, responderemos a cada uma:

1. Quais estruturas linguístico-discursivas (van Dijk, 2003, 2008, 2016) empregadas pelos jornalistas do portal *G1.com* sustentam os modos gerais de operação ideológica (Thompson, 1995) sobre o/a médico/a cubano/a do PMM nas notícias do Portal *G1.com*?

Baseados nas estruturas linguístico-discursivas de van Dijk (2002, 2008, 2016) podemos indicar que uma das estratégias mais usadas pelos jornalistas do portal *G1.com* foi o uso de elementos semânticos, nestes casos, o uso desta estratégia faze uma interpretação do significado do léxico empregado, sobretudo, no uso de verbos, os quais eram usados para o desprestígio dos/as médico/as cubanos/as comparando-os com os médicos/as brasileiros/as, como pudemos apreciar nos exemplos (1) e (2).

Outras estratégias mais usadas e mais interessantes de serem analisadas nestas matérias se encontram no texto 4, como o uso de construções sintáticas nas quais as relações de poder estão ao serviço de indicar as relações assimétricas entre dominadores e dominados na clássica diferenciação entre o nós *versus* eles.

Seguindo o fio condutor, passamos agora a responder nossa segunda pergunta motivadora da pesquisa.

2. Quais modos gerais de operação ideológica (Thompson, 1995), que emergem das estruturas linguístico-discursivas (van Dijk, 2003, 2008, 2016), são mais recorrentes nas notícias do portal *G1.com* sobre o médico/a cubano/a do PMM?

Sem nenhum tipo de dúvida, o modo de operação ideológica que mais aparece nas matérias do portal G1.com é o de legitimação, e entre os três tipos de fundamentos que Thompson (1995) define, racional, tradicional e carismática, identificamos o de fundamentação racional. Depreendemos aqui que a mídia, em seu discurso, tenta, ao menos na maioria das vezes, sustentar sua posição dentro da hegemonia através de dados, como no exemplo (18), ou, sobretudo, na sustentação com base da legalidade e na preservação das leis existentes no Brasil, como nos exemplos relacionados ao Revalida, exemplos (3), (5) e (9).

Relativo a essa última questão, o Revalida, compreendemos que seja outro tipo de modo de operação, também muito utilizado em nosso *corpus*, que seria o de dissimulação, como no exemplo (15), no qual entendemos que por meio da estratégia do eufemismo (VAN DIJK, 2003, 2008, 2016), que é a forma mais comum de realização da dissimulação, há a operação que tenta ocultar seu verdadeiro fim, que seria o uso do Revalida como Aparelho Opressor do Estado para a expulsão dos/as médicos/as cubanos/as do Brasil.

Por último, passamos a responder a terceira pergunta motivadora de pesquisa, para fechar nossa sumarização ao respeito das análises.

3. Qual Ideologia (Thompson, 1995), refletida pelos modos gerais de operação da ideologia (Thompson, 1995), é empregada no discurso midiático das notícias sobre os/as médicos/as cubanos/as do PMM no portal *G1.com*?

Claramente, a Ideologia refletida pelo nosso *corpus* de análise posiciona-se do lado do conservadorismo-liberalismo, integrado sobretudo, pela identificação do eixo

EUA-Brasil-capitalismo como ente dominador, como podemos perceber nos exemplos (15) e (16), em contraposição ao eixo Cuba-PT-comunismo como ente dominado, relacionado amplamente com os/as médicos/as cubanos/as.

Esta Ideologia conservadora-liberalista expressa-se de forma sobretudo xenófoba, como observamos nos exemplos (3) e (9). Retratando aos/às médicos/as cubanos/as como estrangeiros desprezíveis que devem abandonar o Brasil, pois seu profissionalismo é posto em dúvida e negada, pelo fato de não ter provas de que sejam realmente médicos/as, e pela sua identificação com o eixo Cuba-PT-comunismo, representado como vilões e delinquentes.

Portanto, podemos concluir que o impacto da mídia no contexto da globalização sobre a diversidade cultural tem constituído, sem dúvida, um impulso ao renovado interesse das ciências sociais pelo tema da identidade. A globalização é representativa das respostas que está oferecendo a Linguística Aplicada Indisciplinar ao desafio que implica entender um dos componentes sociais mais vulneráveis ante o processo de globalização: a identidade.

Ao mesmo tempo em que os processos identitários têm se convertido em um dos espaços de expressão mais dinâmicos das transformações atuais geradas pela decolonização, esta tem obrigado às ciências sociais a criticarem os paradigmas tradicionais e a incorporar novos conceitos, metodologias e esquemas explicativos, descritivos ou interpretativos. A decolonização transcende a dimensão espaço-temporal que, até algumas décadas atrás definiam o marco das interações sociais, e tem impactado de tal maneira o pensamento científico ocidental, que as dualidades e dicotomias paradigmáticas do método científico tradicional devem ser repensadas. Portanto, a decolonialidade obriga a reconhecer fronteiras e limites ainda não precisos, e resultam em operações para analisar processos exaustivos. Sob esta perspectiva amplamente tratada na literatura, a decolonialidade obriga a outorgar um papel decisivo aos vínculos e continuidades entre fenômenos, processos e contextos sociais, uma vez que o desafio científico consiste em desterritorializar, eliminar fronteiras entre disciplinas e entre os fatos da realidade, tal como acontece na LA Indisciplinar. Essa proposta, porém, incita a se perguntar se a complexização da realidade derivada da decolonialidade tem um fundamento epistemológico, ou se tal complexidade é a que demanda uma dinâmica diferente da Indisciplinaridade. Resulta inquestionável que a decolonização é um processo histórico que afeta em maior ou menor medida todos os habitantes do planeta.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, M. P. T., Crítica Insurgente e o discurso do lado de cá: Por uma ADC desde e para a América Latina. *In:* RESENDE, V. (Org.). **Descolonizar os estudos críticos do discurso**, Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 145-170.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. *In:* ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-142.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. *In:* BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 13-36.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BATISTA JR.; J. R.L., *et al* (Org.). **Análise de discurso critica para lingüistas e não lingüistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra, **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CAÑETE, A. **De Aristóteles para Heidegger-Gadamer**. Hermenéutica como Filosofía Práctica. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia), Universidad Nacional de Educacion a Distancia, Madrid, 2013.

CAÑETE, A., *et al*. Prática social. *In:* IRINEU, L. M., *et al* (orgs.). **Análise de discurso crítica**: conceitos chave. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 25-44.

CASTELS, M. La era de la información. *In:* CASTELS (org.). **El poder de la identidad**. México, Distrito Federal: Siglo XXI Editores. 2001, p.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Edinburgh: University Press, 1999.

CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. (orgs.). **Discurso e sociedade:** práticas em análise do discurso. Pelotas: ALAB/EDUCAT, 2001.

CORONIL, F., Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. *In:* LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Ciccus, 2005, p. 50 – 62.

CHALMERS, A.F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasilense, 1993.

DA SILVA ALVES, A.E., **Análise de discurso crítica do golpe de 2016 na mídia hegemônica brasileira**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

Davidson, D. **De la verdad y de la interpretación**: Fundamentales contribuciones a la filosofía del lenguaje. Barcelona: Gedisa, 2001.

DIEGUEZ, A. **Filosofía de la ciencia**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2005.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In:* LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Ciccus, 2005, p. 24 - 32.

EAGLETON, T. **Ideologia:** Uma introdução, São Paulo: Editora Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis**: The critical study of language. Londres: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N., **Analysing discourse:** Textual analysis for social research. Londres: Routledge. 2003.

FAIRCLOUGH, N. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en Ciencias Sociales. *In:* WODAK, R; MEYER, M. (Eds.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança Social**. Brasília: editora UnB, 2016.

FEYERABEND, P. **Consolando o especialista**. Londres: University of California, 1965.

_____. **Explicación, reducción y emprismo**, EdicionesPaidós, Barcelona, 1989.

_____. **Contra o Método**. São Paulo, Unesp, 2007.

_____. **Adeus à razão**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

FOWLER, R.; KRESS, G. Critical linguistics. *In:* FOWLER, R. *et al.* **Languages and control**. Londres: Routledge,1979, p. 185-213.

FRAIJÓ, M. **Filosofia de la religión**: Estudios y texto. Madrid: Trotta, 2010.

GADAMER, H-G. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES MARTINS, E. P. **A constatação da corrupção enquanto performatização de um discurso:** uma análise de reportagens de veja em casos de corrupção política. 2013. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

_____. **Problemas do consórcio análise do discurso crítica/realismo crítico:** descrevendo os circuitos e os cursos de ação para uma análise sócio-crítica do discurso. 2018. 239 f. Tese (Doutorado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HABERMAS, J. **La lógica de las ciencias sociales**. Madrid: Tecnos, 1988.

HALLIDAY, M. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Edward Arnold, 1985.

_____. **Spoken and Written Language**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HARVEY, D. **Justice, nature, and geography of difference**. Oxford: Blackwell, 1996

HOYNINGEN-HUENE, P. Kuhn, Feyerabend e Incomensurabilidade. *In:* LACERDA, L. H, (Org.). **Kuhn, Feyerabend e Incomensurabilidade**: textos selecionados. São Leopoldo: EUVRS, 2012.

IRINEU, L. M. et al (org.). **Análise de discurso crítica**: conceitos chave. Campinas: Pontes Editores, 2020.

KEMPER, E. S.; MENDOÇA, A. V. M.; SOUSA, M. F. Programa Mais Médicos: Panorama de Produção Científica, **Ciência&SaúdeColetiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 9, p. 2785 – 2796, set. 2016

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Ciccus, 2005.

LAUDAN, L. **Progress and It Problems.** Berkeley: University of California Press, 1977.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: UnB, 2017.

MARCONDES, D. **Filosofia Analítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MIGNOLO, W. D.; A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade, *In:* LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: Ciccus, 2005, p. 33-49.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? *In:* SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística aplicada e transdiciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras,1998.

MOITA LOPES, L. P. Contempaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos, **Scripta**, Minas Gerais, v. 7, n.14, 2004, p. 159-171.

_____. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Linguística aplicada na modernidade tardia**. Parábola: São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, M. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

PAIVA, V. L. M. de O. **Manual de pesquisa em estudos lingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PENNYCOOK, A. A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. *In:* SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Lingüística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.

PEIXOTO, M. E. G. **Análise de discurso crítica textualmente orientada do escândalo político midiático "petrolão":** a mediação textual o evento e seusefeitos de hegemonia, ideologia e antagonismo social. 2018. 246 f. Tese (Doutorado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

PEREIRA A.; TEIXEIRA, L. M.; PEIREIRA, R. Discurso. *In:* IRINEU, L. M. *et al* (Org.). **Análise de discurso crítica**: conceitos chave. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 25-44.

PEREIRA, R. C.; ROCA, M. Del P. (Orgs.). **Linguística aplicada:** um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2011.

POPPER, K. R. **La lógica de lainvestigación científica**. Madrid: Tecnos, 1971.

PUTNAM, H. Three Kinds of Scientific Realism, **Philosophical Quarterly**, Illinois, EUA, v. 32, n. 128, p. 195-200, 1982.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina, em LANDER, E. (Org.), **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Ciccus, 2005, p. 107-126.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis :Vozes, 2011.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RESENDE, V. (Org.). **Descolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

RESENDE, V. Estudos Críticos do Discurso, Decolonialidade e outras histórias. *In:* IRINEU, L. M. *et al.* (Org.). **Análise de discurso crítica**: conceitos chave. Campinas: Pontes Editores, 2020.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

SÁNCHEZ, J. J. La esperanza incumplida de las victimas: Religión em la Teoria Crítica de la Escuela de Frankurt. *In:* FRAIJÓ, M. (Org.). **Filosofia de la religión**: Estudios y texto. Madrid: Trotta, 2010, p. 617 – 646.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultix, 2012.

SOUZA, L. **Representações do "Programa Mais Médicos" pelo *site* Pragmatismo Político e pelo Portal do Conselho Federal de Medicina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SZUNDY, P. T.; TILIO, R.; DE MELO, G. C. (Orgs.). **Inovações e desafios epistemológicos em lingüística aplicada:** perspectivas sul-americanas. Campinas: Pontes, 2019.

THOMPSON, J. B**. Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN DIJK, T. A. **Ideología y discurso:** una introducción multidisciplinar. Barcelona: Ariel, 2003.

_____. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contextos, 2008.

_____. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Revista Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. esp., p. 8-29, nov. 2016.

VAN LEEUWEN, T., A representação dos atores sociais. *In:* Pedro, E. R. (Org.). **Analise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

Walsh, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar e Ediciones ABYA-YALA, 2009

WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003.

ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ANEXO A - CARTA DE SAÍDA DOS/AS MÉDICOS/AS CUBANOS/AS DO GOVERNO CUBANO

PORTAL GRANMA (ÓRGANO OFICIAL DEL COMITÉ CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA)

DECLARACIÓN DEL MINISTERIO DE SALUD PÚBLICA: CUBA ANUNCIA SALIDA DEL PROGRAMA MÁS MÉDICOS DE BRASIL

El presidente electo de Brasil, Jair Bolsonaro, con referencias directas, despectivas y amenazantes a la presencia de nuestros médicos, ha declarado y reiterado que modificará términos y condiciones del Programa Más Médicos, con irrespeto a la Organización Panamericana de la Salud

Autor: Ministerio de Salud Pública | internet@granma.cu
14 de noviembre de 2018 09:11:05

El Ministerio de Salud Pública de la República de Cuba, comprometido con los principios solidarios y humanistas que durante 55 años han guiado la cooperación médica cubana, participa desde sus inicios en agosto de 2013 en el Programa Más Médicos para Brasil. La iniciativa de Dilma Rousseff, en ese momento presidenta de la República Federativa de Brasil, tenía el noble propósito de asegurar la atención médica a la mayor cantidad de la población brasileña, en correspondencia con el principio de cobertura sanitaria universal que promueve la Organización Mundial de la Salud.

Este programa previó la presencia de médicos brasileños y extranjeros para trabajar en zonas pobres y apartadas de ese país.

La participación cubana en el mismo se realiza a través de la Organización Panamericana de la Salud y se ha distinguido por ocupar plazas no cubiertas por médicos brasileños ni de otras nacionalidades.

En estos cinco años de trabajo, cerca de **20 mil** colaboradores cubanos atendieron a **113 millones 359 mil** pacientes, en más de **3 mil 600** municipios, llegando a cubrirse por ellos un universo de hasta **60 millones** de brasileños en el momento en que constituían el **80 por ciento** de todos los médicos participantes en el programa. Más de **700** municipios tuvieron un médico por primera vez en la historia.

La labor de los médicos cubanos en lugares de pobreza extrema, en favelas de Río de Janeiro, Sao Paulo, Salvador de Bahía, en los 34 Distritos Especiales Indígenas, sobre todo en la Amazonía, fue ampliamente reconocida por los gobiernos federal, estaduales y municipales de ese país y por su población, que le otorgó un **95 por ciento** de aceptación, según estudio encargado por el Ministerio de Salud de Brasil a la Universidad Federal de Minas Gerais.

El 27 de septiembre de 2016 el Ministerio de Salud Pública, en declaración oficial, informó próximo a la fecha de vencimiento del convenio y en medio de los acontecimientos en torno al golpe de estado legislativo-judicial contra la presidenta Dilma Rousseff que Cuba "continuará participando en el acuerdo con la Organización Panamericana de la Salud para la aplicación del Programa Más Médicos, mientras se mantengan las garantías ofrecidas por las autoridades locales", lo cual se ha respetado hasta este momento.

El presidente electo de Brasil, Jair Bolsonaro, con referencias directas, despectivas y amenazantes a la presencia de nuestros médicos, ha declarado y reiterado que modificará términos y condiciones del Programa Más Médicos, con irrespeto a la Organización Panamericana de la Salud y a lo convenido por esta con Cuba, al cuestionar la preparación de nuestros médicos y condicionar su permanencia en el programa a la reválida del título y como única vía la contratación individual.

Las modificaciones anunciadas imponen condiciones inaceptables e incumplen las garantías acordadas desde el inicio del Programa, que fueron ratificadas en el año 2016 con la renegociación del Término de Cooperación entre la Organización Panamericana de la Salud y el Ministerio de Salud de Brasil y el Convenio de Cooperación entre la Organización Panamericana de la Salud y el Ministerio de Salud Pública de Cuba. Estas inadmisibles condiciones hacen imposible mantener la presencia de profesionales cubanos en el Programa.

Por tanto, ante esta lamentable realidad, el Ministerio de Salud Pública de Cuba ha tomado la decisión de no continuar participando en el Programa Más Médicos y así lo ha comunicado a la Directora de la Organización Panamericana de la Salud y a los líderes políticos brasileños que fundaron y defendieron esta iniciativa.

No es aceptable que se cuestione la dignidad, la profesionalidad y el altruismo de los colaboradores cubanos que, con el apoyo de sus familias, prestan actualmente servicios en 67 países. En 55 años se han cumplido 600 mil misiones internacionalistas en 164 naciones, en las que han participado más de 400 mil trabajadores de la salud, que en no pocos casos han cumplido esta honrosa tarea en más de una ocasión. Se destacan las hazañas de la lucha contra el ébola en África, la ceguera en América Latina y el Caribe, el cólera en Haití y la participación de 26 brigadas del Contingente Internacional de Médicos Especializados en Desastres y Grandes Epidemias “Henry Reeve” en Pakistán, Indonesia, México, Ecuador, Perú, Chile y Venezuela, entre otros países.

En la abrumadora mayoría de las misiones cumplidas los gastos han sido asumidos por el gobierno cubano. Igualmente, en Cuba se han formado de manera gratuita 35 mil 613 profesionales de la salud de 138 países, como expresión de nuestra vocación solidaria e internacionalista.

A los colaboradores se les ha mantenido en todo momento el puesto de trabajo y el 100 por ciento de su salario en Cuba, con todas las garantías laborales y sociales, como al resto de los trabajadores del Sistema Nacional de Salud.

La experiencia del Programa Más Médicos para Brasil y la participación cubana en el mismo demuestra que sí se puede estructurar un programa de cooperación Sur-Sur bajo el auspicio de la Organización Panamericana de la Salud, para impulsar sus metas en nuestra región. El Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo y la Organización Mundial de la Salud lo califican como el principal ejemplo de buenas prácticas en cooperación triangular y la implementación de la Agenda 2030 con sus Objetivos de Desarrollo Sostenible.

Los pueblos de Nuestra América y del resto del mundo conocen que siempre podrán contar con la vocación humanista y solidaria de nuestros profesionales.

El pueblo brasileño, que hizo del Programa Más Médicos una conquista social, que confió desde el primer momento en los médicos cubanos, aprecia sus virtudes y agradece el respeto, sensibilidad y profesionalidad con que le atendieron, podrá comprender sobre quién cae la responsabilidad de que nuestros médicos no puedan continuar prestando su aporte solidario en ese país.

La Habana, 14 de noviembre de 2018

(http://www.granma.cu/cuba/2018-11-14/declaracion-del-ministerio-de-salud-publica-14-11-2018-09-11-05 acesso: 21/09/2020)